



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LETRAS E LINGUÍSTICA**



**JOÃO VICTOR DE ARAÚJO FERNANDES CURSINO**

**A RELAÇÃO IMAGEM/TEXTO: O DISCURSO DO “FAZER  
POLÍTICA” NO BRASIL EM CAPAS DA REVISTA VEJA  
DURANTE O GOVERNO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES  
(PT)**

**MACEIÓ - AL**

**2017**

JOÃO VICTOR DE ARAÚJO FERNANDES CURSINO

**A RELAÇÃO IMAGEM/TEXTO: O DISCURSO DO “FAZER  
POLÍTICA” NO BRASIL EM CAPAS DA REVISTA VEJA  
DURANTE O GOVERNO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES  
(PT)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas, para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inez Matoso  
Silveira

Co-orientadora: Profa. Dra. Fabiana Pincho  
de Oliveira

**MACEIÓ - AL**

**2017**

**Catlogação na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- C977r Cursino, João Victor de Araújo Fernandes.  
A relação imagem/texto : o discurso do “fazer política” no Brasil em capas da revista Veja durante o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) / João Victor de Araújo Fernandes Cursino. – 2018.  
109 f. : il.
- Orientadora: Maria Inez Matoso Silveira.  
Coorientadora: Fabiana Pincho de Oliveira.  
Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística. Maceió, 2017.
- Bibliografia: f. 105-109.
1. Análise do discurso. 2. Semiótica social. 3. Imagem-texto. 4. Visão política e social. 5. Multimodalidade. I. Título.

CDU: 801:070



UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA



PPGLL

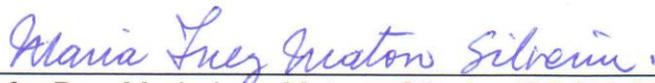
## TERMO DE APROVAÇÃO

**JOÃO VICTOR DE ARAÚJO FERNANDES CURSINO**

Título do trabalho: "A RELAÇÃO IMAGEM-TEXTO: O DISCURSO DO FAZER POLÍTICA NO BRASIL EM CAPAS DA REVISTA VEJA DURANTE O GOVERNO DO PT"

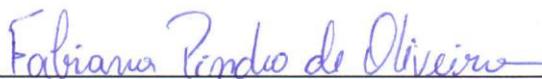
DISSERTAÇÃO aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:



Profa. Dra. Maria Inez Matoso Silveira (PPGLL/Ufal)

Co-orientadora:



Profa. Dra. Fabiana Pincho de Oliveira (Ufal)

Examinadores:



Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes (Ufal)



Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)

Maceió, 20 de dezembro de 2017.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus e à Virgem Maria que, em nenhum momento de minha vida, deixaram-me desamparado.

À minha família (mãe, pai, irmãzinha, avôs, bisavô) e a tantos outros que já se foram desta vida, mas que contribuíram para a formação do homem que hoje sou. E àqueles que continuam lutando por mim diariamente (avós, irmãs, tios/as, primos/as). São eles a razão pela qual continuo acreditando no bem e lutando em busca de um futuro melhor para todos nós.

À Taís e às pessoas de sua família (sobretudo sua mãe), pelo incentivo, apoio e tantas outras contribuições. Talvez o futuro não nos mantenha próximos, mas não posso deixar de agradecer por tudo que aconteceu durante os últimos anos. Gratidão em todos os momentos.

À minha orientadora Profa. Dra. Inez Matoso e à minha co-orientadora, Profa. Dra. Fabiana Pincho de Oliveira, por suas admiráveis posturas diante da minha pesquisa, demonstrando as excelentes professoras/pesquisadoras que são, além de uma sensibilidade gigante como seres humanos. Queria ter as melhores palavras para agradecer tamanha contribuição, mas como não consigo mensurar minha gratidão, deixo aqui enfatizado, com muita honra, todo o meu respeito.

Agradeço à banca de qualificação composta pelos professores Prof. Dr. Aldir Santos de Paula e Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes pela leitura atenciosa de cada capítulo e pelas contribuições valiosas para a escrita desta dissertação. Reitero o agradecimento por aceitarem compor também a banca de defesa.

Aos meus amigos e minhas amigas da Ufal, desde os colegas da graduação que foram parceiros e contribuíram para que eu chegasse a ser aprovado na seleção de mestrado: Geisiana, Neto, Lauro, Martina, Mariana, Nathália, Milena, Eduarda, Eglina, Adriana, Rusanil, Jade, Flávio, Kleiton, Marija e outros/as (o pessoal do espanhol); Kadú, Day, Diogo, Estêvão, Marília, Gustavo, Pedro, Victor, Virgínia e outros/as (meus queridos petianos); Karol, Felipe, Leandro e outros/as (monitoria, Pibic e corredores do João de Deus), até meus queridos de disciplinas no mestrado, nos congressos e reflexões nas mesas das lanchonetes e restaurantes: Julianna, Cristiane, Roseane, Danielle, Silvana, Cecília, Fábio, Paulo, Niedja, Álvaro, Bruno, Islan, Mayara, Mírian, Vanessa, Simone, Nilson, Giuliano, Josenildo (foi bastante atencioso comigo), Edu, Alessia,

Dorgicleiton e, especialmente, Flávia e Samuel. Flávia foi uma grande amiga, uma pessoa fundamental para que eu continuasse e não desistisse do mestrado. Samuel foi mais que um amigo, ele foi quase uma espécie de co-orientador e irmão. Sou-lhe extremamente grato por suas contribuições e amizade.

Aos/às meus/minhas professores/as da Educação Infantil (tia Silvana, Zeneide e Ana Márcia), do Ensino Fundamental (Auxiliadora, Márcio, Joel, Barros, Fátima e outros/as), do médio (Everton, Lêda, Andréa, Tiago, Priscila, Herick e outros/as) e aos professores-doutores que me marcaram na Universidade: Roberto Sarmento, Rita Zozoli, Helson Sobrinho, Aldir Santos, Eliane Barbosa, Jacqueline Vásquez, Laurenny Lourenço, Krystianny Azambuja, Lígia Ferreira, Denilda Moura, Maria do Socorro Aguiar, Maria Francisca, Virgínia Amaral, Paulo Stella e, especialmente, Núbia Bakker, minha tutora do PET, grande exemplo de professora e de pessoa humana. Agradeço novamente à Profa. Adna de Almeida Lopes, pois foi ela quem me introduziu na pesquisa através dos Projetos Integradores, além de participar da minha banca de TCC e de Mestrado. Foi com ela que realizei as minhas primeiras análises da relação entre imagem e texto. Agradeço novamente à Profa. Inez Matoso, que entrou na minha vida quando compôs minha banca de TCC e também por meio de seu livro *Modelos Teóricos & Estratégias de Leitura: suas implicações no Ensino* e agora, recentemente, acolheu-me como orientando e com todo zelo e paciência conduziu-me no término desta dissertação. Sou-lhe muito grato! E finalmente, agradeço de novo à queridíssima Profa. Fabiana de Oliveira que, além de minha mestra, foi uma grande amiga e parceira desde o início da graduação. Foi com ela que comecei a superar meus desafios na escrita quando ela era minha professora lá no primeiro período. Tive a oportunidade de ser seu colaborador, durante dois ciclos, no PIBIC, em que conseguimos excelência acadêmica; fui seu orientando de monitoria, de TCC. Ela também foi uma das maiores incentivadoras para que eu viajasse à Argentina, para fazer intercâmbio, e tive sua colaboração e incentivo no ingresso ao mestrado. Por outra dádiva de Deus, esta exemplar professora e pesquisadora cruzou novamente meu caminho e acolheu-me também na pós-graduação. Como diria a Profa. Inez, ela sempre foi minha madrinha. Muito obrigado, professora Fabiana! Você fez e faz diferença na minha vida!

Não poderia deixar de agradecer a Gabi que, com muito carinho e paciência, fez o *Abstract* desta dissertação. Obrigado!

Agradeço ao Thiago Nascimento, um amigo que conheci no EJC e com quem depois convivi no PET. Ele me orientou muito no processo para a consecução da minha bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – Fapeal.

Agradecimentos muito especiais à Fapeal, que acreditou e financiou minha pesquisa. Esta instituição tem toda minha gratidão e respeito.

Por último, não menos importante, aos meus amigos da vida que compartilharam e compartilham as diversas experiências comigo, torcem por mim e estão por perto sempre que preciso: aos amigos de infância, os presentes do EJC, do ECC e da Igreja, de modo geral, do futebol, do *trekking* (Trilokos), a todos e a todas. O que eu sou hoje é um pouco de cada um de vocês. Muito obrigado!

As imagens não apenas representam o mundo, mas fazem parte dele e são construídas nele.  
(KRESS; van LEEUWEN, 1996).

## RESUMO

Na vida moderna, as imagens estão cada vez mais recorrentes no nosso cotidiano e os efeitos disso influenciam a nossa maneira de perceber, pensar e reagir nas nossas relações pessoais e institucionais. Os textos visuais que circulam na sociedade não são construídos desprovidos de intenções, mas estão repletos de finalidades por parte de quem os constrói. Surge a necessidade do letramento visual pelo fato de imagens estarem presentes nas diversas práticas sociais. Nessa perspectiva, este trabalho se situa na área da Semiótica Social, mais especificamente, nas relações entre a imagem e suas subjacências materializadas no discurso. Nosso objetivo é desvelar a posição político/ideológica da Editora Abril, por meio da descrição, análise e interpretação da materialidade discursiva presente nas imagens associadas ao texto verbal apresentadas nas capas da revista *Veja* durante o governo do Partido dos Trabalhadores (2002 – 2016) a frente da Presidência do Brasil. Vários autores discutem acerca do estudo sistemático da imagem e da relação multimodal entre o texto visual e o texto verbal: Dionísio (2011); Kress & Van Leeuwen (1996); Barthes (1961, 1964); Martinec & Salway (2005); Carney e Levin (2002); Gomes (2015), entre outros. A Análise do Discurso de linha francesa, fundamentada nas ideias de Michel Pêcheux (1993, 1997a, 1997c, 2006), funciona como suporte teórico para nossas análises por meio de suas categorias. Foram selecionadas cinco capas da revista *Veja*, publicadas entre os anos de 2002 e 2016, como *corpus* para descrição/análise/interpretação por meio da Abordagem Sociosemiótica, de Kress & Van Leeuwen (1996) e as categorias de análise da AD, de Michel Pêcheux, além de contribuições de outras teorias que serviram de suporte como a Teoria das Cores. Os resultados obtidos demonstraram o potencial das imagens no plano da expressão e da produção de sentido. Podemos considerar a importante contribuição da gramática visual de Kress & Van Leeuwen (1996) na leitura de imagens, em que solidifica um modelo de análise de estruturas visuais via uma sintaxe particular das imagens. O discurso reproduzido nas capas atende à posição ideológica que nutre a perspectiva do Capital, que seria, segundo Vasconcelos e Cavalcante (2013), o discurso da classe dominante. O corpo editorial da revista *Veja* enuncia o discurso da ideologia do Capital através da materialização do texto escrito e das imagens presentes nas capas. A veiculação de posições político/ideológicas por meio de revistas de circulação nacional seria um modo de fazer política no Brasil.

Palavras-chave: Discurso. Imagem-texto. Semiótica Social. Multimodalidade. Fazer Política.

## ABSTRACT

In modern life, the visual texts are increasingly recurrent in our daily lives and the effects of this influence the way we perceive, think and react in our personal and institutional relationships. The visual texts that are to be found in society are not built without intentions, but are full of purposes by the one who builds them. The need for visual literacy arises because images are present in many social practices. In this perspective, this study is situated in the Social Semiotics area, more specifically, in the relations between the image and its underlying embodied in the discourse. Our purpose is to reveal the political / ideological position of Editora Abril, through the description, analysis and interpretation of the discursive materiality present in the images associated with the verbal text presented in the covers of *Veja* magazine during the government of the political party 'Partido dos Trabalhadores' (2002 - 2016), which led the presidency of Brazil. Several authors discuss the systematic study of the image and the multimodal relationship between the visual text and the verbal text: Dionísio (2011); Kress & Van Leeuwen (1996); Barthes (1961, 1964); Martinec & Salway (2005); Carney and Levin (2002); Gomes (2015), among others. The analysis of the French Speech Discourse, also called Discourse Analysis (DA), based on the ideas of Michel Pêcheux (1993, 1997a, 1997c, 2006), works as a theoretical support for our analysis through its categories. Five covers of *Veja* magazine published between 2002 and 2016 as a *corpus* for description/analysis/interpretation were selected using the Socio-demographic Approach, by Kress & Van Leeuwen (1996) and Michel Pêcheux's analysis categories of DA, as well as of contributions from other supporting theories such as Color Theory. The results obtained demonstrated the potential of images in the plane of expression and the production of meaning. We can consider the important contribution of the visual grammar of Kress & Van Leeuwen (1996) in the reading of images, in which they solidifies a model of analysis of visual structures via a particular syntax of the images. The discourse reproduced in the covers meets the ideological position that nourishes the perspective of Capital, which would be, according to Vasconcelos and Cavalcante (2013), the discourse of the ruling class. The editorial board of *Veja* magazine enunciates the discourse of the ideology of Capital through the materialization of the written text and the images present in the covers. The distribution of political/ideological positions through magazines of national circulation would be a way of doing politics in Brazil.

Keywords: Speech. Image-text. Social Semiotics. Multimodality. Making Politics.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

- GDV** – Gramática do Design Visual  
**GSF** – Gramática sistêmico – funcional  
**PT** – Partido dos Trabalhadores  
**AD** – Análise do Discurso  
**FI** – Formação Ideológica  
**FD** – Formação Discursiva  
**FHC** – Fernando Henrique Cardoso  
**PSDB** - Partido da Social Democracia Brasileira

## **LISTA DE QUADROS**

- Quadro 1:** Definição dos modos de representação da multimodalidade  
**Quadro 2:** Funções da imagem de Carney e Levin (2002)  
**Quadro 3:** Taxonomia das relações entre imagens e texto  
**Quadro 4:** Descrição das funções do nível 2  
**Quadro 5:** Descrições das relações lógico-semânticas de Expansão  
**Quadro 6:** Descrições das relações lógico-semânticas de Projeção  
**Quadro 7:** Funções da imagem segundo Luis Camargo (1998)  
**Quadro 8:** Transcrição da materialidade discursiva verbal na capa nº 2450  
**Quadro 9:** Transcrição da materialidade discursiva verbal na capa nº 2470  
**Quadro 10:** Transcrição da materialidade discursiva verbal na capa nº 2189  
**Quadro 11:** Transcrição da materialidade discursiva verbal na capa nº 1775  
**Quadro 12:** Transcrição da materialidade discursiva verbal na capa nº 1910

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Relação de Ancoragem em presidiários detrás do muro
- Figura 2:** Relação de Ilustração em foto de médico dando uma notícia
- Figura 3:** Relay em tirinhas de Mafalda
- Figura 4:** Maior parte da informação concentrada na imagem e não no texto
- Figura 5:** Relação de status de igualdade/independência em placa de aviso de proibição
- Figura 6:** Placa de aviso de proibição utilizando o modo verbal
- Figura 7:** Placa de aviso de proibição utilizando o modo visual
- Figura 8:** Relação de status de complementariedade em propagando do sabão em pó
- Figura 9:** Relação de status de desigualdade/toda imagem subordinada à parte do texto
- Figura 10:** Relação de status de desigualdade/todo texto subordinado a parte da imagem
- Figura 11:** Presente simples: texto subordinado à imagem – processo material
- Figura 12:** Presente simples: texto subordinado à imagem – processo comportamental
- Figura 13:** Verbo no passado que têm efeito contrário: imagem subordina-se ao texto
- Figura 14:** Relações lógico-semânticas entre imagem e texto - Martinec & Salwey (2005)
- Figura 15:** Relação de Elaboração/exemplificação/texto mais geral que imagem
- Figura 16:** Relação de Expansão/extensão em foto e legenda em jornal online
- Figura 17:** Relação de Expansão/ampliação de tempo e lugar
- Figura 18:** Projeção/locução e projeção/ideia em tirinha de Garfield
- Figura 19:** Relações entre imagem e texto de Martinec & Salwey (2005)
- Figura 20:** Esquema do significado das cores
- Figura 21:** Edição da revista Veja, publicada em 9 de abril de 1980
- Figura 22:** Capas da revista Veja em que aparece Lula, publicadas entre 2002 e 2016
- Figura 23:** Capas da revista Veja selecionadas para análise desta pesquisa
- Figura 24:** Edição da revista veja de nº 2450
- Figura 25:** Irmãos metralha
- Figura 26:** Edição da revista veja de nº 2470
- Figura 27:** Edição da revista veja de nº 2496, publicada em 21 de setembro de 2016
- Figura 28:** Edição da revista veja de nº 2527, publicada em 26 de abril de 2017
- Figura 29:** Edição da revista veja de nº 2339, publicada em 19 de julho de 2017
- Figura 30:** Edição da revista veja de nº 2189
- Figura 31:** Edição da revista veja de nº 1775
- Figura 32:** Logo do partido PSDB
- Figura 33:** Edição da revista veja de nº 1910
- Figura 34:** Edição da revista veja de nº 1785, publicada em 15 de janeiro de 2003

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO II – ESTUDO SOCIOSEMIÓTICO DA IMAGEM, A CONTRIBUIÇÃO DA SEMIOLOGIA E A ANÁLISE DO DISCURSO.....</b>	<b>21</b>
2.1 Multimodalidade: o texto verbo-visual.....	23
2.2 Abordagens teóricas de estudo de textos multimodais .....	27
2.3 A Abordagem de Kress & Van Leeuwen (1996).....	28
2.4 A abordagem de Roland Barthes (1970).....	31
2.5 O modelo de Carney e Levin (2002).....	33
2.6 O modelo de Marsh e White (2003) .....	35
2.7 O modelo de Martinec e Salwey (2005) .....	38
2.9 Teoria da Forma: Ponto/Linha/Plano e a Teoria das Cores .....	50
2.10 Análise do Discurso .....	57
<b>CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>67</b>
3.1 Tipo da Pesquisa .....	68
3.2 Contexto da Pesquisa .....	70
3.3 Objeto e Corpus de Pesquisa.....	72
3.4 Critérios de análise.....	75
<b>CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO <i>CORPUS</i> 77</b>	<b>77</b>
4.1 Análise discursiva e as categorias da AD .....	77
4.2 As metafunções da teoria Sociosemiótica e a relação entre o visual e o verbal..	84
4.3 Análise sistemática do texto visual .....	89
4.4 Composição da imagem na relação multimodal verbo-visual .....	93
4.5 Função representacional e os implícitos e silenciamentos.....	96
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>105</b>

## INTRODUÇÃO

As imagens estão cada vez mais recorrentes em nosso cotidiano. É comum sua presença na internet, TV, revistas, jornais, livros, textos publicitários, materiais didáticos, etc. Os avanços tecnológicos, principalmente o surgimento da internet, fizeram com que a imagem deixasse de ocupar apenas um lugar ilustrativo na composição do sentido do texto, isto é, o mundo contemporâneo é enxergado através de uma visão multissemiótica. O modo de comunicar-se na sociedade moderna é feito pela combinação de diferentes modos de representação, em que se destaca o texto visual.

A esse respeito, é importante considerar a afirmação de Dionisio e Vasconcelos (2013, p. 19), a seguir:

A sociedade na qual estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico multissemiótico.

Em outras palavras, as autoras advertem que na sociedade moderna estamos cercados por construções multimodais, em que os diferentes modos de expressão se combinam e produzem diversos efeitos de sentido.

O termo “multimodalidade” foi difundido por meio da Gramática do Design Visual (doravante GDV), produzida por Kress & Van Leeuwen (1996), que tem como base a linguística sistêmico-funcional de Halliday. Segundo Iedema (apud GOMES, 2015, p.1), “o termo multimodalidade surgiu para realçar a importância de levar em consideração os diferentes modos de representação: imagens, música, gestos, sons, espaço, etc., além dos elementos lexicais, nas análises de textos”. Kress e Van Leeuwen não buscavam desconsiderar o modo verbal (que eles chamam de “linguagem”), mas destacar a importância de outros modos semióticos para a produção de sentido juntamente com o modo verbal.

O surgimento da GDV serviu como um grande alerta para olhar as imagens como detentoras de significados nos textos produzidos. Dessa forma, surge uma preocupação para uma nova forma de letramento. O leitor não deve apenas se familiarizar com a multimodalidade, mas também construir uma visão crítica que lhe proporcione lidar com a nova realidade textual.

Dessa forma, concluímos que o mundo contemporâneo exige um letramento visual<sup>1</sup>, tendo em vista que a comunicação visual está presente nas diversas práticas sociais e “não ser ‘visualmente letrado’ começará a atrair sanções sociais. ‘Letramento visual’ começará a ser uma questão de sobrevivência, especialmente no ambiente de trabalho” (KRESS e van LEEUWEN, 1996, p.3).

Com os argumentos expostos, evidenciamos a necessidade do letramento visual pelo fato das imagens estarem presentes nas diversas práticas sociais. Podemos inferir desta reflexão que os textos visuais que circulam na sociedade não são construídos desprovidos de intenções, não são pensados de forma imparcial, mas estão repletos de intenções por parte de quem o constrói.

De acordo com as ideias de Kress, Leite-Garcia e van Leeuwen (2000), a vontade do construtor de um signo direciona a uma relação motivada entre significado e significante. Considerando o signo uma representação visual, podemos afirmar que esta construção está carregada de ideologia. Por isso, há necessidade de um estudo sistemático da imagem, por meio do suporte de uma teoria que nos ajude a desvelar o discurso subjacente à construção destes textos multimodais.

Na Análise do Discurso de linha francesa, fundamentada em Michel Pêcheux, encontramos suporte teórico, por meio das categorias de análise, para desvelar o discurso produzido através da materialização de uma capa de revista de circulação nacional. Para entendermos melhor o discurso como categoria de estudo e análise, apresentamos uma citação de Pêcheux:

[...] o discurso não se confunde com a língua, nem com a fala, nem com o texto; não é a mesma coisa que transmissão de informação, tampouco surge do psiquismo individual de um falante. “é acontecimento que articula uma atualidade a uma rede de memória [...]”. Todo discurso é índice de agitação nas filiações sócio-históricas” (PÊCHEUX apud FLORÊNCIO, 2009, p. 26).

Essa discussão leva-nos a alguns problemas, ou seja, às lacunas que, talvez, precisam ser preenchidas: 1. Necessidade de estudos e divulgação do papel e do poder da imagem na sociedade moderna; e 2. Importância de um letramento visual/discursivo em busca de perceber os discursos produzidos através da construção dos textos multimodais (visual e verbal).

Dessa forma, perguntamo-nos: Em que medida uma revista de grande circulação nacional pode divulgar uma posição política/ideológica através da imagem de suas

---

<sup>1</sup> Assumirei esta terminologia nesta dissertação baseado em Kress & Van Leeuwen (1996)

capas associadas ao texto verbal? Qual o discurso produzido através da construção do texto multimodal por uma revista de circulação nacional? Quais escolhas linguísticas e imagéticas são feitas para alcançar tais objetivos? Como o modo visual se relaciona com o modo verbal e juntos produzem sentido na capa da revista *Veja*? Quais as categorias de análise da AD podem ser observadas nas capas da revista *Veja*? Quais os efeitos de sentidos estão materializados nestas capas? Quais caminhos seguir para desvelar estes efeitos de sentido?

Esses questionamentos são resultados de nossas observações em capas de revista de grande circulação no país. Percebemos que durante o governo do PT na Presidência do Brasil (2002-2016), a figura do Ex-Presidente Luis Inácio Lula da Silva, principal líder do partido (PT), era recorrente na capa da revista *Veja*, da Editora Abril. A primeira vista, era perceptível que a figura de Lula era representada em forma de crítica, de ataque ao seu governo. Essa percepção, somada às leituras e pesquisas nos dois primeiros anos de mestrado, especialmente motivadas pelo curso de cinco disciplinas: Semântica Discursiva, Teoria do Discurso, Seminários Temáticos em Análise do Discurso: Processos Discursivos e Procedimentos Metodológicos, Estudo da Textualidade na Relação Imagem-Texto em (hiper)textos Impressos e Digitais e Tópicos Avançados em Estudos Textuais: hipertexto e gêneros textuais, ocasionou tais questionamentos.

Tais pesquisas e leituras fizeram-nos perceber que as possíveis respostas para os questionamentos anteriores poderiam ser encontradas através da contribuição de teorias que, primeiramente, oferecessem suporte para descrição e análise sistemática da imagem e da relação multimodal entre imagem e texto, na qual elegemos, principalmente, a Abordagem Sociosemiótica para leitura de texto visual, de Kress & Van Leeuwen (1996); em seguida, uma teoria em que tratasse da questão ideológica e dos discursos produzidos, na qual elegemos a Análise de Discurso de linha francesa, baseada nas ideias de Michel Pêcheux.

O objetivo geral desta pesquisa é desvelar a posição político/ideológica da Editora Abril, por meio da descrição, análise e interpretação da materialidade discursiva presente nas imagens associadas ao texto verbal, apresentadas nas capas da revista *Veja* durante o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) (2002 – 2016). Incluímos as capas do final de 2002, período após a vitória de Lula nas eleições para Presidente do Brasil. Nossos objetivos específicos são:

1. Estudar, refletir e utilizar as teorias que se dedicam à descrição sistemática da imagem e à relação entre modo verbal e modo visual, especialmente a Abordagem Sociosemiótica para leitura de texto visual, de Kress & Van Leeuwen (1996), denominada também como Gramática da Linguagem Visual (GVD), que realiza análise sistemática do texto visual por meio de três metafunções: **representacional, interativa e composicional**.

2. Recorrer ao suporte teórico da Análise do Discurso de linha francesa, baseado nas ideias de Michel Pêcheux, especialmente às denominadas categorias de análises utilizadas por essa teoria e assim identificar as **Condições de Produção** em que o discurso é produzido nas capas selecionadas; a partir dessa identificação perceber quais outros discursos estão **Implícitos** e quais são **Silenciados**; revelar a **Formação Ideológica**, ou seja, a posição de classe que a revista analisada atende e, conseqüentemente, atua numa **Formação Discursiva**; argumentar que os efeitos de sentidos produzidos e materializados no **Discurso** remetem a uma **Memória Discursiva** que justifica o **Interdiscurso** e a construção do **Intradiscurso**, pois relaciona o já dito e o que se diz; além de denunciar o **Lugar de Enunciação** do sujeito do discurso, ou seja, quem anuncia e de onde anuncia.

3. Alertar para um tipo “letramento visual” da sociedade moderna através de estudos e divulgação do papel e do poder da imagem nas diversas esferas da sociedade por meio de diferentes abordagens para leitura de textos multimodais.

Nossa pesquisa torna-se relevante pela presença e importância das imagens na sociedade moderna, em que são necessários estudos acadêmicos que busquem refletir sobre novas práticas linguísticas e diferentes formas de letramento.

Dessa forma, esta dissertação é importante por demonstrar possibilidades para a leitura sistemática do texto visual, desvelando os discursos materializados na construção dos efeitos de sentidos produzidos, além de expor diferentes teorias que podem contribuir para a leitura da imagem e da relação multimodal entre imagem e texto. Acreditamos que existem poucas pesquisas que buscam uma aproximação entre a proposta Sociosemiótica de Kress & Van Leeuwen e a Análise do Discurso, baseada nos princípios de Pêcheux.

Após a introdução, que consideramos como o **primeiro capítulo** desta dissertação, situamos no **segundo capítulo** a Semiótica Social como devedora de Saussure, pois foi ele que primeiro pensou num projeto de uma teoria geral dos signos,

denominada Semiologia. Esse projeto possibilitou o desenvolvimento de futuras pesquisas que estudassem os diferentes tipos de signos.

Além disso, discutimos diferentes abordagens de estudo de textos multimodais. Tanto propostas de análise para a relação entre texto visual e texto verbal, quanto as que argumentam acerca da análise sistemática da composição do texto visual, em que se destaca a Abordagem da Semiótica Social de Kress & Van Leeuwen (1996). São desenvolvidas também reflexões acerca do conceito de multimodalidade, que considera a imagem como dotada de significado e não apenas assume um papel ilustrativo.

O conceito de *multimodalidade* é central, pois discute e chama atenção para os diferentes modos de expressão (linguístico, visual, espacial, auditivo, gestual...). Essa linha de pensamento atrai o olhar para os textos visuais, ou seja, as imagens passam a serem percebidas como detentoras dos significados, qualidade que até então era primazia do texto escrito. Foi através da Gramática do Design Visual (GDV) produzida por Kress & Van Leeuwen (1996), que tem como base a linguística sistêmico-funcional de Halliday (1978), que o conceito de *multimodalidade* foi difundido. Consideramos o surgimento da GDV como um marco nos estudos sistemáticos das imagens.

Além da principal teoria selecionada para nossa análise, a Abordagem Sociossemiótica para leitura de texto visual, proposta por Kress & Van Leeuwen (1996), buscamos outras teorias que contribuíssem para o desvelamento dos significados contidos na imagem e que explicassem de que forma o modo visual se relaciona com o modo verbal. Ao escrever sobre essas teorias, tentamos ao máximo exemplificá-las e as utilizamos como suporte nas análises, demonstrando como elas são importantes para entender o processo de construção de texto visual e como imagem e texto se relacionam e juntos produzem sentidos. Foram estas as propostas: *A abordagem de Roland Barthes (1970)*, *o modelo de Carney e Levin (2002)*, *o modelo de Marsh e White (2003)*, *o modelo de Martinec e Salwey (2005)*, *a proposta de Luís Camargo (1998)*, *a Teoria das Cores*<sup>2</sup>*(1982, 1997, 2006)* e *a Teoria da Forma: Ponto/Linha/Plano (1987)*.

O segundo capítulo ainda é composto pela reflexão acerca da Análise do Discurso de linha francesa, filiada a Michel Pêcheux. Discorreremos de modo objetivo sobre as Categorias de Análise, especialmente o Discurso, que é nosso objeto de pesquisa. O discurso é o lugar onde se produzem os sentidos, é uma forma de

---

<sup>2</sup> Ao mencionar a Teoria das Cores, estamos nos referindo a Pedrosa (1982); Farina (2006) e Arnhem (1997), presentes nas referências deste trabalho.

materialização ideológica. Para se chegar ao discurso enunciado pela revista *Veja*, recorreremos às demais categorias de análise da AD e à construção multimodal entre imagem e texto, verificando de que forma essas modalidades foram materializadas nas capas e produziram os efeitos de sentido no discurso.

O **terceiro capítulo** é composto pela *Metodologia da Pesquisa*, em que salientamos o cuidado dos caminhos traçados pelo fato de estar trabalhando, principalmente, com duas teorias<sup>3</sup> nas análises: A abordagem Sociossemiótica de Kress e Van Leeuwen (1996) para leitura de texto visual e a Análise do Discurso de linha francesa, que forneceu algumas categorias de análise/ da qual utilizamos suas categorias de análise. Defendemos que há uma aproximação entre essas duas abordagens em relação ao caráter social da linguagem e à proposta de desvelamento naquilo que é posto como evidência.

No contexto da pesquisa, discutimos que o eixo motivador desta reflexão é a percepção da presença das imagens em nosso cotidiano como detentoras de sentidos, especialmente, a representação da figura do Ex-Presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, principal líder do PT, nas capas da revista *Veja*, da Editora Abril.

O discurso do fazer política no Brasil está materializado, através da relação multimodal imagem-texto, nas capas da revista *Veja* (2002-2016), em que aparece a imagem do Ex-Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o período em que o partido PT esteve a frente do governo federal, incluindo as capas do final de 2002, período após a vitória de Lula nas eleições para presidente.

Em nosso **quarto** e último **capítulo**, realizamos as análises desta dissertação. Fizemos a descrição, análise e interpretação sistemática do texto visual e da relação entre imagem e texto em cinco capas da revista *Veja* selecionadas entre 2002-2016. Os tópicos de análise foram intitulados da seguinte forma: *1. Análise discursiva e as categorias da AD; 2. As metafunções da teoria Sociossemiótica e a relação entre o visual e o verbal; 3. Análise sistemática do texto visual; 4. Composição da imagem na relação multimodal verbo-visual; 5. Função representacional e os implícitos e silenciamentos.*

Os resultados demonstram a grande contribuição da abordagem Sociossemiótica para leitura de imagens. Kress & Van Leeuwen (1996) conseguiram solidificar um modelo de análise de estruturas visuais via uma sintaxe particular das imagens. A

---

<sup>3</sup> Não utilizamos somente, nas análises, essas duas teorias citadas, mas incluímos as demais discutidas em nosso referencial teórico. Essas duas foram as principais.

presente análise sistemática do texto visual demonstrou o potencial das imagens no plano da expressão e da produção de sentido.

A utilização das demais contribuições teóricas nas análises demonstrou também o potencial destas reflexões para a produção de sentido por meio da análise sistemática do texto visual e da relação multimodal entre visual e verbal.

Inferimos como o construtor do texto multimodal escolhe cada detalhe para atingir seus objetivos de cunho ideológico. Identificando essas escolhas por meio da descrição/análise/interpretação, podemos compreender que posição de classe a Veja representa e a quem ela visa atingir.

Por meio também das categorias de análise da AD, desvelamos os sentidos produzidos, em que a revista Veja se opõe ao governo PT e busca atacá-lo com objetivo de enfraquecê-lo tanto para sua saída do poder no momento da publicação das capas quanto para uma possível reeleição em 2018. O corpo editorial da revista faz divulgar o discurso<sup>4</sup> da ideologia do Capital. Percebemos aqui os interesses de determinada classe, que neste caso é a classe dominante que se opõe à classe trabalhadora.

---

<sup>4</sup> Partimos do pressuposto que o discurso reproduzido ou atende à posição ideológica que nutre a necessidade dos trabalhadores e se vinculam a discursos mais progressistas ou atende à perspectiva do Capital, que seria o discurso dominante. Em outras palavras, defendemos, baseado em Vasconcelos e Cavalcante (2013, p.65), que [...] os discursos sempre se vinculam a determinadas formações ideológicas constituídas por representações que dizem respeito às posições de classe em conflito. Elas são balizadas na divisão de classes: classe dominante e classe dominada.

## **CAPÍTULO II – ESTUDO SOCIOSSEMIÓTICO DA IMAGEM, A CONTRIBUIÇÃO DA SEMIOLOGIA E A ANÁLISE DO DISCURSO**

Os princípios básicos da teoria linguística de Ferdinand de Saussure (o fundador da linguística moderna) influenciaram no desenvolvimento do estruturalismo semiótico e filosófico. A essência da contribuição de Saussure para a semiótica é o projeto de uma teoria geral de sistemas de signos que ele denominou Semiologia; em que o princípio básico dessa teoria é o modelo sígnico.

É justamente essa a maior razão de trazer à discussão saussuriana para esta pesquisa, ou seja, o fato dele fundar uma teoria geral dos signos, a Semiologia, que certamente contribuiu para o desenvolvimento das teorias semióticas. Saussure foi fundamental ao sinalizar o projeto semiológico, pois este panorama serviu de base para o desenvolvimento das teorias semióticas, incluindo a Semiótica Social, que fundamenta nosso trabalho.

Reconhecemos, nesta dissertação, a importante contribuição de Saussure ao fundar a Semiologia, pois possibilitou o desenvolvimento de futuras pesquisas que considerassem os aspectos funcionais, situacionais, contextuais ou comunicacionais, não se concentrando apenas no sistema (MARCUSCHI, 2008). Dentre estes estudos, especialmente, seguimos o trabalho de Michael A. K. Halliday (1925), que observa o texto na relação com o contexto, desenvolvendo reflexões sistemáticas a respeito do funcionamento do sistema na sua relação com o contexto situacional (MARCUSCHI, 2008, p.33).

As ideias de Halliday (1978) são centrais, pois fundamentaram a construção da Gramática do Design Visual de Kress & Van Leeuwen (1996).

Voltando à contribuição de Saussure: a fundação da teoria semiológica, no livro: *A semiótica no século xx*, de Winfried Noth (1996), há uma discussão que a semiologia era inicialmente, o projeto de uma futura ciência dos sistemas sígnicos. Saussure indicou seu lugar dentro do sistema geral das ciências. O termo ‘sémiologie’ foi aparentemente cunhado por Saussure para designar a ciência geral dos signos. O linguista expôs o seguinte esboço para o projeto da futura ciência:

Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral. Chamá-la-emos de semiologia (do grego semeion, ‘signo’). Ela nos ensinará em que consistem os signos, e as leis que os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela

tem direito, porém, á existência; seu lugar está determinado de antemão. A linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que regem à linguística e esta se achará vinculada a um domínio bem definido no conjunto à linguística e esta se achará vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (SAUSSURE, 1916, p.24 )

Nota-se nesta citação que o projeto de uma teoria geral dos signos era bastante ambicioso e não foi concretizado como se imaginava, no entanto orientou diversos estudos semióticos mesmo que numa relação de oposição ao que se pensava inicialmente. Ao considerar que tal ciência tinha direito a existência, Saussure indiretamente, germinou diversas possibilidades de estudo do signo.

O modelo de língua apresentado por Saussure no Curso de Linguística Geral serviu como um modelo de análise de outros signos.

Saussure faz outra menção à semiologia quando vai discutir a noção de signo:

Uma observação de passagem: quando a Semiologia estiver organizada, deverá averiguar se os modos de expressão que se baseiam em signos inteiramente naturais – como a pantomima – lhe pertencem de direito. Supondo que a Semiologia os acolha, seu principal objetivo não deixará de ser o conjunto de sistemas baseados na arbitrariedade do signo. [...] Pode-se, pois, dizer que os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que os outros o ideal do procedimento semiológico; eis porque a língua, o mais completo e o mais difundido sistema de expressão, é também o mais característico de todos, nesse sentido, a Linguística pode erigir-se em padrão de toda Semiótica, se bem a língua não seja senão um sistema particular. (SAUSSURE, 1916, p.82 )

Em relação à sistemática semiótica, Saussure enfatizou a necessidade de se estudar os signos dentro do sistema da língua. Segundo Noth (1996) é justificável designar Saussure como pioneiro da semiótica moderna.

Após refletir sobre a contribuição de Saussure para o desenvolvimento das correntes semióticas, elegemos e aprofundaremos às contribuições da denominada Semiótica Social, fundamentada em Kress & Van Leeuwen (1996), que tem como base a linguística sistêmico-funcional de Halliday (1978).

Discutiremos o conceito de multimodalidade difundido por essa corrente semiótica, enfatizando, principalmente, os modos de expressão: imagem e texto (linguagem) e as teorias que discutem a análise sistemática do texto visual e a relação imagem-texto.

## 2.1 Multimodalidade: o texto verbo-visual

A ideia de multimodalidade surgiu, dentro dos estudos da linguagem, influenciada pelos avanços tecnológicos, principalmente pelo surgimento da internet.

Kress, Leite-Garcia e Van Leeuwen (2000) afirmam, no texto “Semiótica Discursiva”, que nas sociedades ocidentais sempre houve primazia do texto escrito e oral, em que o material visual nunca era fonte de investigação dentre os pesquisadores.

Foram as inovações tecnológicas da chamada pós modernidade que provocou grandes mudanças na linguagem escrita. O novo modo de representação e comunicação necessita, além do texto escrito e oral, de imagens, sons, movimentos, que se relacionam e constroem novos sentidos.

De acordo com essa visão multissemiótica do texto seria impossível interpretar os textos produzidos na contemporaneidade com a atenção somente à língua escrita e oral, pois para ser lido e interpretado um texto deve combinar vários modos semióticos.

A imagem deixa de ocupar apenas um lugar ilustrativo, mas agora faz parte da composição do sentido do texto, o modo de comunicar agora é feito pela combinação de diferentes modos de representação.

O termo “multimodalidade” foi difundido através da Gramática do Design Visual (GDV) produzida por Kress & Van Leeuwen, que tem como base a linguística sistêmico-funcional de Halliday (1978).

Halliday propôs uma gramática denominada sistêmico-funcional (GSF), que considera o estudo lingüístico vinculado ao contexto (comunicação, cultura, interação...) e busca atender as necessidades dos falantes de interpretar a experiência humana e trocar com os outros, em resumo, a linguística sistêmico-funcional tenta compreender como a linguagem é usada dentro do contexto, que inclui os falantes. Tendo em vista que se percebeu a importância de se valorizar outros modos de expressão como as imagens, esta proposta se transformou na multimodalidade.

O conceito de multimodalidade nasce para realçar o papel da imagem como provedora de significados, não assumindo apenas uma função ilustrativa. O texto visual produzido carrega consigo a vontade de seu construtor e sua posição ideológica.

Em outras palavras, é dizer que as representações visuais estão carregadas de ideologia, isto é, a imagem não é construída de maneira imparcial, mas repleta de intenções por parte de quem a constrói. Por isso a necessidade de um estudo sistemático

da imagem, em que os semióticos sociais denominam sintaxe visual. Esta é a proposta de Kress & Van Leeuwen com a Gramática do Design Visual.

A proposta de Kress & Van Leeuwen (1996), com a Gramática do Design Visual, foi fazer um tipo de análise gramatical das imagens, ou seja, partindo das teorias gramaticais do texto verbal eles buscavam “regularidades para compreender de que forma os diferentes modos de representação visual e de relações entre si se tornam padrões” (ALMEIDA, 2008, pp. 11-12).

O surgimento da GDV serviu como um grande alerta para um olhar das imagens como detentoras dos significados nos textos produzidos. Como até então se valorizava o texto escrito e oral como únicos provedores de significação torna-se necessário, neste novo momento, uma preocupação para uma nova forma de letramento. O leitor não deve apenas se familiarizar com a multimodalidade textual, mas também construir uma visão crítica que lhe proporcione o olhar com essa realidade textual.

O mundo contemporâneo exige um letramento visual, tendo em vista que a comunicação visual está presente nas diversas práticas sociais e “não ser ‘visualmente letrado’ começará a atrair sanções sociais. ‘Letramento visual’ começará a ser uma questão de sobrevivência, especialmente no ambiente de trabalho” (KRESS e van LEEUWEN, 1996, p.3). A afirmação anterior é contundente, pois através dos meios de comunicação estamos imersos no mundo das imagens, principalmente no ambiente virtual onde sua utilização ganhou grande amplitude.

Por não existir um letramento adequado para a leitura crítica do texto visual também não há preocupação em modalizar com as imagens como ocorre com o texto escrito. Uma leitura crítica do texto visual seria aquela que o leitor letrado, ou seja, orientado acerca das reflexões advindas das teorias que discutem a relação multimodal, faria dos textos produzidos e circulados nos meios de comunicação, percebendo suas intenções, ideologias, ou seja, as razões pelas quais, por exemplo, uma imagem ou uma palavra foi escolhida para a composição deste texto.

Para melhor traduzir o pensamento dos autores referente à multimodalidade recorreremos à definição de Iedema (2003 apud GOMES, 2015, p.1) “o termo multimodalidade surgiu para realçar a importância de se levar em consideração os diferentes modos de representação: imagens, música, gestos, sons, espaço, etc. além dos elementos lexicais, nas análises de textos”. Kress e Van Leeuwen não buscavam desconsiderar o modo verbal (que eles chamam de “linguagem”), mas destacar a importância de outros modos semióticos para a produção de sentido juntamente com o

modo verbal. A seguinte citação de Kress (2011, p.42) confirma isto, além de advogar que é a inter-relação entre os diferentes modos que faz com os efeitos de sentido sejam produzidos:

Há um ponto forte para a multimodalidade como tal, ou seja, a afirmação de que "linguagem" é apenas um entre os recursos para produzir sentido, e que todos esses recursos disponíveis em um grupo social e suas culturas em um momento particular devem ser considerados como constituindo um domínio coerente e um campo integral de recursos. No entanto, tais recursos são distintos para produzir sentido, mas iguais potencialmente, em suas capacidades de contribuir na produção de sentido para uma entidade semiótica complexa, um texto ou um texto como entidade (KRESS 2011, p.42).

A multimodalidade é um gênero híbrido, ou seja, o conceito de *hibridismo*, de acordo com a Análise Crítica do Discurso, está associado ao conceito de multimodalidade na perspectiva Kress & van Leeuwen (1996). Entendendo hibridismo como um processo de construção de sentidos contemporâneo, definido pela alusão a limites tênues entre domínios que são tradicionalmente distintos e passam a compartilhar práticas discursivas semelhantes (FAIRCLOUGH, 2000 apud VIEIRA, 2015, p.22), corroboramos a ideia de multimodalidade, isto é, diferentes modos de expressão, provindos de diferentes campos do saber, reunidos, produzem sentidos num mesmo texto.

Estes modos estão bastante entrelaçados a ponto de não conseguirmos separá-los num texto multimodal, ou seja, é a relação entre eles que provocam os efeitos de sentidos. Isto porque não há uma hierarquização dos modos, em que o verbal é mais importante que o não-verbal ou vice-versa, ainda que num determinado texto uma imagem contribua mais que o texto escrito para a compreensão dele, é a relação entre os modos que garante a apreensão dos sentidos produzidos pelo texto. Estes diferentes modos de representação, entrelaçados numa relação multimodal, servem para “orquestrar” os sentidos de textos impressos (ou digitais).

Trata-se, portanto, de compreender o sentido dos textos como o resultado da inter-relação entre modos de expressão. São eles:

linguístico	linguagem oral e escrita
visual	imagens fixas e animadas, uso de cores, vetores e pontos de vista
espacial	layout e organização dos objetos no espaço, uso de proximidade, direção e posição
auditivo	música e efeitos sonoros, uso de volume, ritmo, tonicidade e intensidade
gestual:	expressões faciais e corporais
Tipográfico	tipos de fontes, cores, tamanhos, etc.

**Quadro 1:** Definição dos modos de representação da multimodalidade

Como comentado acima, Kress & Van Leeuwen (1996) defendem que a linguagem multimodal tem os recursos teóricos necessários para lidar com os textos multimodais da atualidade, que são frutos das mudanças causadas pela tecnologia e globalização.

Alguns autores, percebendo a circulação de textos multimodais no ambiente digital, relacionam a multimodalidade com os estudos sobre hipertexto, que incluem as particularidades dos links no ambiente virtual, que também são causas das mudanças que afeta a atual produção multissemiótica.

Segundo Gomes (2015, p.5), a presença do hipertexto atualiza o conceito de multimodalidade, que passa a ser definida, de acordo com o autor como multimodalidade hipertextual que “são as relações texto-imagem-som-gesto-espaço que ocorrem em ambientes exclusivamente digitais, por meio dos links (hipertextos)”.

Após a discussão sobre o percurso, em que as imagens deixaram de desempenhar somente uma função ilustrativa nos textos e passaram a deter os significados em si, por meio da criação do conceito de multimodalidade, dentro da Semiótica Social, buscaremos explicar como os sentidos são produzidos por meio da análise sistemática das imagens e da relação entre texto visual e texto verbal.

Não aprofundaremos nesta dissertação os diversos modos de representação já apresentados, mas focaremos em dois deles: o linguístico (especificamente o verbal) e o visual. Discutiremos, por meio de algumas propostas no referencial teórico e nas análises, como as imagens se relacionam com o texto e quais sentidos são produzidos.

É necessário neste momento tornar acessíveis as funções das imagens, socializando os pressupostos da Semiótica Social.

A próxima seção dedica-se a introduzir diferentes teorias da relação imagem-texto (visual-verbal), buscando explicar quais pressupostos estas propostas devem atender.

## **2.2 Abordagens teóricas de estudo de textos multimodais**

Esta seção discute algumas propostas teóricas que tentam explicar de que forma os modos visual e verbal se relacionam e constroem sentidos. Partimos do pressuposto de Kress (1997) de que a modalidade visual é fundamentalmente distinta da verbal em suas possibilidades de representação no mundo.

Estendemos, segundo Gomes (2015, p.1), que o modo visual refere-se “as imagens fixas e animadas, uso de cores, vetores e pontos de vistas”, já o verbal se refere à “linguagem escrita”.

No que toca à relação entre a linguagem escrita e as imagens, recorreremos aos questionamentos de Kress (1997) para entender o ponto de partida das formulações das teorias que discutem esta interação:

1. Língua(gem) e imagem desempenham o mesmo papel? Será que elas, de alguma maneira, podem desempenhar a mesma função?
2. Imagem e linguagem mantêm entre si uma relação de mera coexistência ou existe interação entre elas? Se linguagem e imagem não coexistem apenas, mas também interagem, quais são as consequências dessa interação? Se elas têm potenciais diferentes, terão também funções diferentes e tornar-se-ão especializadas como forma de representação e de comunicação?
3. A modalidade visual é sistemática, governada por regras e, como forma de representação, resulta dos valores culturais em que está inserida?

Esses questionamentos de Kress abrem um leque de possibilidades para desenvolvimento de teorias tanto a respeito do papel de cada modo e da interação entre eles no texto multimodal, quanto na descrição sistemática dos elementos que compõe a imagem.

Dessa forma, segundo Vieira (2015), uma teoria adequada para explicar as modalidades textuais multimodais deve ser pensada de modo a permitir tanto a

descrição de características específicas de um modo em particular (como citamos a descrição da imagem, por exemplo), bem como suas propriedades semióticas gerais com possibilidade para relacioná-las com outras modalidades semióticas. Esta última afirmação fundamenta a essência desta pesquisa, a relação entre as modalidades texto e imagem. Em uma análise procuraremos identificar os valores e as regras de organização dos sistemas de significados que formam a modalidade.

Devemos observar ainda, segundo Kress, Leite-Garcia e van Leeuwen (2000), que os textos multimodais, por um olhar da semiótica social, partem dos seguintes pressupostos:

1. A produção ou leitura dos textos é inserida na cultura e formam conjuntos de modos semióticos;
2. O modo de ler os textos multimodais deve considerar os textos coerentes em si mesmos;
3. Produtores e leitores exercem poder em relação aos textos;
4. Escritores e leitores produzem signos complexos que emergem do “interesse” do produtor do texto;
5. Os textos multimodais incorporam histórias sociais e culturais, contextos atuais e ações dos produtores dos signos sobre o contexto comunicativo;
6. A relação entre significante e significado é motivada e não arbitrária.

Observamos o pensamento dos teóricos da semiótica social acerca de como se imaginava o caminho a ser percorrido pelas teorias que discutiriam os textos multimodais.

Apresentaremos a seguir algumas visões relevantes que tentam explicar o que estes teóricos sugeriram: a relação entre as modalidades (texto e imagem, neste caso) e a descrição das características de uma modalidade (imagem). Vejamos às propostas.

### **2.3 A Abordagem de Kress & Van Leeuwen (1996)**

A proposta de Kress & Van Leeuwen é denominada como abordagem Sociosemiótica para leitura de texto visual. Este modelo é uma das principais

referências nos estudos sobre leitura de imagens, pois abre um panorama amplo que até então não existia sobre as possibilidades de analisar às imagens e outros códigos semióticos de modo sistemático e profundo.

A teoria foi publicada no ano de 1996 com o título “*Reading Images: The Grammar of Visual Design*” e não foi traduzida ao português. Baseados na Gramática Sistemático-Funcional, de Halliday, publicada em 1970, Kress & Van Leeuwen criaram a Gramática do Design Visual (GDV) seguindo os princípios das pesquisas verticalizadas, que reconhecem os elementos verbais e não verbais na composição de significados.

Jewitt & Oyama (2001) descrevem bem o objetivo da Semiótica Social:

O enfoque da semiótica social da comunicação visual está na descrição dos recursos semióticos, o que pode ser dito e feito com as imagens (e outros modos de comunicação) e como o que as pessoas dizem e fazem com as imagens pode ser interpretado. (JEWITT & OYAMA, 2001, p.134)

Segundo os autores, a abordagem social lida com recursos, ou seja, possibilitam a criação de relações simbólicas entre os que produziram a imagem, os leitores e os lugares, as pessoas ou coisas que aparecem nas imagens.

Almeida (2008, p.9) afirma que a GDV advoga “a conscientização das imagens [...] enquanto códigos dotados de significado potencial, imbuídos de estruturas sintáticas próprias”, isto é, as imagens não apenas ilustram ou estão em função do texto verbal, mas carregam em si o propósito comunicacional, passíveis de serem analisadas sistematicamente por possuírem estruturas particulares.

Esta é a grande contribuição da Gramática Visual: propiciar um modo sistemático de análise de estruturas visuais via um conjunto de regras e normas formais (ALMEIDA, 2008, p. 10). Halliday tinha o mesmo pensamento, pois buscava, através da GSF, regularidades para entender de que maneira os distintos modos de representação visual e de relação entre si se tornavam padrões.

Em termos de análise, os autores argumentam que a linguagem visual utiliza uma organização que se dá por meio de três estruturas de representações básicas, as denominadas metafunções: **representacional** (descreve os participantes de uma ação), **interativa** (descreve as relações sócio-interacionais construídas pela imagem) e a **composicional** (que combina seus elementos).

A gramática da linguagem visual proposta por Kress & Van Leeuwen é muito mais complexa do que apresentaremos aqui, no entanto tentaremos oferecer, baseado

em Gomes (2015, p. 5), os tópicos principais que servem de base para uma análise sistemática do texto visual por meio das metafunções que detalharemos adiante.

Na metafunção **representacional** ocorre representação das experiências de mundo por meio da imagem. Os significados são realizados pelos participantes representados, que podem ser indivíduos, lugares ou coisas; o que está sendo mostrado, o que está acontecendo e as relações entre eles. Os participantes podem ser apenas **representados** (passivos) ou **interativos** (ativos). As relações entre os participantes podem ser organizadas em duas estruturas: **1-narrativa**, quando há presença de vetores indicando quais ações estão sendo realizadas: ação transacional – ação não-transacional; reação transacional – reação não-transacional; processo mental – processo verbal. **2-conceitual**, ou seja, os participantes e suas particularidades: processo **classificacional**; processo **analítico**; processo **simbólico**.

A metafunção **interativa** traz estratégias de aproximação/afastamento do leitor, em que o participante/leitor é exterior à imagem e há uma busca de estabelecer um elo imaginário entre ambos. Para alcançar os objetivos estabelecidos são utilizados quatro recursos: **contato** - determinado pelo vetor que se forma ou não entre as linhas do olho do participante representado e o interativo; **distância social** - exposição do participante representado perto ou longe do leitor- equivalente aos planos cinematográficos: fechado, médio e aberto; **perspectiva** - ângulo ou ponto de vista em que os participantes são mostrados, p. ex. frontal, oblíquo, vertical; **modalidade** - nível de realidade que a imagem representa.

A metafunção **composicional** agrupa os modos de organização do texto imagético. É a organização ou **combinação dos elementos** representacionais e interacionais, para que produzam o sentido desejado pelo autor. Esses significados são realizados por meio de **três sistemas** inter-relacionados: **1- valor da informação**: local que o participante e leitor ocupam: Ideal – Real – Dado – Novo – Principal – Dependente. **2- saliência**: formas de atrair atenção, planos- fundo, primeiro, segundo, tamanho, cores, nitidez, etc. **3- moldura**: linhas reais ou imaginárias que dividem e estruturam a imagem.

A abordagem de Kress & Van Leeuwen (1996) é relevante e ganhou destaque justamente por oferecer um modelo sistemático de análise do texto visual. Os estudos destes autores foram importantes pelo fato de chamar atenção para observar a imagem como detentora de sentidos, deixando de assumir apenas um papel ilustrativo.

No entanto, anteriormente a proposta Sociossemiótica, já se havia uma discussão sobre a importância do texto visual na construção de efeitos de sentidos. A Abordagem de Roland Barthes (1970) propõe três relações entre imagem e texto. Vejamos a seguir mais detalhes desta abordagem.

## 2.4 A abordagem de Roland Barthes (1970)

Barthes é um nome significativo dentre os que contribuíram com reflexões acerca dos estudos sobre a imagem e também da relação entre imagem e texto. Ele é pioneiro ao desenvolver uma proposta para análise estrutural da imagem publicitária, em 1970, no artigo “Retórica da imagem”, por meio de uma abordagem semiótica. Além de propor esta análise, este autor também elaborou um modelo para a relação imagem-texto.

Barthes, ao propor uma análise da imagem publicitária, introduziu dois conceitos: denotação e conotação. Assim como o linguista russo Hjelmslev utilizou estes conceitos para análise verbal, Roland Barthes defendia uma retórica da imagem semelhante à retórica verbal (GOMES, 2015, p.1)<sup>5</sup>.

O modelo de Roland Barthes (1977, p.38) para a relação imagem-texto é bastante importante, pois é o primeiro mais significativo sobre possibilidades de relação entre os dois modos. São três as relações entre texto visual e texto verbal: Ancoragem, ilustração e relay.

Na ancoragem, o texto escrito direciona a leitura da imagem, em outras palavras, “a palavra guia a interpretação” (BUZATO, 2007), dita a leitura da imagem. Segundo Moreira (2013, p.40), “o leitor é levado a ancorar-se no texto para compreender a imagem”:

---

<sup>5</sup> Esta análise é muito mais complexa do que descrevemos nesta subseção. Decidimos não aprofundar, pois nosso foco é discutir, principalmente, as teorias de relação entre imagem e texto. Ler artigo “Retórica da imagem”.



**Há muitos presidiários detrás do muro.**

**Figura 1:** Relação de Ancoragem em presidiários detrás do muro.  
(Fonte: arquivo pessoal do autor da dissertação)

Já na ilustração, pelo contrário, “é a imagem que esclarece o texto, expandindo a informação verbal” (GOMES, 2010, p.82). Neste caso, é a imagem que direciona a interpretação do texto:



**Foi feito o possível para salvar a vida dela.**

**Figura 2:** Relação de Ilustração em foto de médico dando uma notícia.  
(Fonte: arquivo pessoal do autor da dissertação)

Por último, o relay ocorre quando texto e imagem se complementam, ou seja, há integração entre os dois modos:



**Figura 3:** Relay em tirinhas de Mafalda.

(Fonte: <http://www.universodosleitores.com/2016/04/mafalda-em-10-tirinhas-realistas-e.html>)

As relações de Barthes foram retomadas no modelo de Martinec e Salwey (2005), no entanto foi utilizada outra classificação, em que as relações de ancoragem, ilustração e relay foram recapituladas e divididas em relações de status e relações lógico-semânticas. Mais adiante discutiremos com mais detalhes este modelo.

## 2.5 O modelo de Carney e Levin (2002)

O modelo de Carney e Levin (2002) discute a função da imagem em texto e nunca o contrário, ou seja, esta proposta ignora os casos em que o texto serve a imagem ou os casos em que ambos os modos são de igual importância. Já se evidencia neste modelo que para os autores a informação está concentrada no texto e a imagem aparece em segundo plano, característica da visão ortodoxa que prioriza o texto como centralidade da informação comunicacional.

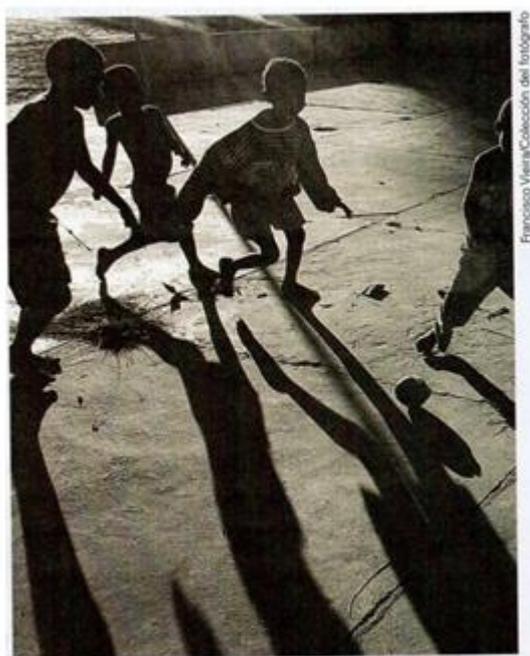
Trata-se de uma teoria muito simples, em que os autores distinguem cinco funções das imagens: decoraciona, representacional, organizacional, de interpretação e transformacional.

Sintetizaremos no quadro a seguir a descrição de cada uma das funções:

<b>Decoracionais</b>	Só servem para decorar o texto, elas contêm pouca ou nenhuma informação adicional para o texto no documento. Por exemplo, uma imagem do sol em uma brochura de viagem para o Egito teria uma função decoracional.
<b>Representacionais</b>	Retratam o que o texto descreve, em parte ou totalmente. Algumas imagens representacionais vão além do texto e retratam mais do que o texto descreve. Um exemplo é um retrato de pintura e um texto descrevendo o conteúdo da pintura.
<b>Organizacionais</b>	Mostram informações estruturais que o texto contém. Normalmente, a imagem representa a informação em passos. Por exemplo, um mapa ilustrado de uma pista de caminhada.
<b>Interpretativas</b>	Ajudam a descrever a informação que seria mais difícil de explicar e comunicar com texto apenas. Exemplos disso são as imagens que mostram o funcionamento de máquinas ou de modelos complexos.
<b>Transformacionais</b>	Como descritas em Carney e Levin (2002), incluem componentes mnemônicos sistemáticos (reforço de memória) . Estes componentes descrevem informações a partir do texto em um sentido literal, embora a própria imagem não necessariamente retrate a informação pretendida literalmente. O exemplo de Carney e Levin descreve informações sobre a cidade Belleview. Primeiro, um sino na imagem representa a parte da cidade chamada "Bell". Dentro deste exemplo, existem mais componentes, que são traduções literais do texto. O leitor deve associar estes componentes com o conteúdo do texto e deve armazenar a imagem mnemônica em sua memória. Deveria em seguida, ser mais fácil para o utilizador recuperar mais detalhada informação textual a partir da memória.

**Quadro 2:** Funções da imagem de Carney e Levin (2002)

É importante salientar que este modelo tem exclusivamente o propósito educacional de verificar diferentes funções das imagens no texto. Isto significa dizer que se aplicado em outros domínios podem não haver as mesmas correspondências. Não é uma proposta complexa e falha ao projetar somente a imagem em função do texto, pois se deduz que a maior parte da informação está na escrita, no entanto existem casos que a maior parte da informação está concentrada na imagem ao invés do texto. Como podemos observar no seguinte exemplo:



**Fútbol al fin de tarde**

**Figura 4:** Maior parte da informação concentrada na imagem e não no texto (Fonte: Francisco Vieira/ Coleção do fotógrafo)

Na relação imagem-texto acima, que envolve uma foto do fotógrafo Francisco Vieira, premiada no concurso internacional da Fundação de Direito Civis, relacionada à legenda “fútbol al fin de tarde”, percebemos que não há somente uma função representativa em que a imagem descreve o conteúdo do texto, pois se trata de uma imagem artística que remete a diversos significados subjetivos do que simplesmente uma partida de futebol no final da tarde. A imagem concentra a maior parte do conteúdo informativo na fotografia e a legenda que aparece é quase que desnecessária.

Acerca das cinco funções do modelo de Carney e Levin (2002), pode-se argumentar que a função decoracional tem um propósito estético no texto, pois ocorre quando não há nenhuma referência direta entre o verbal e a imagem. Esta função

também aparece em outros modelos como o de Marsh e White (2003). Caso for interpretado que a imagem que foi usada para decorar apresenta alguma relação com texto ela sai do campo do decoracional e entra na representação. Das cinco funções apresentadas, as imagens decorativas são as mais fáceis de ser identificadas numa relação com o texto. A função representativa limita-se a espelhar o conteúdo do texto, ou seja, é como dizer que a imagem descreve simplesmente o que o texto traz como conteúdo. Esta função revela uma das fragilidades do modelo, já que algumas representações podem ir além do que o texto descreve. Uma pintura de um quadro seria um exemplo. As imagens organizacionais fornecem um quadro estrutural e as imagens interpretativas explicam sistemas difíceis. Estas duas funções contribuem bastante para a interpretação do conteúdo informativo, pois abrangem as representações textuais. Podemos afirmar que as funções organizacionais e interpretativas justificam o dizer popular: “entendeu ou quer que eu desenhe?”. É possível ainda que a mesma imagem cumpra as duas funções: estruturar e explicar sistemas difíceis, neste caso não se poderia separar as duas. Por último, a função transformacional tem objetivo de sintetizar a informação do texto na imagem, ou seja, o texto visual serviria como um tipo símbolo que facilitaria a memorização do conteúdo do texto, em outras palavras, a imagem teria que “imprimir a informação na mente do seu espectador”.

Por fim, podemos considerar que o modelo é interessante pelo fato de trazer algumas explicações lógicas para a relação entre imagem e texto, mas, como já citamos, falha por não perceber que em alguns casos a maior informação está contida na imagem e não do texto. Além disso, algumas imagens podem oferecer mais ou diferentes informações do que o texto fornece.

Vamos em busca de outros modelos a fim de ampliar o entendimento da relação multimodal entre texto visual e texto verbal.

## **2.6 O modelo de Marsh e White (2003)**

O modelo de Marsh e White (2003) é um conjunto de estudos anteriores, de diferentes campos, sobre a relação entre imagem e texto. Estes autores identificaram, integraram e organizaram em um modelo diferentes conceitos sobre o modo que o texto verbal dialoga com o visual.

Esta proposta se aproxima ao modelo de Carney e Levin (2002), descrito na subseção anterior, ao discutir a função de imagens no texto, desconsiderando os casos em que o texto serve a imagem ou que ambas as modalidades tem a mesma importância (incluem também funções que aparecem no modelo Carney e Levin, como, por exemplo, a *decorativa* e a *transformacional*), no entanto, diferente destes autores, a teoria de Marsh e White é mais complexa, pois é maior, envolve mais funções.

O objetivo deste modelo é explicar como o visual se relaciona ao texto que se associa e ainda quais são as funções da imagem. Ao integrar os modelos anteriores, eles perceberam que havia muitas funções semelhantes com nomes diferentes, dessa forma os autores filtraram e organizaram as funções de modo a chegar a uma taxonomia com 49 funções de imagens, agrupadas em três níveis, de acordo com a precisão conceitual entre imagem e texto. O primeiro nível é composto por 3 funções da imagem no texto. O segundo nível tem 11 funções e é uma expansão do primeiro nível. O terceiro nível contém 30 funções e é uma expansão do segundo nível.

As funções gerais do nível 1 representam forças diferentes na relação imagem-texto: pouca relação com o texto; íntima relação com o texto e imagens com mais informações que o texto. Vejamos o Quadro 1 com a taxonomia descrita:

<b>A - Funções que expressam poucas relações com o texto</b>	<b>B - Funções que expressam relações estreitas com o texto</b>	<b>C - Funções que vão além do texto</b>
<p><i>A1 Decorar</i>  A1.1 Mudança de ritmo  A1.2 Estilo combinado</p> <p><i>A2 Emoção motivada</i>  A2.1 Alienar  A2.2 Expressar poeticamente</p> <p><i>A3 Controle</i>  A3.1 Empenho  A3.2 Motivar</p>	<p><i>B1 Reiterar</i>  B1.1 Concretizar  B1.1.1 Amostra  B1.1.1.1 Autor/Fonte  B1.2 Humanizar  B1.3 Referente comum  B1.4 Descrever  B1.5 Gráfico  B1.6 Exemplificar  B1.7 Traduzir</p> <p><i>B2 Organizar</i>  B2.1 Isolar  B2.2 Conter  B2.3 Localizar  B2.4 Induzir perspectiva</p> <p><i>B3 Relacionar</i>  B3.1 Comparar  B3.2 Contraste</p>	<p><i>C1 Interpretar</i>  C1.1 Enfatizar  C1.2 Documentar</p> <p><i>C2 Desenvolver</i>  C2.1 Comparar  C2.2 Contraste</p> <p><i>C3 Transformar</i>  C3.1 Progresso alternativo  C3.2 Modelo  C3.2.1 Modelo de processo cognitivo  C3.2.2 Modelo de processo físico  C3.3 Inspirar</p>

	B3.3 Paralelo  <i>B4 Condensar</i> B4.1 Concentrar B4.2 Compactar  <i>B5 Explicar</i> B5.1 Definir B5.2 Complementar	
--	--	--

**Quadro 3:** Taxonomia das relações entre imagens e texto. Fonte: Tradução nossa (MARSH; WHITE, 2003, P.653).

Os autores somente detalharam as funções do nível 2, pois estas incluem as do nível 1. Observemos o Quadro 4 a descrição destas funções:

Nível 2 – Grupo A	Nível 2 – Grupo B	Nível 2 – Grupo C
<i>Decorativa</i> - enfeite, sem afetar informação.	<i>Reitera</i> - imagem repete informação do texto	<i>Interpreta</i> - imagem clareia textos complexos.
<i>Elicita emoções</i> - imagens que provocam emoções.	<i>Organiza</i> - imagem organiza informação. Ex. tabela, quadro, figura.	<i>Desenvolve</i> - expande, detalha.
<i>Controle</i> - imagens restringem ou direcionam leitura.	<i>Relaciona</i> - compara, contrasta, segue em paralelo.	<i>Transforma</i> - coloca a informação textual de outra forma. Ex. imagens mnemônicas.  Imagem continua onde o texto parou;  Imagem reversa com texto para dar informação;  Imagem supre limites do verbal.
	<i>Condensa</i> - compacta, resume.	
	<i>Explica</i> - imagem facilita a compreensão.	

**Quadro 4:** Descrição das funções do nível 2

Observamos que as funções do grupo C é um início de um modelo mais complexo, que abordariam os aspectos que Marsh e White não consideraram: quando o texto serve a imagem e quando ambos os modos têm a mesma importância. No que toca a função das imagens, este grupo fornece funções que expandem ou oferecem informações extras da que apareciam no texto.

No geral, a estrutura do modelo apresenta-se de modo confuso devido as suas muitas funções. Pelo fato de como foi construída a proposta, reunindo diversas funções, de domínios diferentes, resultaram-se funções de tipos distintos para diferentes tipos de conteúdos, ou seja, não é possível usar todas as funções do modelo em um único domínio. Percebe-se que a maioria destas são úteis para um domínio de narrativas.

Por outro lado, as descrições das funções são bastante claras. Os conceitos são simples, compreensíveis, facilitando sua aplicação.

Em suma, ora as funções do modelo são de imagens que servem o texto de diferentes formas, ora simplesmente descrevem o conteúdo da imagem. Foram encontradas ainda funções que descrevem a relação entre texto e imagem, além das que descrevem o conteúdo de ambos os modos.

O modelo poderia ser melhorado em sua estrutura se diminuísse o número de funções. Por um lado ele se tornaria menos detalhado, por outro se tornaria mais organizado.

É possível que exista divergência em sua aplicação devido ao número de funções que o modelo oferece.

A proposta de Marsh e White é interessante ao nos oferecer mais recursos para a leitura da relação entre imagem e texto, além da descrição somente da imagem.

## **2.7 O modelo de Martinec e Salwey (2005)**

A proposta de Radan Martinec e Andrew Salwey (2005) difere das duas propostas citadas anteriormente sobre a relação imagem-texto, Carney e Levin (2002) e Marsh e White (2003), por justamente não se limitar aos casos em que a imagem está em função do texto, mas, além de considerar esta forma de relação, incluem também os casos em que o texto serve à imagem, “e onde a imagem e o texto são igualmente dependentes ou independentes uns dos outros”, ou seja, os modos interagem numa relação multimodal. Por essa gama de relações, os autores denominam o modelo como “um sistema generalizado das relações de imagem-texto”.

Martinec e Salwey tiveram como base as propostas de Barthes (1977a,1977b) e Halliday (1994) para criarem seu modelo. De Halliday eles utilizaram um sistema que “combina as relações lógico-semânticas” (1985, 1994) somente no texto. De Barthes

(1977a,1977b) usaram sua classificação fundadora das relações entre imagem e texto (ancoragem, ilustração e relay). Desta forma, combinando estes dois modelos, propuseram no artigo “Um sistema para relações entre imagem e texto na nova (e velha) mídia”, um sistema que funciona em texto e imagens numa relação multimodal. Martinec e Salway afirmam que “se pode usar o seu modelo para todas as relações de imagem-texto, para a mídia antiga e nova”, mas, principalmente, em textuais atuais da nova mídia:

Analisamos enciclopédias eletrônicas, anúncios impressos, sites de notícias, galerias online, livros de marketing e anatomia e realizamos incursões rápidas em outros gêneros onde há combinações entre imagem e texto. (MARTINEC & SALWAY, 2005, p. 341)<sup>6</sup>

Existem dois tipos de relações descritas no modelo, uma relação de status e outra lógico-semântica. Cada relação imagem-texto tem, concomitantemente, uma relação de status e tipo lógico-semântico. Os autores afirmam que há sempre mais de uma relação; diferentes componentes podem ter diferentes relações entre si. Vejamos a descrição das relações.

### *Relações de status*

A relação de status indica para o relacionamento entre imagem e texto um estado de igualdade ou desigualdade.

Numa relação de igualdade, os modos podem ser independentes ou complementares um do outro.

Os modos são independentes quando, segundo palavras de Martinec e Salway (2005, p.343), “estão juntos em pé de igualdade e não há sinalização de um modificando o outro.”<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> “We have analysed electronic encyclopaedias, print advertisements, news websites, online gallery sites, anatomy and marketing textbooks, and made quick forays into other genres in which image–text combinations occur.”

<sup>7</sup> “They are joined on an equal footing and there are no signs of one modifying the other.”



**Figura 5:** Relação de status de igualdade/independência em placa de aviso de proibição. (Fonte: arquivo pessoal do autor da dissertação)

A relação entre texto e imagem na figura cinco é independente porque o “PROIBIDO – NÃO FUME” representado no modo verbal é o mesmo “PROIBIDO – NÃO FUME” representado no modo visual por meio do símbolo de proibição de qualquer tipo de cigarro, padronizado internacionalmente, que é indicado pela imagem de um cigarro dentro do círculo vermelho com uma linha transversal cortando-a.

Para melhor entender a relação de igualdade/independência exposta através da figura cinco, vejamos as figuras seis e sete, em que ambas indicam a mesma coisa, sendo que uma através do modo verbal e outra por meio do modo visual.



**Figura 6:** Placa de aviso de proibição utilizando o modo verbal. (Fonte: arquivo pessoal do autor da dissertação)



**Figura 7:** Placa de aviso de proibição utilizando o modo visual. (Fonte: arquivo pessoal do autor da dissertação)

Os modos são complementares quando texto e imagem se complementam para formar a ideia total ou nas palavras de Martinec e Salwey (2005, p.343) “uma imagem e um texto estão juntos em um estado de igualdade e um modifica o outro.”<sup>8</sup>

<sup>8</sup> “When an image and a text are joined equally and modify one another.”



**Figura 8:** Relação de status de complementariedade em propagando do sabão em pó. (Fonte: arquivo pessoal do autor da dissertação)

É o que acontece na figura oito onde a imagem do produto OMO funciona como o participante portador das características contidas no texto “IMBATÍVEL NAS MANCHAS + DIFÍCEIS”. O OMO que aparece na imagem é o produto que se apresenta com a qualidade de ser imbatível. Percebemos uma relação complementar em que entre imagem (embalagem contendo o produto OMO) e o texto (qualidade), ambos os modos se complementam e formam uma ideia total de qualidade e imbatibilidade.

Já na relação de desigualdade, um modo é subordinado ao outro, ou seja, ou a imagem está subordinada ao texto ou o contrário. Segundo (Martinec e Salwey, 2005, p. 344), há subordinação da imagem ao texto quando ela está subordinada apenas a uma parte dele, ou seja, o leitor necessita ir à determinada parte do texto para que a imagem seja compreensível. Nesta relação, a informação está concentrada no modo verbal.



**Figura 9:** Relação de status de desigualdade/toda imagem subordinada à parte do texto (Fonte: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/fla-investe-r-58-milhoes-em-reforços-em-2017-aumento-de-544-em-cinco-anos.ghtml>, acesso em 24 de junho de 2017)

É o que ocorre na matéria esportiva sobre o time de futebol Flamengo na figura nove, em que o texto se refere a todos os reforços que o clube carioca contratou em 2017, mas a imagem só mostra um dos reforços, que é o meio-campo Éverton Ribeiro,

ou seja, ocorre uma relação desigual onde a imagem completa só faz referência a uma parte do texto. Acessando o texto completo da matéria,<sup>9</sup> é possível que o leitor identifique numa parte do texto quem é o atleta da foto publicada.

O outro caso de desigualdade ocorre quando o texto está subordinado à imagem, melhor dizendo, o verbal se relaciona apenas a uma parte do visual. Esta relação aparece em duas formas; ou por referência direta a imagem ou pela "combinação de materiais ou processos comportamentais com presente simples ou tempo presente progressivo" (Martinec e Salway (2005), p. 347). Nas palavras dos autores (2005, p. 345), referindo-se a referência direta à imagem, “a indicação mais confiável da subordinação do texto é a presença de dispositivos implícitos que precisam ser decodificados por referência a uma imagem”, isto é, há elementos do texto que direciona o leitor a uma parte da imagem.



**Em treino técnico no Ninho, Éverton Ribeiro se destaca nas finalizações**

**Figura 10:** Relação de status de desigualdade/todo texto subordinado a parte da imagem (Fonte: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/>, acesso em 24 de junho de 2017)

A subordinação mencionada pode ser exemplificada na chamada esportiva da figura dez, onde o texto faz referência direta à parte da imagem quando diz “Éverton Ribeiro se destaca...” e na imagem aparece, no centro da foto, a figura do jogador de futebol, mas não somente dele, pois aparecem outros jogadores (Pará, Adryan e Rodolfo).

Em relação às combinações materiais ou os processos comportamentais, como já ditos, usa-se no modo verbal presente simples ou tempo presente progressivo, além do uso de tempo passado que tem efeito contrário e faz com que a imagem se subordine ao texto. Vejamos os exemplos:

<sup>9</sup>A matéria completa está disponível no seguinte link: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/fla-investe-r-58-milhoes-em-reforcos-em-2017-aumento-de-544-em-cinco-anos.ghtml>, acesso em 24 de junho de 2017.



**Famosos vibram na abertura dos Jogos olímpicos.**

**Figura 11:** Presente simples: texto subordinado à imagem – Processo material (Fonte: arquivo pessoal do autor da dissertação)



**Guerrero comporta-se bem em campo.**

**Figura 12:** Presente simples: texto subordinado à imagem – Processo comportamental (Fonte: <http://colunadoflamengo.com/2017/04/>)

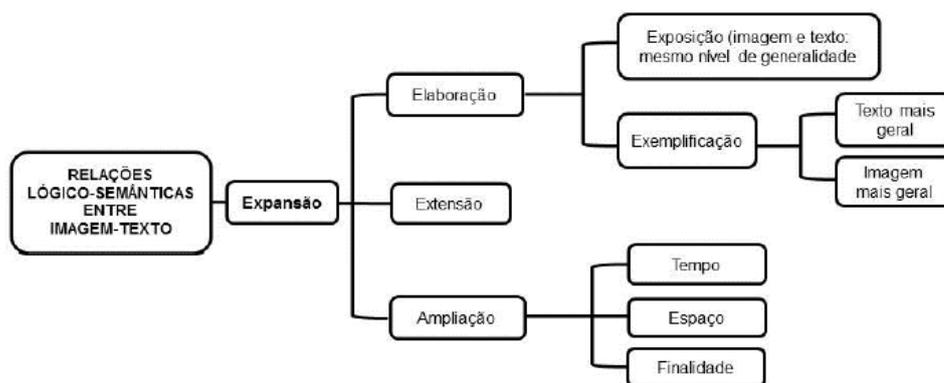


**Figura 13:** Verbo no passado que têm efeito contrário: imagem subordina-se ao texto (Fonte: <http://colunadoflamengo.com/2016/>)

### *Relações lógico-semânticas*

As relações lógico-semânticas de Radan Martinec e Andrew Salwey foram inspiradas nas relações lógico-semânticas da Gramática Sistemico-Funcional de Halliday. Estas relações são de dois tipos: Expansão e projeção. Na primeira um modo expande o outro, como já indica o próprio nome da relação. Na segunda há repetição em um modo o que o outro modo comunica.

As relações de expansão entre imagem e texto são de três tipos: elaboração, extensão e ampliação. Estes tipos se subdividem, exceto a extensão, como podemos observar no diagrama abaixo:



**Figura 14:** Relações lógico-semânticas entre imagem e texto - Martinec & Salwey (2005).

Para aprofundarmos um pouco mais com objetivo de facilitar nossa compreensão, vejamos o quadro 5 com a descrição das relações lógico-semântica de expansão:

<b>Expansão</b>	Um modo expande o outro
<b>Elaboração</b>	Quando uma modalidade oferece descrição mais elaborada que a outra modalidade. Não apresenta, necessariamente, informação nova, mas elabora a informação num outro modo.
<b>Exposição</b>	As duas modalidades com a mesma informação de maneiras diferentes.
<b>Exemplificação</b>	Expande a informação com exemplos mais específicos.
<b>Exemplificação - texto mais geral.</b>	Nível de generalização do texto superior que a imagem.
<b>Exemplificação - imagem mais geral.</b>	Nível de generalização do texto superior que a imagem.
<b>Extensão</b>	Uma modalidade estende a informação da outra, adicionando novo elemento, dando uma exceção ou uma alternativa.
<b>Ampliação</b>	Oferece informação que indica circunstância: lugar, tempo, propósito, razão.

**Quadro 5:** Descrições das relações lógico-semânticas de Expansão

A seguir temos três exemplos das relações de expansão.

A figura quinze exemplifica a relação elaboração/exemplificação/texto mais geral que a imagem, pois a modalidade verbal “Esporte e Lazer” elabora

exemplificando a imagem de modo mais generalizado. “Esporte e Lazer” não é somente a arte marcial *taekwondo* como demonstra a modalidade visual:



**Figura 15:** Relação de Elaboração/exemplificação/texto mais geral que imagem (Fonte: <http://www.rondonia.ro.gov.br/secel/>)

A figura dezesseis é um exemplo da relação de extensão, pois a legenda estende à informação da imagem quando acrescenta um dado novo, neste caso, o aposto “prefeito de Maceió” ao sujeito “Rui Palmeira”.



Rui Palmeira-Prefeito de Maceió Foto: Maciel Rufino/Secom Maceió

**Figura 16:** Relação de Expansão/extensão em foto e legenda em jornal online (Fonte: <http://www.tribunadoagreste.com.br/2016/03/maceio-rui-palmeira-recebe-homenagem-por-aco-es-em-prol-esporte/>)

A figura dezessete trata da relação de ampliação e indica circunstâncias de tempo, através do adjunto adverbial “hoje”, e lugar, por meio do adjunto “na Via Expressa”.

Bom dia, gente. Hoje, foi dia de limpeza na Via Expressa, uma das maiores avenidas comerciais da cidade de Maceió. Agradeço todo trabalho e todo empenho da SLUM por sempre está atendendo as nossas solicitações de limpeza. Vamos seguindo em frente, trabalhando por uma Maceió melhor. #CompromissoPorMaceió



👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👤 Francisco Sales, Lula Bebedouro e outras 113 pessoas

**Figura 17:** Relação de Expansão/ampliação de tempo e lugar. (Fonte: [https://www.facebook.com/vereadorf ranciscosales?hc\\_ref=SEARCH](https://www.facebook.com/vereadorf ranciscosales?hc_ref=SEARCH))

As relações de projeção estão subdivididas em: locução (citação) e ideia (sentido). Como já mencionado, há repetição em uma modalidade o que já foi apresentada na outra, em outras palavras, o conteúdo representado pelo texto também será representado pela imagem e vice e versa. Observemos o quadro 6 com a descrição das relações lógico-semântica de projeção:

<b>Projeção</b>	Repete em um modo o que outro modo representa.
<b>Locução</b>	Projeção da redação, geralmente por um processo verbal (balão de “ação”).
<b>Ideia</b>	Projeção de significado, normalmente por um processo mental (balão de pensamento).

**Quadro 6:** Descrições das relações lógico-semânticas de Projeção

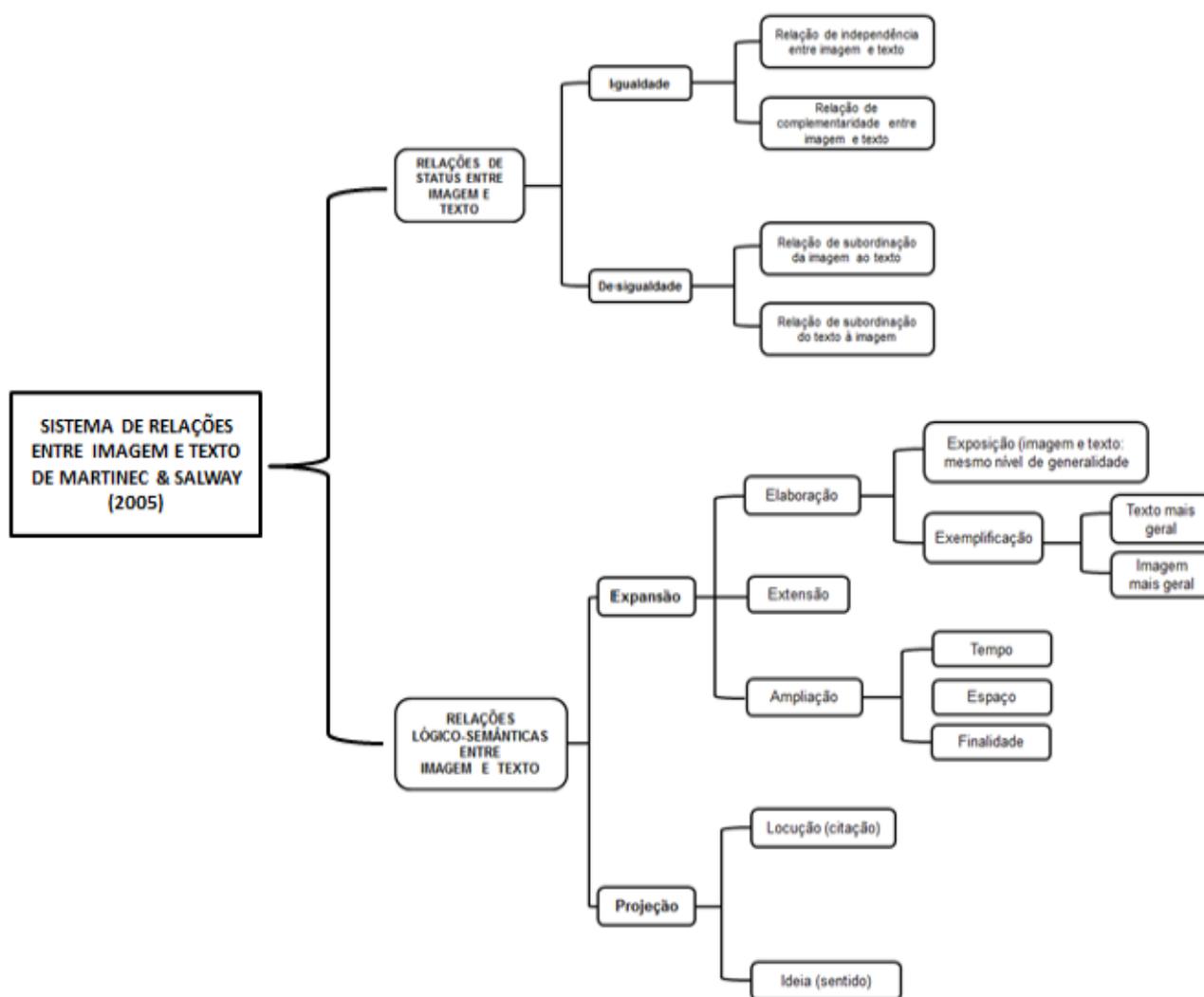
Nas histórias em quadrinhos, percebemos com mais clareza as duas relações de projeção. A locução é colocada em balões de fala, já a ideia é colocada em balões de pensamento. No exemplo, a seguir, observamos que o primeiro quadrinho demonstra uma relação de locução, já o segundo e o terceiro uma relação de ideia:



**Figura 18:** Projeção/locução e projeção/ideia em tirinha de Garfield (Fonte: <https://tirinhasdogarfield.blogspot.com.br/2010/05/>)

Chegando ao final desta subseção, percebemos que o modelo de Martinec e Salwey (2005) é uma proposta bastante elaborada, que oferece diversas soluções para a relação multimodal imagem-texto. Vimos como estes dois modos semióticos se integram e juntos produzem sentido.

Finalizamos expondo todo o “sistema generalizado das relações de imagem-texto” de Martinec e Salwey (2005) através do quadro sinótico na figura 19:



**Figura 19:** Relações entre imagem e texto de Martinec & Salwey (2005).

## 2.8 A proposta de Luís Camargo (1998)

Luis Camargo, no texto “A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil”, propõe uma teoria para relações imagem-texto. Esse autor traça um caminho que busca transpor conceitos dos estudos linguísticos voltado ao texto verbal para o texto visual. A estratégia de Camargo (1998) foi se apropriar de teorias já discutidas e que explicam a modalidade verbal e assim ressignificá-las a não verbal.

Roman Jakobson, na “Teoria da Comunicação”, conceitua as funções da linguagem. A partir desses estudos, Camargo afirma que, assim como a linguagem escrita, a imagem também tem funções. Ele recorre a esta teoria para desmistificar a tese que limita a ilustração/imagem “às funções de ornar ou elucidar o texto junto ao qual ela aparece”. As imagens não só ilustram o texto, mas o representam, descrevem, narram, simbolizam, expressam, estilizam, orientam para o jogo, conotam, remetem ao próprio texto visual, enfatizam seu suporte e pontuam.

Podemos observar no quadro abaixo como o autor define as funções da imagem:

<b>Representativa</b>	Imita a aparência do ser ao qual se refere.
<b>Descritiva</b>	Detalha a aparência.
<b>Narrativa</b>	Situa o ser representado em devir, através de transformações ou ações.
<b>Simbólica</b>	Sugere significados sobrepostos ao seu referente, mesmo que arbitrariamente, como é o caso das bandeiras nacionais.
<b>Expressiva</b>	Revela sentimentos e valores do produtor da imagem e ressalta as emoções e sentimentos do ser representado.
<b>Estética</b>	Enfatiza a forma da mensagem visual, ou seja, sua configuração visual.
<b>Lúdica</b>	Orientada para o jogo, incluindo-se o humor.
<b>Conativa</b>	Orientada para o destinatário, visando influenciar seu comportamento, através de procedimentos persuasivos ou normativos.
<b>Metalinguística</b>	O referente da imagem é a linguagem visual ou a ela diretamente relacionado, como citação de imagens etc.
<b>Fática</b>	A imagem enfatiza o papel do próprio suporte.
<b>Pontuação</b>	Orientada para o texto junto ao qual está inserida, sinalizando seu início, seu fim ou suas partes, nele criando pausas ou destacando alguns de seus elementos.

**Quadro 7:** Funções da imagem segundo Luis Camargo (1998)

Essas funções estão orientadas, segundo o autor, em dois pólos: denotativo (sentido do dicionário) e conotativo (extensão de sentidos), em outras palavras, aplicados ao visual, “os significados decorrem não só do que a imagem representa, mas também de como ela o faz.” (CAMARGO, 1998).

Vale ressaltar que uma imagem pode apresentar mais de uma função. Dentre as funções citadas, destacam-se as funções representativa e estética, pois estar melhor representa os pólos de denotação e conotação.

Luis Camargo seguiu a mesma orientação da Gramática do Design visual, proposta por Krass & Van Leeuwen. Assim como os autores, o ilustrador buscou “um meio sistemático de análise de estruturas visuais via um conjunto de regras e normas formais” (KRASS & VAN LEEUWEN apud CARDOSO 2008). A questão é se essas estruturas são transponíveis para o visual em sua totalidade ou se existe alguma ilustração que não se encaixe em nenhuma das funções citadas. A proposta pedagógica neste caso seria encontrar exemplos de imagens para cada uma destas funções.

Camargo também dialoga com a Retórica Visual e transpõe o conceito de figuras de linguagem: “procedimentos que alteram ou enfatizam o sentido das palavras (imagens)”. (CAMARGO, 2008). São selecionadas à *hipérbole*, *metáfora*, *metonímia* e *personificação* como figuras que possuem correspondentes similares na linguagem visual. Hipérbole – os procedimentos de exagero, por exemplo, a caricatura. Metáfora – “transformações na imagem (ou em seu significado) através de relações de similaridade, por exemplo, a imagem de um pimentão na praia, em anúncio de protetor solar, para sugerir a ideia de “ficar vermelho como um pimentão” (CAMARGO, 2008). Metonímia – o ser é representado por imagem ligada a ele, isto é, em que existe uma relação entre imagem e o ser representado, por exemplo, fotografia 3x4 para documentos, parte da pessoa (cabeça) para representar o ser completo. Personificação – características humanas a seres inanimados e ideias abstratas, por exemplo, animais ou figuras alegóricas representando justiça.

O autor não dissertou em relação a outras figuras, mas será que é possível encontrar exemplos de imagens que represente uma figura de linguagem não citada? Poderíamos atribuir à descrição de um homem brutalmente assassinado e a imagem relacionada aparecesse um corpo coberto por um pano a figura do eufemismo? Uma proposta pedagógica seria encontrar outros exemplos das figuras de linguagem citadas pelo autor, além das outras não citadas.

Um terceiro conceito que o autor se apropria para criar sua teoria é o de *Coerência textual*. Camargo ressignifica este conceito em *Coerência intersemiótica* por se tratar da relação de significado entre imagem e texto. Partindo desta linha de pensamento, poderíamos conceituar como *Coerência multimodal*. Entende-se como Coerência intersemiótica/multimodal “a relação de coerência (que o autor chama de *convergência*) ou não contradição entre os significados denotativos e conotativos da ilustração e do texto.” (CAMARGO, 2008). São três os graus de coerência em casos ideais: *convergência*, *desvio* e *contradição*, em outras palavras, a ilustração converge, desvia ou se contradiz em relação ao texto. Desvio e Contradição “não há diferença de natureza, mas variação de intensidade, cujo limite é difícil de estabelecer com precisão” (CAMARGO 2008).

O argumento do autor é que há relação semântica entre imagem e texto e nos graus de Desvio e na Contradição não há coerência ou, no mínimo, existem problemas de coerência. A questão é que, em alguns exemplos, a coerência pode ser estabelecida justamente pela relação de contradição. Por exemplo, uma imagem de uma pessoa acima do peso para ilustrar o foco na academia. O sentido seria recuperado na identificação da ironia.

Também é mencionada sobre a importância das cores na leitura das imagens. Existe uma teoria que descreve o significado das cores. Este tema será tratado em o outro tópico.

A imagem não traduz, não é um complemento, ornamento ou substituição do texto verbal, mas estabelece com ele diferentes relações que são dignas de serem estudadas, discutidas e levadas para escola através de atividades pedagógicas que ensinem a leitura de textos verbo-visuais. Esta dissertação se dedica a isso.

## **2.9 Teoria da Forma: Ponto/Linha/Plano e a Teoria das Cores**

Paradella (1987), no artigo intitulado “Teoria da Forma: Ponto/Linha/Plano”, uma adaptação de um capítulo do livro “**A necessidade da Arte, de Ernest Fisher**. Tradução – Leandro Kondel. Ed. Guanabara. 9ª Edição, defende que, na *Linguagem Visual*, os elementos visuais compõem o conteúdo visual de comunicação de tudo que projetamos, traçamos ou esboçamos. A análise de qualquer manifestação visual pode

ser feita através de sua composição nos elementos que a constituem de forma que melhor possamos compreender o todo.

Os principais elementos da linguagem visual são: o ponto, a linha, o plano, o volume e a cor.

Comparando a linguagem visual com a linguagem escrita, percebemos que na primeira os elementos visuais não têm significado preestabelecido, ou seja, não representam nada isoladamente, mas em conjunto, já na segunda as palavras têm significado preestabelecido, ou seja, podem representar isoladamente.

Existem alguns elementos que compõe a linguagem visual. Individualmente parecem abstratos, mas juntos determinam a aparência e a qualidade do design de uma página

*Elementos conceituais* - Não é visível, pois só existe no conceito. Ele não existe na realidade, mas parece estar presente.

*Elementos visuais* - São sempre visíveis. Quando desenhamos um objeto numa superfície, usamos uma linha que é visível para representar uma linha que é conceitual. Suas principais características são: **comprimento, largura, textura ou cor.**

*Elementos relacionais* - São os que governam a localização e inter-relação das formas em uma composição. São eles direção e posição (parecem ser percebidos); espaço e profundidade (são sentidos).

O conceito chave deste artigo, em que a autora discute a teoria, é o de *forma*. Toda *forma* tem contorno e superfície, e é criada sobre algum tipo de suporte. O contorno é o limite exterior da forma. O suporte é qualquer meio material onde se realiza a *forma*, podendo ser desde uma folha de papel a tela de um computador... A *forma* é uma relação que permanece constante mesmo que mudem os elementos aos quais ela se aplica. Um triângulo pode ter vários tamanhos ou inúmeras formas, mas a triangularidade permanece constante, independente de suas características.

Dois elementos importantes para entender melhor a Teoria da Forma são o de: *figura* e *fundo*. Uma *figura* se destaca do *fundo* pela atenção que desperta no observador. A *figura* é o elemento que possui significado, enquanto o *fundo* é pouco significativo. A atenção sobre a *Figura* ocorre pelas características próprias do objeto ou por características presentes no observador. O contraste é o responsável pela distinção entre *figura* e *fundo*.

A sensação, por associação, de que as figuras que representam objetos animados do mundo real revelam disposição para o *movimento*. As figuras podem ter força à

percepção em determinada direção dentro da composição. As linhas curvas ou diagonais podem induzir *maior sensação de movimento* que as horizontais, assim como as cores quentes *parecem avançar* em direção ao observador enquanto as frias parecem recuar. A ilusão de movimento pode ocorrer quando há contraste entre uma *Forma* e o *Contexto* de onde ela parece ter se desprendido.

O *ponto* é a unidade de comunicação visual mais simples e irredutível mínima, em outras palavras, é o elemento mais simples que compõe a matéria. Ele pode ser um ponto de referência ou um indicador de espaço. Qualquer ponto possui um grande poder de atração visual sobre os olhos.

Como *elemento conceitual*, um ponto indica posição. Não tem comprimento nem largura. Pode representar o início e o fim de uma linha e está onde duas linhas se cruzam. Do ponto de vista simbólico, é considerado como elemento de origem.

Como *elemento visual*, o ponto possui *formato, cor, tamanho e textura*. Suas características principais são: Tamanho e o Formato. Sua aplicação em uma representação visual pode também ser classificada em: **Adensamento** (a concentração de pontos para representar um determinado efeito) e a **Rarefação** (o espaçamento entre eles, causando efeito contrário).

Como *elemento relacional*, a sua representação enquanto Unidade de Forma constituirá uma Textura.

A *linha reta* é uma sequência de pontos muito próximos entre si de maneira que se torna impossível edificá-los como Unidade de Forma, aumentando a sensação de direção. Como *elemento conceitual*, pode ser definida como um ponto em movimento; como *elemento visual*, tem comprimento e largura, assim como cor e textura. A linha é um elemento secundário da linguagem visual. Possui posição e direção. É limitada por pontos. Forma a borda de um plano.

As linhas retas têm três movimentos essenciais: *horizontal, vertical e diagonal*. Todas as outras são variações deste movimento. A Horizontal é a manifestação mais simples, que menos energia necessita para ocorrer, é o plano. A Vertical é altura. A energia que vai da profundidade ao infinito, ou vice versa. A Diagonal é secundária em relação à horizontal e à vertical, pois é a síntese e a união das duas.

Os *ângulos* se formam quando as linhas se quebram. Dividem-se em *ângulo reto, ângulos agudos* (fechados) e *ângulos obtusos* (abertos).

A *linha curva* surge quando duas forças exercem pressão simultânea sobre um ponto, sendo uma delas contínua e predominante. As linhas curvas dominam o território

dos sentimentos, da suavidade, da flexibilidade e do feminino. A partir da linha curva pode se formar um círculo ou um arco. Não existe ângulo na linha curva. Na linha curva pode existir um começo e um fim, ou seja, a possibilidade de um encontro, gerando um círculo, que é a representação do todo.

A trajetória de uma linha em movimento se torna um *plano*.

Como *Elemento visual*, tem comprimento e largura, tem posição e direção, é limitado por linhas e define os limites extremos do volume.

As formas planas se dividem nos seguintes formatos: Geométricos; Orgânicos; Retilíneos; Irregulares; Caligráficos e Acidentais.

As principais formas geométricas básicas podem gerar todas as outras mediante variações dos seus componentes. São elas: o *quadrado*, o *círculo* e o *triângulo*.

A autora realiza uma interessante análise sobre as duas polaridades: O quadrado e o círculo.

O *quadrado* é a forma geométrica mais simples e objetiva, formado por duas linhas verticais, que se encontra em quatro ângulos retos. Associado ao número quatro, o quadrado também é o símbolo do mundo estabilizado. Daí sua identificação com o poder e o domínio, o controle e a força. Templos, cidades, indústrias, presídios, campos militares são construídos na forma quadrada. Representa a inteligência, a razão, a capacidade de definir, a fixação e a permanência. O quadrado é a figura de base do espaço. Notas de dinheiro, portas e janelas têm formas quadráticas representando a ideia de força e poder, divisão, fronteirização, controle e vontade racional.

O *círculo* é o resultado de duas forças que exercem pressão lateral e simultânea sobre o ponto, sendo uma delas contínua e preponderante. O círculo representa o começo e o fim que se encontram e se fundem. A imagem do Uno, do todo. A serpente que morde a própria cauda simbolizando o símbolo da evolução. Movimento, continuidade, autofecundação, eterno retorno da manifestação ao interior de sua origem. Autoconhecimento e meditação sobre si próprio, seus atos e desejos. “Nossa cabeça é redonda para permitir o pensamento, mudar direção”. O círculo representa o pensamento e a perfeição.

Formas *positivas* e *negativas*: Quando é preenchida como ocupando um espaço, chamamo-la forma positiva. Quando é preenchida como um espaço vazio, a chamamo-la forma negativa.

As formas podem ainda ser organizadas de infinitas maneiras. E dependendo dessa organização, o efeito espacial é alterado, criando, assim, novos resultados. As

principais formas de inter – relação são oito: *Separação, Contato, Superposição, Interpenetração, União, Subtração, Interseção e Coincidência.*

Unidade de forma ocorre quando o design é composto por um número de formas, aquelas que têm formatos idênticos ou semelhantes. Deve aparecer mais de uma vez no desenho.

Partindo do pressuposto que a análise de qualquer manifestação visual pode ser feita através de sua composição nos elementos que a constituem de forma que melhor possamos compreender o todo e tendo em vista que um dos objetivos desta dissertação é o letramento visual, julgamos interessante pensar que entender o processo de construção e análise dos elementos da Linguagem Visual, considerando como centralidade a FORMA, ajuda-nos a obter estratégias para leitura crítica de uma imagem.

Entender como as formas geométricas se relacionam e os efeitos que são causados ajuda a compreender a relação entre mídias no que toca a “multimodalidade”.

É interessante inferir também a relação de intenções que as figuras geométricas carregam, em outras palavras, é dizer que as figuras geométricas também carregam uma ideologia nas representações da sociedade. O quadrado, por exemplo, formado por duas linhas verticais e duas horizontais, além dos quatro ângulos retos, pode representar, ideologicamente, a estabilidade, o domínio, o controle, a força, a razão... O simbólico que cada uma delas representam, fortalecendo a ideia da força do imagético em nosso cotidiano.

É necessário pensar que as imagens que circulam em textos na internet, por exemplo, não servem apenas para ilustrar, mas carrega em si uma forte intenção de quem a criou, servindo inclusive como um elemento de divulgação de uma ideologia.

Assim como o ponto, o plano e a linha, a **cor** é um importante componente na produção de sentido na leitura do texto verbo-visual. A escolha de determinadas cores para compor uma imagem não são feitas de forma aleatória, pois, normalmente, buscam-se efeitos de contraste, complementariedade, despertar de emoções para alcançar os objetivos planejados, partindo do ponto de vista que a imagem não tem apenas um valor ilustrativo, mas é dotada de significados, em que sua construção é cuidadosamente planejada para atingir determinado objetivo comunicacional.

Na construção de uma capa de revista, por exemplo, cada escolha é calculada, desde o tamanho da fonte até as cores que vão predominar naquele espaço. Há um determinado interesse em produzir sentidos e são escolhas como a destes componentes que ajudam a cumprir tal objetivo.

Neste sentido, em aula ministrada no Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística na UFAL, no dia 17 de agosto de 2016, o professor Dr. Luiz Fernando Gomes destacou a importância de um modelo de teoria das cores para análise do texto visual. Ele expôs definições importantes da “Teoria das cores de Leonardo da Vinci”, discutida em Pedrosa (1982), Arnheim (1997) e Farina (2006).

Da Vinci acreditava que a cor é uma propriedade da luz e não do objeto, ou seja, nas palavras de autores que o estudaram sua obra:

As cores que percebemos são produzidas pela luz. A luz do sol, aparentemente branca, é, na verdade, composta pelas sete cores do arco-íris. Quando a luz do sol ilumina um objeto, algumas dessas cores são absorvidas pelo objeto, enquanto as outras são refletidas na direção dos olhos que as percebem. É esse o fenômeno na direção dos olhos que as percebem. Esse fenômeno nos permite dizer qual a cor dos objetos. (PEDROSA, 1982; FARINA, 2006; ARNHEIM, 1997)

A partir do entendimento do que são as cores, faremos a exposição dos principais conceitos que podem servir de suporte em nossa análise: *Cores primárias, cores secundárias, cores complementares, cores análogas, temperatura das cores, cores contrastantes, cores acromáticas ou neutras e significado das cores.*

Cores primárias são as que não podem ser formadas por nenhuma mistura: azul, amarelo e vermelho.

Cores secundárias são as que surgem da mistura de duas cores primárias: por exemplo, a cor laranja que surge da mistura entre as cores primárias: amarelo e vermelho.

Cores complementares são as cores opostas no disco de cores, como o vermelho e o verde ou o azul e o laranja.

Pequenas quantidades de cores complementares, colocadas lado a lado, dão como resultado um efeito opaco, por outro lado, grandes quantidades de cores complementares, lado a lado, intensificam uma à outra.

As cores complementares são usadas para dar força e equilíbrio a um trabalho criando contrastes. Aliás, estas são as que mais contrastes entre si oferecem, sendo assim, se o objetivo é destacar um amarelo, deve-se colocar junto dele um violeta.

Cores análogas são as que aparecem lado-a-lado no disco de cores, isto é, há nelas uma mesma cor básica. Por exemplo, o amarelo-ouro e o laranja –avermelhado tem em comum a cor laranja.

Elas são usadas para dar a sensação de uniformidade. A composição em cores análogas é considerada elegante e podem ser equilibradas com uma cor complementar.

Temperatura das cores designa a capacidade que elas têm de parecer quentes ou frias. A cor mais quente no círculo é o laranja. Está no centro da metade quente do círculo, que vai do amarelo esverdeado até o vermelho violeta. A cor mais fria, azul, está na metade mais fria do círculo, que vai do vermelho violeta até o amarelo. Vermelho violeta e amarelo esverdeado podem ser quentes ou frias, dependendo de como são usadas.

Cores contrastes são as que, quando usadas próximas umas das outras, produzem uma sensação de choque. As cores contrastantes são diretamente opostas no disco das cores. Assim, a cor que mais contrasta com o vermelho é o ciano; o mesmo acontece com o azul e o amarelo; e com o magenta e verde. Se a cor é primária, contrasta sempre com a secundária e vice-versa. O resultado estético dessas combinações nem sempre é satisfatório, a não ser que haja interesse em explorar o choque visual produzido por elas. Quando mais forte forem elas, maior será esse impacto.

Cores acromáticas ou neutras são: o branco, o preto, as cinzas e os marfins.

Além da apresentação destas definições que podem servir de ferramentas para o procedimento analítico do texto verbo-visual, destacamos também o que os autores chamam de *significado das cores*, em outras palavras, é dizer que as cores podem também ser associadas às características humanas como sentimentos, estado de ânimo, personalidade. Como observamos na figura abaixo:

	Força, euforia, alegria e confiança
	Estimulante, alerta, esperança
	Dinamismo, energia, revolta, calor, raiva
	Bem-estar, paz, saúde, equilíbrio
	Viagem, verdade, intelectualidade, advertência.
	Fantasia, mistério, egoísmo, espiritualidade.
	Estima, valor, dignidade.
	Pensar, melancolia.

**Figura 20:** Esquema do significado das cores.

Considerando a necessidade de letramento do visual, precisamos, na condição de professores/pesquisadores, pensar em alternativas de como refletir sobre a leitura de textos verbo-visuais na escola.

Estudos sistemáticos de elementos que compõe a imagem como o exposto acima através da teoria da forma e das cores e sua produção de efeitos de sentidos é um importante passo nessa direção.

Além da reflexão acerca do estudo sistemático da imagem e da relação imagem-texto, temos também como proposta central, neste trabalho de dissertação, desvelar a posição político/ideológica da revista *Veja*. É neste sentido que a teoria da Análise do Discurso<sup>10</sup> (doravante AD) vem contribuir com nossa fundamentação.

## 2.10 Análise do Discurso

Inicialmente, colocamo-nos a serviço de perceber como as imagens produzidas em nossa sociedade são elaboradas para possibilitar gestos de interpretação acerca dos discursos imagéticos. Tanto a imagem por si só, quanto sua relação com o texto escrito na produção do texto multimodal<sup>11</sup>.

Para esta pesquisa recorreremos à teoria do discurso com o objetivo de ampliar a compreensão acerca de nosso objeto de análise, uma vez que o discurso circula em nossa sociedade produzindo efeitos de sentidos múltiplos e por isso a necessidade de refletir sobre uma teoria que pudesse melhor explicar como estas imagens e a relação multimodal servem de ferramenta para a produção deste efeito discursivo. Assim, como dizem os analistas do discurso, fomos “interpelados” pela ideologia<sup>12</sup>, pois além de preencher os espaços deste trabalho, cumpre com a proposta de desvelar. Neste caso, desvelar os efeitos de sentidos produzidos através do discurso materializado nas capas da revista *Veja* (2003-2016) que trazem a representação imagética do ex-presidente Lula durante o governo PT.

É importante salientar que ao referir-se à Análise de Discurso (AD) estamos tratando da proposta fundada por Michel Pêcheux, na década 1960, “num contexto de evolução das teorias linguísticas e de transformações no campo político”

---

<sup>10</sup> Teoria filiada à perspectiva de linha francesa, de Michel Pêcheux.

<sup>11</sup> Abordamos o termo multimodalidade (GOMES, 2015) como a relação entre os modos de expressão, no qual destacamos os modos: linguístico (texto) e o visual (imagem).

<sup>12</sup> Ler *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, Althusser (1980).

(FLORENCIO, 2009, p. 14), ou seja, a proposta de linha francesa, na perspectiva do materialismo histórico, isto é, do efeito das relações de classe sobre as práticas linguísticas.

Sabemos que este campo de estudo é complexo e problematizador, pois, em sua origem, nasce do resultado da releitura da Linguística (Saussure), do Materialismo histórico (Althusser) e da Psicanálise (Lacan), ou seja, Pêcheux, inicialmente, tentou unir estas três áreas para fundar a Análise do Discurso.

A AD é considerada um lugar de contradição, um terreno arenoso e por isso não aprofundamos em algumas discussões, pois, não somos especialistas nesta teoria, mas buscaremos cumprir com os objetivos teórico-metodológicos básicos propostos pela AD para atingir nosso objetivo: desvelar a posição política/ideológica da revista Veja por meio da descrição/análise/interpretação das imagens e das relações multimodais imagem-texto apresentadas nas capas da revista durante o governo PT.

Dessa forma, discutiremos brevemente o percurso histórico da AD em Michel Pêcheux e sobre seu objeto de estudo, o discurso. Além de discorrer sobre suas categorias de análises fundantes: **Condições de produção e formações ideológicas (FI)**; e outras categorias que serão utilizadas nas análises: **Formação discursiva (FD), discurso, memória discursiva, interdiscurso e intradiscurso, implícitos e silenciamentos e lugar da enunciação**<sup>13</sup>.

### 2.10.1 Análise do Discurso: história, conceito e posição teórica

Podemos afirmar de forma ampla que a Análise do Discurso é, segundo Florencio (2009, p. 19), “um campo de estudo ou uma área de conhecimento que tem por objeto de estudo o discurso”. No entanto, seria simplista sustentar esta definição, pois existem diferentes posições teóricas acerca da AD que surgiram a partir de meados do século XX. As diferentes tendências tornam as discussões dentro da AD bastante complexas, pois possibilitam “diferentes olhares sobre o mesmo objeto de estudo” (FLORENCIO, 2009. p. 20).

Não é nosso objetivo nesta seção fazer um percurso histórico detalhado sobre as diferentes correntes da AD, mas tratar, especificamente, da Análise do Discurso de linha

---

<sup>13</sup> Esta categoria não foi elaborada por Pêcheux, pois este autor não trabalha com enunciação, mas será utilizada, pois cabe na análise e foi utilizada por Zoppi-Fontana (2002), reconhecida analista do discurso no Brasil.

francesa, fundada por Pêcheux, no final da década de 1960 e como ela foi desenvolvida no Brasil, a partir da década de 1980.

A AD, na perspectiva de Pêcheux, surge “num contexto de evolução das teorias linguísticas e de transformações no campo político”. (FLORENCIO, 2009, p. 14). Este fato é um dos motivos da nossa escolha desta teoria para a descrição e análise de nosso *corpus*, pois o momento histórico em que as capas da revista *Veja* (2002-2016) foram elaboradas marcam um momento de intensa movimentação e transformações no campo político brasileiro. Isto demonstra como uma teoria da década de 60 vem sendo amadurecida e se torna uma ferramenta de análise bastante atual.

A perspectiva citada acima está fundamentada no materialismo histórico, isto é, o efeito das relações de classe sobre as práticas linguísticas. A análise do discurso (AD) nessa perspectiva é entendida como o resultado da releitura da Linguística (Saussure), do Materialismo histórico (Althusser) e da Psicanálise (Lacan). Não é, portanto, linguística, materialismo histórico ou psicanálise isoladamente, mas a problematização entre estas áreas. A análise do discurso é considerada um lugar de entrelugares, entremeios e o próprio Pêcheux recebeu críticas por ter se esforçado, inicialmente, para querer unir estas três áreas, possibilitando o surgimento da teoria do discurso.

Sobre o caráter histórico da AD e da relação entre língua e história, Amaral (2016, p.106), no texto “O marxismo inconcluso da Análise do Discurso: um legado de Michel Pêcheux” retoma uma citação de Pêcheux que se refere a Análise do Discurso como um “espaço incerto em que a língua e a história se defrontam - e se enfrentam - mutuamente”, a autora sustenta que as especificidades do discurso “são afetadas pela história”.

Nesse mesmo texto, a autora discute as contribuições do pensamento marxista para o desenvolvimento das questões teóricas e metodológicas da AD e expõe uma citação de Courtine (2006) com objetivo de explicar qual a tarefa desta disciplina que seria “elaborar uma concepção do discurso que fizesse dele um objeto essencial para a compreensão das realidades históricas e políticas, um nível de intervenção teórica crucial para quem desejava, ao mesmo tempo, compreender a sociedade e operar sua transformação” (COURTINE apud AMARAL, 2014, p. 110).

Com a Análise do Discurso e a problematização entre língua, materialismo histórico e psicanálise, há uma mudança de compreensão do fenômeno da linguagem. A teoria mais importante vigente até este momento era a Linguística de Saussure, que tinha a língua como objeto de estudo, “considerada como um sistema de signos

ideologicamente neutro e como uma estrutura estabilizada, pouco sujeita a mudanças” (FLORENCIO, 2009, p. 22).

A língua que era considerada neutra e estabilizada passa a ser atravessada pelo social, pela história e pela ideologia. Segundo Silva (2017, p. 26), “[...] a língua deixa de ser tratada apenas como um sistema abstrato e passa a ser representada como a língua no mundo, constituindo sentidos, isto é, a língua nos estudos discursivos é abordada a partir do viés histórico e ideológico”.

A língua passa ser a materialização da ideologia, isto é, segundo Orlandi (2005, p.15) “na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico”. Isso significa dizer que a língua torna material os efeitos discursivos produzidos pela ideologia.

É justamente da relação indissociável entre língua, história e ideologia que surge o objeto de estudo da AD fundada por Pêcheux: o discurso.

Silva (2017, p. 27) afirma que “é na AD que podemos ultrapassar as fronteiras linguísticas chegando ao objeto de interesse da teoria discursiva que é o discurso”. Este discurso é sempre determinado e apreendido nas relações entre sujeito e o seu deslocar-se no mundo (FLORENCIO et. al. , 2009, p. 24).

Em relação ao sentido da palavra (língua), Pêcheux afirma (apud FLORENCIO et. al. , 2009, p. 24) que este “não pertence à própria palavra, não é dado em sua relação com a ‘literalidade do significante’; ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”, ou seja, não é o arranjo sintático que garante o significado da palavra. Para esclarecer a afirmação de Pêcheux, trazemos a seguinte situação que envolve uma conversa de dois jovens que falavam de outro jovem.

Você conhece o Anderson? Perguntou um deles.

- Conheço – respondeu o segundo.

- Descobri que ele é gay.

- Qual o problema? Anderson é gay, mas é meu amigo.

Analisemos o seguinte enunciado da conversa: Anderson “é gay mas é meu amigo”. Segundo a ideia do autor, numa visão de análise estrutural, temos aí um período composto por coordenação, em que a primeira oração é coordenada assindética – Anderson é gay – e a segunda uma oração coordenada sindética adversativa - mas é meu amigo. Este tipo de período sugere orações independentes, em que o conectivo **mas**

une as duas orações e estabelece entre elas uma relação de oposição de ideias. O **mas** sinaliza que a segunda oração pode ser classificada como adversativa. Segundo esta teoria, terminaria aqui a análise do ponto de vista linguístico.

Por outro lado, na perspectiva da Análise do Discurso, ao sugerir este enunciado, não está transmitindo somente a informação que Anderson é amigo do segundo jovem e por isso merece respeito – ele é gay e amigo. Está-se atribuindo a Anderson um tipo de relacionamento que, socialmente, não é comum por se tratar de um homossexual. Por isso a escolha do conectivo **mas**. “É gay, **mas** é meu amigo.” O enunciado é produzido a partir de um lugar social em que o gay é considerado uma pessoa anormal, marginalizada, com algum tipo de “doença” por ter uma orientação sexual diferente do que a privilegiada pelo grupo social dominante. Nessa conversa, Anderson continua sendo gay, porém, esse possível “problema” é amenizado por ser aceito como amigo de um dos jovens.

É evidente que tanto o primeiro jovem quanto o segundo foram preconceituosos, mas o segundo suavizou por meio do discurso. A escolha do conectivo **mas** “denuncia a posição, o lugar a partir do qual se enuncia”. Neste lugar, ser gay não é ser aceito socialmente, dessa forma, Anderson é um privilegiado - mesmo sendo gay tem uma amizade, tem amizades “normais” – pois a escolha pela homossexualidade é, na sociedade ocidental, um tipo de “doença” que deve ser combatida.

A situação descrita ajuda a ilustrar a função da AD: explicar os caminhos que levaram aos efeitos de sentido produzidos na materialização do discurso no texto.

Não é nossa intenção aqui simplificar a função da Análise do Discurso e seu papel sobre as práticas linguísticas, mas buscamos nela um suporte básico, esclarecendo alguns conceitos importantes, os quais servirão de suporte associados à abordagem sociosemiótica para leitura de texto visual, de Kress & Van Leeuwen (1996), para a realização de nossa análise. Antes de partirmos para as categorias de análise, discutiremos, brevemente, sobre o objeto de estudo da AD: o discurso, que foi proposto a partir de uma teoria discursiva.

Salientamos que existem diferentes concepções de discurso dentro dos estudos da linguagem. Adotamos para esta pesquisa a concepção de **discurso** elaborada pela Análise do Discurso, pois:

Na perspectiva de Pêcheux, o discurso não se confunde com a língua, nem com a fala, nem com o texto; não é a mesma coisa que transmissão de informação, tampouco surge do psiquismo individual de um falante. “é

acontecimento que articula uma atualidade a uma rede de memória [...]. Todo discurso é índice de agitação nas filiações sócio-históricas” (PÊCHEUX, 2012, p. 45, apud FLORENCIO, 2009, p. 26).

Isto é, um discurso é produzido a partir de outros discursos já produzidos. Florêncio (2009, p.27) afirma que “todo discurso é uma resposta a outros discursos com quem dialoga, reiterando, discordando, polemizando. Sendo produzido socialmente, em um determinado momento histórico, para responder às necessidades postas nas relações entre os homens [...]”. Percebemos que os aspectos históricos e ideológicos presentes nas relações sociais também estão contidos nos discursos produzidos.

A língua é a materialização da ideologia e nesta materialização, que ultrapassa os limites linguísticos, chega-se ao discurso. Segundo Orlandi (2008, p. 14), o “discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois”, é “feito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2008, p. 63).

### **2.10.2 Categorias de análise da AD**

Existem outras teorias, filiadas a outros teóricos como, por exemplo, Bakhtin/Volochinov, que discutem a Análise do discurso. No entanto, para este artigo, adotamos a perspectiva do materialismo histórico liderada por Michel Pêcheux. Na conjuntura de convulsão social dos anos 60, na França, funda a Análise do Discurso, apesar de já existirem escritos anterior a esta década. A teoria desenvolvida por ele se opõe as teorias da linguagem da época: Estruturalismo Saussuriano e o Psicologismo Behaviorista e busca contribuir para o avanço dos estudos na perspectiva do materialismo histórico, isto é, o efeito das relações de classe sobre as práticas linguísticas.

Embora tenha sido criticado, inicialmente, por não abandonar a linguística e por querer ter unido a esta o materialismo histórico e a psicanálise, Pêcheux depois reconhece que isto não era possível porque cada uma dessas áreas possui características particulares. Ele percebe que a Análise do Discurso é, por outro lado, o resultado da contradição entre estas três áreas. Seguimos afirmando que o objetivo deste autor era transformar a língua em instrumento de luta política. Pêcheux trabalha o discurso como ação humana.

Passado esta breve contextualização da teoria proposta por Pêcheux, digamos que passaremos para uma parte mais “prática” que nomeia esta seção: as categorias de análise.

É muito importante esclarecer que não aprofundaremos nessas categorias nem trataremos de todas as categorias de análise, mas oferecemos noções breves e práticas sobre elas e selecionaremos as categorias que irão fundamentar nossa análise.

Cavalcante (2009), a fim de introduzir as categorias de análise do discurso, ressalta que:

A nova forma de analisar a materialidade discursiva que é desenvolvida pela AD, possibilita uma análise objetiva do sujeito do discurso, que não é tomado enquanto sujeito de fala, mas enquanto lugar discursivo determinado historicamente. (CAVALCANTE apud FLORENCIO, 2009, p. 60)

A autora acrescenta, com objetivo de justificar ainda mais a utilização das categorias, que:

A circularidade de discursos na sociedade propicia, pois, a manutenção ou alteração de regras sociais determinadoras das relações de dominação, que somente podem ser detectadas no empreendimento da descoberta de sentidos silenciados ou obscurecidos no dizer. (FLORENCIO 2009, p. 64)

A partir dessa apreensão trabalharemos as seguintes categorias da Análise do Discurso: condições de produção, formação ideológica, formação discursiva, discurso, memória discursiva, interdiscurso e intradiscurso, implícitos e silenciamentos e lugar de enunciação.

Podemos afirmar que o recorte epistemológico da Análise do Discurso se divide no “dizer” e nas condições de produção. Estas podem ter o *sentido amplo*, isto é, “expressa às relações de produção, com sua carga sócio-histórico-ideológica”, e o *sentido estrito*, ou seja, “diz respeito às condições imediatas que engendram a sua formulação”, Florêncio (2009, p.65), em outras palavras, o sentido amplo seria as condições sócio-históricas-ideológicas em nível macro, já o sentido estrito são as questões locais. A nível metodológico recomenda-se partir do sentido amplo para o sentido estrito. O sentido amplo determina o sentido estrito, estas categorias estão indissociadas. Segundo Florêncio (2009, p. 64), “esta categoria é essencial no entendimento de como os discursos se constituem, seus sentidos, sua atuação na realidade – como transformação e/ou estabilização dessa mesma realidade em que é produzido”.

Juntamente com as condições de produção, a formação ideológica é considerada uma categoria fundante da Análise do Discurso. Pêcheux (1988, p.146), afirma que as formações ideológicas “possuem um caráter regional e comportam posições de classe”. De acordo com Florêncio (2009, p. 70) “elas dão sustentação ao dizer, produzindo sentidos que discursivamente procuram camuflar conflitos e deixar passar a idéia de ausência de contradições de classes”. Segundo Haroche e ali (1971, p.102), “é um conjunto complexo de atitudes e representações que nem são individuais, nem universais, mas dizem respeito às posições de classe em conflito”.

Outra categoria importante que se relaciona com a anterior é a formação discursiva. Segundo Florencio (2009, p. 73) “formações discursivas são concebidas como provenientes de uma formação ideológica que lhes dá suporte, como lugar de articulação entre língua e discurso”, ou seja, lugar em que as formações ideológicas realizam o trabalho de estabelecimento de sentidos – aceitáveis pela formação dominante, ou não. Em outras palavras, é o que pode e o que não pode ser dito a partir de um dado lugar social que o sujeito ocupa.

O discurso é o lugar onde se produz os sentidos. O objeto de estudo da análise do discurso será o discurso ou algo ligado diretamente a ele. De acordo com as ideias de Pêcheux, o discurso é uma forma de materialização ideológica, como identificaram os marxistas em outras instâncias sociais. O sujeito é um depósito de ideologia, sem vontade própria, e a língua é um processo que perpassa as diversas esferas da sociedade.

O percurso metodológico de um analista do discurso é partir da formação social, seguir para a formação ideológica, passar à formação discursiva até chegar ao discurso.

Outra categoria importante que fundamenta a Análise do discurso é a memória discursiva. Segundo Cavalcante & Machado (2015), Memória discursiva é “o conjunto de formulações de saberes discursivos que tornam possíveis novos dizeres, ou seja, ao serem retomados em novas sequências discursivas, essas formulações produzem diferentes efeitos – de ratificação, redefinição, ruptura, negação – do “já dito”. Em outras palavras, é o já dito que é retomado como pré-construído e que produz outros/mesmos sentidos.

Dois conceitos que estão diretamente relacionados com o de memória discursiva são o de interdiscurso e intradiscurso. Segundo Cavalcante:

A relação entre o já-dito e o que se diz, melhor dizendo, entre sentidos anteriores constituídos e uma formulação atual é o que a AD vai denominar de Interdiscurso e Intradiscurso, respectivamente. O primeiro, discursos já

constituídos que entram na produção discursiva ressignificando o já-dito antes, [...] O segundo é compreendido como o que está sendo dito em situação e momentos dados, como fio de discurso, como funcionamento discursivo, atravessado pelo interdiscurso, por isso indissociados. (CAVALCANTE, 2009, p. 76)

O interdiscurso traz a memória, ele seria o diálogo entre o discurso atual e os discursos pré-construídos numa memória histórica, ou seja, o ato de retomar a memória. O intradiscurso é a atualidade, ou seja, o que está sendo dito no momento a partir do interdiscurso. O intradiscurso atualiza o interdiscurso.

Passamos para duas categorias principais dentro da AD: implícitos e silenciamentos. De acordo com Ducrot (1972, p.76 apud CAVALCANTE, 2002) implícitos “são modos de expressão que permitem deixar entender sem incorrer na responsabilidade de ter dito.” O implícito remete ao dito, mantendo com ele uma relação de dependência para significar. Este é de responsabilidade do interlocutor, pois é trabalho de interpretação, em outras palavras, “é um mecanismo discursivo que faz o outro (interlocutor) dizer, no lugar do enunciante.” Por outro lado, segundo Orlandi (2007, pp.68-75-76), “o silêncio não depende do dito para significar.” É o não dito necessariamente excluído. “Se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada.” (cf. CAVALCANTE, MAGALHÃES,2002; CAVALCANTE, 2002; CAVALCANTE, 2015). Segundo Orlandi (2007, p. 11-12), “o estudo do silenciamento nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito absolutamente distinta da que se tem estudado sob a rubrica do ‘implícito’”.

Por último e não menos importante trataremos da categoria denominada: lugar de enunciação. Segundo Zoppi-Fontana:

Os lugares de enunciação se definem em relação ao funcionamento do Estado e de suas instituições, porém consideradas as regras de projeção pelas quais as posições de sujeito, das quais esses lugares são parte integrante, se delimitam no interdiscurso, no processo contínuo de sedimentação das condições de produção (ZOPPI-FONTANA 2002, p. 23).

O lugar de enunciação deve ser relacionado com a posição do sujeito, ou seja, deve ser vista a posição que o sujeito ocupa, de onde ele enuncia.

Pêcheux (1993, p.166), ao argumento sobre Formações Ideológicas, trata indiretamente do conceito de lugar de enunciação, pois se discute a posição do sujeito numa dada conjuntura:

[...] as formações ideológicas de que acabamos de falar comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes (PÊCHEUX, 1993, p.166).

Pêcheux não utiliza necessariamente o termo “lugar de enunciação”, mas ao tratar das formações ideológicas e, conseqüentemente, das formações discursivas, discute a ideia desse conceito, pois argumenta que algo é dito a partir de uma dada posição.

### CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA

Antes de explicar qual o tipo de pesquisa adotado nesta dissertação, torna-se necessário expor que utilizaremos, principalmente, duas teorias para o momento de análises: a Abordagem Sociossemiótica para leitura de texto visual, de Kress & Van Leeuwen (1996) e a Análise do Discurso de linha francesa, na concepção do materialismo histórico, de Pêcheux (1993, 1997a, 2006).

A Abordagem Sociossemiótica para leitura de texto visual proporciona um modo sistemático de análise de estruturas visuais via um conjunto de regras e normas formais (ALMEIDA, 2008, p. 10), ou seja, a linguagem visual utiliza uma organização que se dá por meio de três estruturas de representações básicas, as denominadas metafunções: representacional, que descreve os participantes de uma ação, interativa, descreve as relações sócio interacionais construídas pela imagem e a composicional, que combina seus elementos.

Da Análise do Discurso de linha francesa, de Pêcheux, utilizaremos as categorias de análise para desvelar a posição política/ideológica da Editora Abril, por meio da descrição, análise e interpretação<sup>14</sup> da materialidade discursiva presente nas imagens associadas ao texto verbal apresentadas nas capas da revista *Veja* durante o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) (2002<sup>15</sup> – 2016).

Além das contribuições das duas teorias mencionadas acima, recorreremos também a conceitos das abordagens discutidas em nosso referencial teórico. Por exemplo, levaremos às análises as relações entre imagem e texto da Abordagem de Roland Barthes (1970), as contribuições da Teoria das Cores (1982, 1997, 2006) e outras definições significativas das demais propostas teóricas.

Escolhemos este caminho, pois acreditamos haver uma aproximação entre as duas teorias. Ambas discutem o caráter social da linguagem, além de ter o objetivo de desvelar aquilo que é posto como evidência. O suporte das demais teorias é fundamental para enriquecer as análises e assim melhor desvelar os sentidos produzidos pela construção dos textos multimodais nas capas das revistas.

---

<sup>14</sup> A Análise do Discurso utiliza a expressão “gestos de interpretação” na utilização das categorias para análise.

<sup>15</sup> Incluímos as capas do final de 2002, período após a vitória de Lula nas eleições para presidente do Brasil.

Estamos conscientes de que as duas principais teorias<sup>16</sup> citadas apresentam alguns pontos<sup>17</sup> de discordância entre elas, mas, por outro lado podem por meio de suas contribuições oferecerem um suporte teórico-analítico rico para refletir o problema do papel e poder da imagem na sociedade moderna.

### 3.1 Tipo da Pesquisa

Com o exposto acima, podemos dizer que esta pesquisa é por um lado descritivo-analítica, na qual pretendemos levantar dados<sup>18</sup>, descrever e analisar a luz das metafunções da teoria Sociossemiótica de Kress & Van Leeuwen (1996) e das Abordagens das relações multimodais o nosso corpus de estudo, as capas da revista *Veja* em que aparece a figura do ex-presidente Lula durante o governo PT (2002 - 2016), observando o papel das imagens na construção dos efeitos de sentidos produzidos.

Por outro lado, esta pesquisa não se encaixa<sup>19</sup> em um modelo metodológico pré-estabelecido para diversas teorias, pois também assume a tomada de posição da Análise do Discurso frente à **questão metodológica**. Para Pêcheux (2006), toda descrição de um fato já é uma interpretação, dessa forma o gesto de interpretação está entrelaçado ao ato de descrever e analisar, em outras palavras, as ações de descrever, analisar e interpretar não funcionam de forma linear, mas agem concomitantemente, dentro da AD, pois esta teoria assume um modo particular em relação à metodologia que se relaciona diretamente com a teoria.

A respeito da questão metodológica dentro da AD, Mittmann (2007, p.153) afirma que nesta teoria não se faz “uma descrição do texto, mas uma teorização do discurso, ou seja, toma o texto como unidade linguística para análise do funcionamento do discurso e reflexão sobre as condições históricas de produção/leitura”. Esta afirmação justifica a obrigatoriedade da categoria “condições de produção” no processo de análise discursiva. Ainda de acordo com Mittmann (2007, p.155), “é a análise que

---

<sup>16</sup> Semiótica Social e Análise do Discurso.

<sup>17</sup> Alguns conceitos, como por exemplo, o de discurso, apresenta diferentes definições. Nesta pesquisa adotamos a concepção de discurso da AD.

<sup>18</sup> As capas da revista *Veja* em que aparece a figura do ex-presidente Lula durante o governo PT (2002 - 2016).

<sup>19</sup> No momento que serão utilizadas as categorias de análise da AD.

nos faz retornar à teoria, repensá-la, reconduzi-la constantemente, sem perder o fio” condutor.

O quadro epistemológico da Análise do Discurso passa pelas condições de produção do discurso, ou seja, o linguístico que se relaciona com o inconsciente, com o histórico e o político (MITTMANN, 2007, p. 154).

Em relação à materialidade linguística, entendemos esse linguístico na visão de Orlandi (2012, p.50), em que não existe uma única maneira de textualização do discurso, pois a produção de sentidos “não se dá apenas por uma via – a verbal”. Compreendemos o conceito de texto de acordo com a mesma autora (2008, p. 89). “Se texto é, como dissemos, a unidade de análise afeta pelas condições de produção e pela memória, ele é, para o analista, o lugar da relação com a representação física da linguagem, onde ela é som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho – material bruto – más é, sobretudo, espaço significante”. Sendo assim, de acordo com Fernandes (2015, p.82) “o conceito de texto como “espaço significante” nos leva a compreender que o discurso pode se manifestar em diferentes formas materiais empíricas”. As imagens seriam uma destas formas materiais.

Na perspectiva da forma da abordagem do problema, esta investigação é de natureza qualitativa, pois trabalha com um olhar interpretativo e busca atribuições de significados. Como argumentam Silva e Menezes (2005, p. 20): “A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas”. Afirmção de Silva e Menezes confirma a natureza de nossa pesquisa, pois pretendemos identificar, descrever, analisar e interpretar os efeitos de sentidos produzidos por meio das imagens e de sua relação com o verbal, identificando como estes modos de expressão materializam os discursos produzidos através das capas da Revista Veja.

Mais especificamente, a análise realizada neste trabalho de investigação pode ser classificada como pesquisa documental, pois, de acordo com o pensamento de Ludke e André (1986), “a análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Esta abordagem metodológica é coerente com nossa proposta de desvelar os efeitos de sentidos materializados em forma de discurso numa capa de revista de circulação nacional.

A citação de Santos (2000) confirma que a escolha de nosso *corpus* de análise está situada no tipo de pesquisa documental:

A pesquisa documental é realizada em fontes como tabelas estatísticas, cartas, pareceres, fotografias, atas, relatórios, obras originais de qualquer natureza (pintura, escultura, desenho, etc.), notas, diários, projetos de lei, ofícios, discursos, mapas, testamentos, inventários, informativos, depoimentos orais e escritos, certidões, correspondência pessoal ou comercial, documentos informativos arquivados em repartições públicas, associações, igrejas, hospitais, sindicatos (SANTOS, 2000, p.45).

Nosso *corpus* de pesquisa está materializado na capa de um periódico, uma revista, que é uma obra original, um informativo que contém discursos e imagens, isto é, é coerente com as fontes que se encaixam no tipo de pesquisa documental.

### 3.2 Contexto da Pesquisa

Os avanços tecnológicos, principalmente o surgimento da internet, potencializaram às aparições de imagens em nosso cotidiano. As leituras de algumas disciplinas do primeiro ano de mestrado como, por exemplo, “Estudo da textualidade na relação imagem-texto em (hiper)textos impressos e digitais”, aguçou o nosso olhar para os textos visuais produzidos em nossa sociedade. As leituras em AD nos fez refletir que a imagem também materializa o discurso e que este jamais será “neutro ou inocente” (FLORENCIO at. al., 2009, p. 27). Decorrente deste “olhar com atenção” para a imagem e da reflexão de como os discursos são articulados, nossa pesquisa nasce do resultado de observações em capas de revista de grande circulação no país.

Percebemos a recorrência da representação da figura do ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, principal líder do PT, nas capas da revista Veja, da Editora Abril. Investigando um pouco mais afundo, demos conta que, durante o período que o partido este a frente do governo do país, a recorrência aumentou ainda mais e Lula era representado como destaque de várias formas diferentes.

Surgiram algumas perguntas: em que medida uma revista de grande circulação nacional pode divulgar uma posição política/ideológica através da imagem de suas capas associadas ao texto verbal? Qual o discurso produzido através da construção do texto multimodal por uma revista de circulação nacional? Quais escolhas linguísticas e imagéticas são feitas para alcançar tais objetivos? Como o modo visual se relaciona com o modo verbal e juntos produzem sentido na capa da revista Veja? Quais as categorias de análise da AD podem ser observadas nas capas da revista Veja? Quais os efeitos de

sentidos estão materializados nestas capas? Quais caminhos seguir para desvelar estes efeitos de sentido?

As leituras e pesquisas nos três primeiros semestres de mestrado, especialmente motivadas pelo curso de cinco disciplinas: Semântica discursiva, Teoria do discurso, Seminários temáticos em Análise do Discurso: Processos Discursivos e Procedimentos Metodológicos, Estudo da textualidade na relação imagem-texto em (hiper)textos impressos e digitais e Tópicos avançados em estudos textuais : Hipertexto e gêneros textuais, ocasionaram tais questionamentos, despertando nosso interesse pelo tema e fundamentando a investigação.

Tais pesquisas e leituras nos fez perceber que as possíveis reflexões para os questionamentos anteriores poderiam ser sustentados através da contribuição de teorias que, primeiramente, oferecessem suporte para descrição e análise sistemática da imagem e da relação multimodal entre imagem e texto, na qual elegemos como principal a abordagem Sociosemiótica<sup>20</sup> para leitura de texto visual, de Kress & Van Leeuwen (1996), em seguida uma teoria que tratasse da questão ideológica e dos discursos produzidos, na qual elegemos a Análise de Discurso de linha francesa, baseada nas ideias de Michel Pêcheux.

Vale acrescentar algumas palavras a respeito do contexto sócio-histórico de fundação da revista *Veja*, pois nos oportuniza refletir acerca de possíveis objetivos desta fundação e como a revista se posiciona diante da questão política no Brasil.

Segundo Fernandes (2008, p. 74-75), a revista *Veja* foi fundada em 11 de setembro de 1968, pela editora Abril, como primeira a tratar de temas políticos. Houve um grande investimento por parte da editora, em que a escolha dos jornalistas para compor seu corpo editorial foi feita através de um rigoroso processo que envolveu jornalistas de todas as regiões brasileiras.

A editora Abril conta com uma infraestrutura de reportagem por todas as capitais brasileiras, que mantém contato com a redação de São Paulo, isto é, o grupo paulista controla toda produção, edição e circulação da revista. Além da colaboração de serviços de agências jornalísticas estrangeiras para cobrir acontecimentos internacionais.

---

<sup>20</sup> Tratamos no capítulo um de diversas teorias que discutem a relação entre imagem e texto e que contribuem para a análise sistemática da imagem, mas para as análises desta dissertação priorizamos a proposta de Kress e Van Leeuwen (1996).

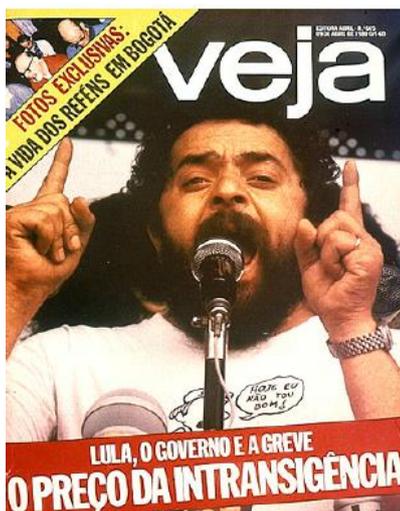
A fundação da revista demonstra a preocupação de tratar de temas políticos. O conteúdo que a alimenta é advindo de todas as regiões do Brasil e de fontes internacionais, no entanto as informações passam por um filtro da redação paulista, ou seja, é de São Paulo a decisão final do que vai e do que não vai compor a revista *Veja*.

### 3.3 Objeto e Corpus de Pesquisa

Nosso objeto de pesquisa é o Discurso do fazer política no Brasil materializado nas capas da revista *Veja* (2002-2016), em que aparece a imagem do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o período em que o partido PT esteve a frente do governo federal, incluindo as capas do final de 2002, período após a vitória de Lula nas eleições para presidente.

Florêncio et. al. (2009, p.85) argumentam que, nos procedimentos de análise da AD, “o primeiro aspecto a ser abordado diz respeito ao objeto discursivo a ser analisado. Devemos precisar qual o recorte da realidade que será ponto de partida para nossas análises. Temos que ter o entendimento de que todo discurso é o resultado de uma intervenção do sujeito sobre um aspecto da realidade [...]”. Em outras palavras, a afirmação de Florêncio orienta nosso percurso de análise no que diz respeito ao nosso objeto de pesquisa. Mais adiante comprovamos esta afirmação ao expor o recorte da realidade que fizemos para iniciar nossas análises.

Coletamos para formação de nosso *corpus* de pesquisa mais de 50 capas da revista *Veja*, em que aparece a figura de Lula, incluindo a primeira aparição do ex-metalúrgico em 09 de abril de 1980.



**Figura 21:** Edição da revista *Veja*, publicada em 9 de abril de 1980



Sociossemiótica para leitura de texto visual, de Kress & Van Leeuwen (1996) e as categorias de análise da AD de linha francesa, na concepção do materialismo histórico, de Pêcheux (1993, 1997a, 2006) e os principais conceitos das Abordagens para a relação verbo-visual nos textos multimodais.



**Figura 23:** Capas da revista *Veja* selecionadas para análise desta pesquisa

As cinco capas de revistas selecionadas são: 1. *Edição da revista veja de nº 1775, publicada em 4 de novembro de 2002*; 2. *Edição da revista veja de nº 1910, publicada em 22 de junho de 2005*; 3. *Edição da revista veja de nº 2189, publicada em 3 de novembro de 2010*; 4. *Edição da revista veja de nº 2450, publicada em 11 de novembro de 2015*; 5. *Edição da revista veja de nº 2470, publicada em 30 de março de 2016*.

É importante destacar que as cinco capas selecionadas trazem outras informações, além das que se referem a Lula. Descreveremos/analisaremos/interpretaremos, especialmente, somente as materialidades (verbais ou visuais) que se referem ao ex-presidente.

### 3.4 Critérios de análise

Os critérios de análise empregados foram os seguintes:

1. Iniciamos realizando a apresentação do texto visual e da transcrição do texto verbal (materialidade discursiva) que serão analisados.
2. Seguimos em busca de “primeiras impressões” acerca da materialidade discursiva analisada, ou seja, informações básicas<sup>22</sup> sobre a capa da revista Veja como número de edição, data de publicação, grupo editorial responsável, algum tipo de repercussão e descrição das materialidades discursivas.
3. Análise<sup>23</sup> através das abordagens que tratam da relação entre texto visual e texto verbal e teorias que explicam sistematicamente a composição do texto visual, como, por exemplo, as três metafunções sugeridas pela abordagem Sociossemiótica para leitura de texto visual, de Kress & Van Leeuwen (1996). Segundo esses autores, a linguagem visual usa uma organização que se realiza por meio de três metafunções: **representacional**, que descreve os participantes de uma ação, **interativa**, que descreve as relações sócio-interacionais construídas pela imagem e a **composicional**, que combina seus elementos. Kress & Van Leeuwen denominam esta organização em Gramática do Design Visual (GDV). Esta proposta é muito mais complexa do que apresentaremos aqui, no entanto tentaremos oferecer, baseado em Gomes (2015), os tópicos principais que servem de base para uma análise sistemática do texto visual<sup>24</sup> por meio das metafunções.
4. Uso das categorias de análise da AD: *Condições de Produção, Formações Ideológicas, Formação discursiva, Discurso, Memória Discursiva, Interdiscurso e Intradiscurso, Implícitos e Silenciamentos e Lugar da Enunciação*, nas materialidades discursivas. Relembramos aqui a citação de Orlandi (2012, p.50), em que ela argumenta que não existe uma única maneira de textualização do

---

<sup>22</sup> Somente a informação mais saliente da capa, isto é, as informações verbais e visuais referentes a Lula.

<sup>23</sup> Não, necessariamente, estas etapas seguirão de forma separada e isolada, pois os efeitos de sentidos surgirão na utilização das diversas teorias. Sugerimos esta ordem para orientar o caminho que estamos trilhando.

<sup>24</sup> Esta etapa da análise somente será realizada no texto visual.

discurso, pois a produção de sentidos “não se dá apenas por uma via – a verbal”, ou seja, as imagens também podem funcionar como materialidade. Segundo Silva Sobrinho (2016, p. 179), “as imagens — que são materialidades significantes, em seus traços e luminosidade — não se reduzem a uma simples produção e percepção de seus contrastes de formas e cores, luzes e sobras, mas, sobretudo, dão pistas do funcionamento do discurso e de seus processos de significação que intervêm nas práticas sociais”. Dentre as categorias de análise da AD mencionadas no corpo teórico deste trabalho, informamos que as categorias: Condições de Produção e Formação Ideológica são as principais no processo analítico, pois são consideradas categorias fundantes nesta perspectiva.

5. Identificação dos efeitos de sentidos produzidos, observando como eles atuam em nosso objetivo de desvelar a posição político/ideológica da revista *Veja*, após o processo de descrição, análise e interpretação, mediado pelas reflexões das teorias mencionadas.

## **CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO CORPUS**

Nesta seção, faremos a descrição, análise e interpretação da relação entre imagem e texto nas cinco capas das revistas *Veja* selecionadas entre os anos de 2002-2016<sup>25</sup>. A análise do texto visual será feita por meio das metafunções propostas pela abordagem Sociossemiótica para leitura de texto visual, de Kress & Van Leeuwen (1996). A partir do resultado desta primeira análise imagética nos apropriaremos das categorias<sup>26</sup> de análise da Análise do Discurso, de linha francesa, baseadas nas ideias de Pêcheux, para análise e interpretação tanto da materialidade discursiva materializada no texto verbal quanto no visual e os efeitos de sentido produzidos por meio destas categorias na relação texto-imagem.

Ao todo são cinco capas analisadas, como descrito no capítulo Metodologia de Pesquisa. Embora não contemplemos a análise de todas as capas publicadas durante o governo do PT, que aparece o ex-presidente Lula, consideramos que a amostra selecionada é significativa e contempla o objetivo desta dissertação. Buscamos a escolha de capas que contemplassem todo o período do PT no poder, desde o momento que Lula ganhou a primeira eleição, no final de 2002, até os momentos finais que antecederam o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016.

Na continuidade, iniciaremos a descrição/análise/interpretação das capas selecionadas que estão intituladas através da abordagem ou conceito que mais foi relevante durante seu processo analítico.

### **4.1 Análise discursiva e as categorias da AD**

A primeira materialidade discursiva a ser descrita/analizada/interpretada é a capa da revista *Veja*, nº 2450, publicada em 4 de novembro de 2015, pela editora *Abril*.

A capa mencionada traz como materialidade texto verbal (palavras) e texto não verbal (imagem). Podemos exemplificar nela as categorias de análise da Análise do Discurso, fundamentada na perspectiva do Materialismo Histórico, de Pêcheux.

---

<sup>25</sup> Edições nº: 1775, 1910, 2189, 2450 e 2470.

<sup>26</sup> Condições de Produção, Formações Ideológicas, Formação discursiva, Discurso, Memória Discursiva, Interdiscurso e Intradiscurso, Implícitos e Silenciamentos e Lugar da Enunciação

É importante destacar que analisaremos, especialmente, a reportagem principal desta edição que afirma que Lula "sempre escapou dos adversários, mas quem o está afundando agora são parentes, amigos, petistas e doadores de campanha investigados por corrupção". Os outros destaques desta capa são: "Einstein - Há 100 anos o gênio desenhou a gravidade, a mais misteriosa das forças da natureza" e "Nutrição - Comer bacon, salsicha e presunto provoca câncer? A Organização Mundial da Saúde gerou pânico ao dizer que sim". Esses outros destaques não serão analisados.

Abaixo apresentamos a imagem da capa da revista em questão e a transcrição da materialidade discursiva verbal.



**Figura 24:** Edição da revista veja de nº 2450

*Os “chaves de cadeia” que cercam Lula: Ele sempre escapou dos adversários, mas quem o está afundando agora são os parentes, amigos, petistas e doadores de campanha investigados por corrupção.*

*Alexandrino Alencar, Rosemary Noronha, José Dirceu, Marcos Valério, Pedro Corrêa, Léo Pinheiro, Ricardo Pessoa, Marcelo Odebrecht e José Carlos Bumlai.*

**Quadro 8:** Transcrição da materialidade discursiva verbal na capa nº 2450

Na busca de primeiras impressões sobre a materialidade discursiva em questão, podemos afirmar que a *Veja* é uma revista de circulação nacional<sup>27</sup> e cogitamos que ela representa uma posição política/ideológica que atende a perspectiva do Capital, isto é, os interesses da classe dominante<sup>28</sup>.

A capa, logo após ser publicada no início de novembro de 2015, gerou polêmica! Lula processa a *Abril*. Foi publicado no **Jornal GGN**<sup>29</sup> a seguinte nota: “O Instituto Lula divulgou na tarde desta quarta-feira (4) uma nota informando que o ex-presidente protocolou ontem no Foro Regional de Pinheiros (SP) uma ação de reparação por danos morais contra a editora Abril, responsável pela revista *Veja*. No final de semana, o semanário publicou em sua capa uma montagem de Lula com uma espécie de camisa de presidiário. Para formar as listras negras do traje, o veículo usou nomes de pessoas ligadas ao governo Lula, que viraram alvo do Ministério Público Federal e da Polícia Federal em casos como Mensalão e Lava Jato”.

A imagem traz o ex-presidente do Brasil e principal líder do Partido dos Trabalhadores (PT), Luiz Inácio Lula da Silva, vestido numa roupa com linhas pretas e brancas que faz alusão à roupa de presidiário, além disso, a citada roupa traz escritos nomes de pessoas ligadas a Lula que se envolveram em esquemas de corrupção no Brasil (Alexandrino Alencar, Rosemary Noronha, José Dirceu, Marcos Valério, Pedro Corrêa, Léo Pinheiro, Ricardo Pessoa, Marcelo Odebrecht e José Carlos Bumlai). É perceptível que o corpo não é do ex-presidente, pois destacam braços musculosos que remetem, possivelmente, a figura de um presidiário. É possível perceber também a alusão aos personagens “Irmãos Metralha”, que formam uma quadrilha de ladrões atrapalhados das histórias em quadrinho e dos desenhos animados da Disney. O texto verbal reforça esta alusão já que induz o leitor a pensar que “Lula” está sendo prejudicado pelas próprias “atrapalhadas” de “sua quadrilha”.

A imagem de ex-presidente não interage como o leitor, pois o seu olhar está desviado, tem-se, assim, um homem triste, envergonhado, humilhado, em contraste com

---

<sup>27</sup> Segundo seu fundador, Roberto Civita, a revista *Veja* é considerada "a maior e mais respeitada revista do Brasil. [...] A principal publicação brasileira em todos os sentidos. Não apenas em circulação, faturamento publicitário, assinantes, qualidade, competência jornalística, mas também em sua insistência na necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil. Essa é a missão da revista. Ela existe para que os leitores entendam melhor o mundo em que vivemos”.

<sup>28</sup> Defendemos baseado em Vasconcelos e Cavalcante (2013, p.65) que [...] os discursos sempre se vinculam a determinadas formações ideológicas constituídas por representações que dizem respeito às posições de classe em conflito. Elas são balizadas na divisão de classes: classe dominante (perspectiva do capital) e classe dominada.

<sup>29</sup> <https://jornalggm.com.br/noticia/abril-e-processada-por-edicao-de-veja-com-lula-vestido-de-presidiario>

as imagens de Lula como militante e, posteriormente, Presidente da República. A imagem remete a um cenário de politicagem, corrupção e vergonha.



**Figura 25:** Irmãos metralhas

A saliência da capa está na imagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com os braços (que não parecem ser dele) apontados para baixo, com as mãos fechadas, expressão de tristeza ou vergonha, vestido com uma roupa de presidiário que contém escritos nomes de pessoas ligadas a ele que se envolveram em esquemas de corrupção, mostrando  $\frac{3}{4}$  de seu corpo. Considerando o texto verbal, principalmente a informação verbal que aparece mais saliente (em caixa alta, negrito e entre aspas) “CHAVES DE CADEIA”, segundo o site Significados<sup>30</sup>, “*Chave de cadeia é uma expressão popular usada para nominar aquilo que pode trazer problemas, ou aquele que gosta de fazer confusão, que se mete em encrenca com muita facilidade, que tem atitudes que pode transformar a vida do outro em um verdadeiro pandemônio*”. No referido texto “chaves” aparece no plural indicando que não trata apenas de uma pessoa que causa problema, mas um grupo que é citado na imagem, em que seus nomes estão escritos na camisa que Lula veste, ou seja, é como dizer que o ex-presidente escolheu pessoas erradas, “chaves de cadeia”, que estão transformando sua vida em um pandemônio. No entanto, é preciso destacar que o texto verbo-visual não retira a culpa de Lula, pois o coloca como presidiário. Podemos inferir que Lula é posto como chefe da “quadrilha” e aqueles denominados “chaves de cadeia” não fizeram o serviço bem e por isso prejudicaram o chefe. Daí a analogia com os “Irmãos Metralha”.

Após este primeiro olhar, constatamos que nossa materialidade discursiva foi construída de forma cirúrgica e que contém muitas informações que precisou ser

<sup>30</sup> <http://www.significados.com.br/>, acesso em 10/11/2015, às 17h.

desveladas. Estas podem ter sido construídas para atender objetivos específicos, interesses de um determinado grupo social.

Neste momento, recorreremos às categorias de análise da Análise do Discurso, pois acreditamos que é possível a contribuição desta teoria para melhor entender nosso objeto de estudo, o discurso materializado nas capas da revista *Veja* por meio da relação imagem-texto, além de percebermos os efeitos de sentidos produzidos através dos gestos de interpretação.

Seguindo o caminho metodológico sugerido pela teoria iniciamos nossa análise<sup>31</sup> identificando quais as **Condições de Produção** em seu sentido amplo e estrito. No **sentido amplo**, que seriam as condições sócio-históricas-ideológicas em nível macro, podemos citar a crise econômica mundial do Capitalismo que reflete em todo o mundo, inclusive no Brasil. No **sentido estrito**, que seriam as questões locais, podemos remeter à situação política do Brasil, a luta de classes entre a classe dominante e a classe dominada, o cenário de corrupção que permitem investidas no enfraquecimento do governo vigente (PT), representado por Lula, líder do partido, através de várias acusações ao governo Dilma: processos de investigação como a “Lava jato”, “Mensalão” e outros crimes de corrupção.

Outra categoria que nos ajuda a entender como circula o discurso do fazer política no Brasil é a **Formação Ideológica**. A essência da definição dessa categoria diz respeito a “posições de classe”. É identificável que a posição ideológica que a revista *Veja* atende é a que **não** nutre a necessidade dos trabalhadores e **não** se vinculam a discursos mais progressistas, mas atende à perspectiva da classe dominante.

A análise desta capa desvela os sentidos produzidos, em que a revista se opõe ao governo PT e busca atacá-lo com objetivo de enfraquecê-lo tanto para sua saída do poder no momento da publicação da capa quanto para uma possível reeleição em 2018. Percebemos aqui os interesses de determinada classe que, neste caso, é a classe dominante que se opõe a classe trabalhadora.

Segundo Florêncio (et.al., 2009, p. 73), “**Formação Discursiva** é lugar em que as formações ideológicas realizam o trabalho de estabelecimento de sentidos – aceitáveis pela formação dominante, ou não”. A revista *Veja* fala para uma sociedade leitora: aos que se opõe e aos que não se opõe, buscando sua mudança. O objetivo aqui é, talvez, a desconstrução de Lula, buscando persuadir estes leitores que são os mesmos

---

<sup>31</sup> O contexto da análise é a data de publicação da capa analisada.

que votarão nas eleições de 2018, que possivelmente ele pode ser candidato e, mesmo que ele não seja busca-se descaracterizar qualquer candidato proveniente do PT. Um prova da desconstrução do ex-presidente do Brasil é a imagem de Lula que não interage como o leitor, pois o seu olhar está desviado, tem-se, assim, um homem triste, envergonhado, humilhado, em contraste com as imagens de Lula como militante, presidente da República.

Chegamos finalmente em nosso objeto de estudo, o **Discurso**, o lugar onde se produz os sentidos, a materialidade ideológica. No caso de nossa análise, é parte da própria materialidade discursiva que produz os sentidos, “os chaves de cadeia”. O discurso que é circulado é que o fazer política atualmente no Brasil é praticar nepotismo. Inferimos que a expressão “chaves de cadeia” associada à imagem produz vários sentidos. Na imagem, os nomes estão cercando literalmente Lula na camisa. Um dos verbos utilizados na materialidade discursiva verbal “escapou” significa que ele é culpado, mais ainda não foi pego. Luiz Inácio Lula da Silva está vestido numa roupa que faz alusão à roupa de presidiário, além disso, a citada roupa traz escritos nomes de pessoas ligadas a Lula que se envolveram em esquemas de corrupção no Brasil.

Identificamos que o corpo não é do ex-presidente, pois destacam braços musculosos que remetem, possivelmente, a figura de um presidiário. É possível perceber também à alusão aos personagens “Irmãos Metralha”, que formam uma quadrilha de ladrões atrapalhados das histórias em quadrinho e dos desenhos animados da Disney. O texto verbal reforça esta alusão, já que induz o leitor a pensar que “Lula” está sendo prejudicado pelas próprias “atrapalhadas” de “sua quadrilha”. Daí explica o surgimento da expressão “irmãos PeTralhas”, bastante divulgada pela mídia digital<sup>32</sup>.

Para sustentar as conclusões de nossa investigação verificaremos as outras categorias de análise. A **Memória Discursiva** é o já dito que é retomado como pré-construído e que produz outros/mesmos sentidos. Percebemos na materialidade a roupa que faz alusão aos presidiários, em que coloca o ex-presidente nesta condição. Além da memória dos personagens animados “irmãos metralhas” (ladrões atrapalhados).

Em relação ao **Interdiscurso** e o **Intradiscurso**, ou seja, o já dito e o que se diz, percebemos a relação com o mencionado em relação à memória. A memória histórica nos diz que aqueles que formam quadrilhas para praticarem atos ilícitos merecem serem detidos, assim como os personagens “irmãos metralhas”. Esta memória também nos diz

---

<sup>32</sup> Principalmente em sites que discutem política por meio do humor. Como, por exemplo, o site: <https://www.humorpolitico.com.br/lula-2/ainda-falta-o-chefe-dos-irmaos-petralhas/>

que Lula cometeu “atos ilícitos” e é culpado, mas nunca conseguiu ser pego pelos adversários. A atualidade nos diz que Lula que nunca conseguiu ser pego (pelos adversários) está, curiosamente, sendo “encarcerado” pelos próprios “companheiros”, daí a memória da quadrilha dos “irmãos metralhas”.

O que está **Implícito** é que existem outros adversários (chaves de cadeia), mas somente os que estão próximo de Lula e do PT é que estão o afundando. Foi **Silenciado** aqui a crise mundial que favorece este cenário político do Brasil, além dos “chaves de cadeia” que atendem a classe dominante (integrantes de partidos como PMDB, PSDB...) que também contribuem para o cenário político atual do país.

Analisando o **Lugar de Enunciação**, podemos afirmar, considerando o sujeito do discurso, o corpo editorial da revista *Veja*, que a posição da revista *Veja* é de “representante” da direita, que busca descaracterizar o governo atual do Brasil visando às eleições presidenciais de 2018. Nosso sujeito do discurso é o corpo editorial da revista *Veja*.

Nessa capa, inferimos que há um objetivo de divulgação do discurso o governo do Partido dos Trabalhadores, liderado por Lula, não é o mais preparado para administrar o Brasil devido às “trapalhadas” de Lula e sua equipe. Também não estaria apto para concorrer/ganhar as eleições em 2018. Este discurso é o discurso da ideologia do Capital, que está sendo representado pela revista *Veja*.

Seguiremos o percurso para análise de mais quatro capas da revista *Veja*, em que aparece Lula durante o governo PT, utilizando outras contribuições teóricas (análise sistemática do texto visual, análise da relação imagem-texto, Teoria das Cores) além das categorias da AD.

Esta primeira capa analisada foi a que inicialmente nos chamou atenção e motivou o andamento da pesquisa. Sua publicação foi no ano de 2015 e marca os momentos finais do governo PT na presidência do Brasil. Buscaremos identificar nas outras materialidades como a *Veja* se posiciona e faz circular o discurso sobre sua posição política.

## 4.2 As metafunções da teoria Sociossemiótica e a relação entre o visual e o verbal

A segunda capa em que o discurso foi materializado é a da revista *Veja* edição nº 2470, publicada em 23 de março de 2016. Essa edição marca o final de nosso recorte histórico, ou seja, é a publicação mais próxima analisada antes do impeachment de Dilma Rousseff, isto é, do término do governo PT.

É interessante observar na próxima materialidade descrita/analísada/interpretada que a informação referente Lula é exclusiva no espaço destinado a capa, ou seja, não existem outros destaques na capa da revista desta edição. Toda atenção do leitor recai sobre o que é construído sobre o ex-presidente e o que ele representa: o PT.

Seguimos com a apresentação de nossa materialidade discursiva, incluindo o texto verbal e o texto visual.



Figura 26: Edição da revista *veja* de nº 2470

MENSALÃO – PETROLÃO – SÍTIO DE ATIBAIA – TRIPLEX DE GUARUJÁ – CASA CIVIL – A VOZ DAS RUAS

EXCLUSIVO

“LULA COMANDA O ESQUEMA”

O senador Delcídio Amaral antecipa a VEJA a segunda parte de sua delação e detalha como o governo vazava operações da Lava – Jato usando as senhas “ventos frios” e “questão indígena”

**Quadro 9:** Transcrição da materialidade discursiva verbal na capa nº 2470

Essa edição foi publicada em março de 2016, mês de bastante tensão política no país, principalmente em relação ao Partido dos Trabalhadores. No dia 4 de março de 2016, por exemplo, foi divulgado no site da BBC<sup>33</sup> que Lula se tornou alvo na 24ª fase da operação Lava Jato: “A Polícia Federal iniciou na madrugada desta sexta-feira, no apartamento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em São Bernardo do Campo (SP), a 24ª fase da Operação Lava Jato”. No dia 22 de março, um dia antes da publicação desta capa, o site Globo<sup>34</sup> discutia a possibilidade de impeachment de Dilma e traz a seguinte declaração da presidente na época “Não cabem mais palavras: o que está em curso é um golpe contra a democracia. Jamais renunciarei”.

Considerando esse contexto histórico/político, partimos para a etapa da análise por meio da Teoria Sociosemiótica, de Kress & Van Leeuwen (1996).

Em relação à **metafunção representacional**, temos os *participantes*: interativos (ativos) – Lula interage através do gesto de “dar banana”. Na relação **narrativa** temos: *Ação-atores*: Lula (ator) e leitor (meta). A *reação* é transacional, pois o participante apesar de apresentar o olhar desviado interage com o leitor através do gesto de “dar banana”. O **processo verbal**: MENSALÃO – PETROLÃO – SÍTIO DE ATIBAIA – TRIPLEX DE GUARUJÁ – CASA CIVIL – A VOZ DAS RUAS. **EXCLUSIVO**: “LULA COMANDA O ESQUEMA”. O senador Delcídio Amaral antecipa a VEJA a segunda parte de sua delação e detalha como o governo vazava operações da Lava – Jato usando as senhas “ventos frios” e “questão indígena”. O **processo mental**: gesto de desprezo e desdém do ator em relação ao leitor. Na relação **conceitual** temos: *Classificacional*: político (ex-presidente do Brasil), principal líder do PT, partido que

<sup>33</sup> [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160304\\_lula\\_operacao\\_aleteia\\_policia\\_fd](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160304_lula_operacao_aleteia_policia_fd)

<sup>34</sup> <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/noticias-para-voce-terminar-este-22-de-marco-bem-informado.html>

governava o país na época. *Simbólico*: política, corrupção, revolta, desdém. *Analítico*: Lula é culpado.

Tratando da **metafunção interativa** que traz estratégias de aproximação/afastamento do leitor, percebemos que, em relação ao *contato*, não há contato com o leitor, pois o participante está com olhar desviado reforçando a ideia de desdém com o leitor/povo brasileiro. O que parece interagir realmente com o público é a “banana” dada pelo ex-presidente. Em relação à *distância social*, há uma longa distância do leitor, pois há um objetivo de expressar afastamento de Lula e do povo brasileiro. A perspectiva é frontal, pois envolve o observador com a cena, mesmo que o rosto esteja numa perspectiva oblíqua. Em relação à *modalidade* (valor de verdade), percebe-se quase que total o valor de uma imagem verdadeira, pois aparece Lula, ex-presidente, líder do PT, cercado de esquemas de corrupção investigados neste mesmo governo, além disso, a imagem parece uma foto que reforça a ideia de realidade. O participante e a situação exposta existem, são reais, mesmo que não seja verdade a tese da capa da revista Veja.

Sobre a **metafunção composicional**, temos como *valor informativo*: localização central, em que ocupa praticamente todo espaço da esquerda para a direita, ou seja, novo e velho é a mesma coisa. *Enquadramento/moldura*- plano estruturado – imagem está no centro. *Saliência*: Lula é o participante mais saliente, pois é exclusivo em todo o espaço da capa da revista.

Observamos na análise da capa da revista Veja seis imagens idênticas do ex-presidente do Brasil e principal líder do Partido dos Trabalhadores (PT), Luiz Inácio Lula da Silva. Cada uma delas está acompanhada de palavras que faz menção a escândalos na administração do governo PT e uma representação do povo brasileiro (mensalão – petrolão – sítio de atibaia – triplex de guarujá – casa civil – a voz das ruas).

Lula aparece com o gesto de “dar uma banana”, que segundo o dicionário Houaiss<sup>35</sup> é um “gesto ofensivo que consiste em dobrar o braço com a mão fechada, segurando ou não o cotovelo com a outra mão” ou um “gesto grosseiro”, segundo o dicionário Aurélio<sup>36</sup>. Significa desprezo e desdém. Pretende-se passar a ideia que o ex-presidente além de ser culpado por todos os escândalos citados também trata tudo com desrespeito, desprezo e desdém. Ele e o PT não estão preocupados com a situação, inclusive com o povo brasileiro, “a voz da rua”.

<sup>35</sup> <https://www.dicio.com.br/houaiss/>

<sup>36</sup> <https://dicionarioaurelio.com/>

As imagens ocupam posição central na capa da revista e além de ser o mais saliente (mais destacado) é também a única notícia da capa (normalmente aparecem outras notícias mesmo que com menos saliência). Predominam as cores preta e branca, que são as cores de maior contraste (Teoria das Cores<sup>37</sup>), como se quisesse provocar o efeito de transparência “preto no branco”, mais claro impossível que Lula e o PT são culpados por todos os crimes de corrupção do Brasil.

O texto verbal “LULA COMANDA O ESQUEMA” (em caixa alta e com fonte grande) reforça as informações “subliminares” já expressas nas imagens. A escolha do verbo “comandar” foi estratégica, pois conota a ideia de coordenar quadrilha que pratica crimes. A palavra “EXCLUSIVO” (também em caixa alta) aparece na cor vermelha, que segundo a teoria das cores significa: dinamismo, energia, calor, raiva e revolta, pois quer chamar a atenção do leitor deixando-o em alerta para o que está acontecendo sobre o comando de Lula e assim despertar raiva e revolta nos leitores. Aparece também a informação sobre o senador Delcídio, que serve de argumento para a tese exposta na capa da Veja.

O olhar através das lentes das metafunções da teoria Sociossemiótica possibilita uma análise sistemática do texto visual e demonstra o potencial das imagens no plano da expressão e da produção de sentido. Utilizaremos, a seguir, das contribuições na Análise do Discurso, mas não tocaremos em todas as categorias de análise para não ser repetitivo em relação a análise anterior. Traremos os gestos de interpretação mais relevantes para entender os efeitos de sentidos produzidos.

Sobre as **Condições de Produção** podemos citar, no **sentido amplo**, a crise econômica mundial do Capitalismo, que é **silenciada** como causa na situação política do Brasil, além da própria política voltada aos interesses do Capital, que é justamente a política adotada pela classe dominante possivelmente representada aqui pela revista Veja, que demonstra oposição ao governo PT. No **sentido estrito**, podemos citar a luta de classes entre classe dominante e a classe trabalhadora (dominada) e os próprios esquemas de corrupção citados na capa da revista. **Mensalão** - esquema de compra de votos de parlamentares, deflagrado no primeiro mandato do governo de Luís Inácio Lula da Silva e denunciado pelo então deputado federal Roberto Jefferson (PTB – RJ), em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, no início de junho de 2005. **Petrolão** - esquema de corrupção e desvio de fundos que ocorreu na Petrobras. Sítio de

---

<sup>37</sup> Dedicamos um tópico a esta teoria no corpo desta dissertação.

**Atibaia** – Este imóvel pertence supostamente a Lula, que nega ser o dono do local, o que configuraria crime de ocultação de patrimônio. **Triplex de Guarujá** – Imóvel que dizem ser de Lula, reformado com dinheiro público, em que está envolvido o empreiteiro Léo Pinheiro, investigado pela “Lava-Jato”. **Casa Civil** - Dilma Rousseff deu posse a Lula, em 17 de março, o cargo de ministro-chefe da Casa Civil. Esta ação foi entendida como uma manobra política para obstruir investigação contra Lula na operação “Lava-Jato”. Além dos esquemas de corrupção pode ser mencionada também, no sentido estrito, a expressão “**A voz das ruas**” – seria uma representação do povo brasileiro que foi às ruas pedir o impeachment do governo PT.

Em relação à **Formação Ideológica**, confirma-se a posição ideológica que o grupo *Veja* representa, a que atende a perspectiva do Capital, que seria o discurso da classe dominante.

Percebemos que a análise da materialidade discursiva verbal e imagética evidencia a construção dos efeitos de sentidos que sustentam os discursos representados por esta materialização: o discurso da classe dominante que se opõe ao discurso da classe trabalhadora.

Analisando o lugar de enunciação, podemos sustentar esta tese, considerando o sujeito do discurso, o corpo editorial da revista *Veja*, que assume a posição de “representante” da classe dominante, que busca descaracterizar Lula, como acontece na maioria das capas da revista que o ex-presidente é representado.

Enriquecendo a análise, recorreremos à abordagem de Roland Barthes (1970) para explicar a relação entre imagem e texto. São três as relações entre texto visual e texto verbal: Ancoragem, ilustração e relay.

É a relação de **ancoragem** que é significativa nesta capa, pois nesta relação o texto escrito direciona a leitura da imagem, em outras palavras, “a palavra guia a interpretação” (Buzato, 2007), dita a leitura da imagem. Segundo Moreira (2013, p.40), “o leitor é levado a ancorar-se no texto para compreender a imagem”.

A imagem que aparece de Lula com o gesto de “dar banana” é única e se repete seis vezes. É a partir do texto escrito que interpretamos os sentidos produzidos.

A imagem por si só não é rica em significados, mas ao se relacionar às palavras que faz menção a escândalos na administração do governo PT e uma representação do povo brasileiro (mensalão – petrolão – sítio de atibaia – triplex de guarujá – casa civil – a voz das ruas) , além da frase “Lula comandava o esquema”, o texto visual ganha

sentido e demonstra a reação de Lula diante dos escândalos no governo PT. É a palavra que orienta a interpretação nesta relação.

É importante salientar que outras capas com a representação de Luiz Inácio Lula da Silva foram publicadas pela revista *Veja* após a saída do PT da presidência do Brasil. Esses acontecimentos possibilitam que pensemos que o real objetivo do grupo social que a *Editora Abril* representa não era só retirar o Partido dos Trabalhadores do poder, mas descaracterizá-lo, enfraquecê-lo para uma próxima eleição.



**Figura 27:** Edição da revista *veja* de nº 2496, publicada em 21 de setembro de 2016.



**Figura 28:** Edição da revista *veja* de nº 2527, publicada em 26 de abril de 2017.



**Figura 29:** Edição da revista *veja* de nº 2339, publicada em 19 de julho de 2017.

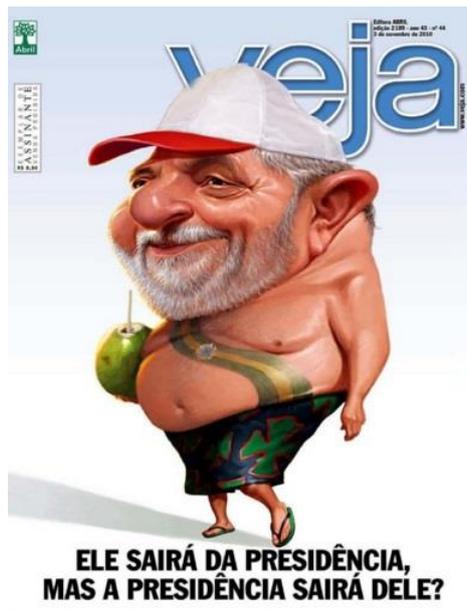
### 4.3 Análise sistemática do texto visual

A materialidade discursiva a ser descrita/analísada/interpretada nesta subseção é a capa da revista *Veja*, nº 2189, publicada em 3 de novembro de 2010.

Priorizaremos nesta parte da análise a contribuição das teorias que discutem sistematicamente o texto visual.

A Abordagem Sociossemiótica, de Kress & Van Leeuwen (1996), servirá de norteadora do percurso de descrição/análise/interpretação, no entanto recorreremos a outros aportes teóricos com objetivo de enriquecer a análise, por exemplo, a Teoria das Cores, a Abordagem de Luiz Camargo.

Em seguida, apresentamos a capa da revista em questão com o a exposição do texto visual e a transcrição da materialidade discursiva verbal.



**Figura 30:** Edição da revista veja de nº 2189

*ELE SAIRÁ DA PRESIDÊNCIA, MAS A PRESIDÊNCIA SAIRÁ DELE?*

**Quadro 10:** Transcrição da materialidade discursiva verbal na capa nº 2189

Esta capa foi publicada no período de transição, em que Lula saia da presidência do Brasil após dois mandatos (2003-2006/20017-2010) e Dilma Rousseff, sua companheira de partido (PT), assumia o cargo de líder do país.

O ex-presidente do país é representado como se estivesse num ambiente de praia, curtindo as férias, com trajes praieiros (bermuda leve estampada, sandálias, boné para proteger do sol, água de coco), exceto pela faixa de presidente.

A faixa de presidente é o traje incomum de acordo com o ambiente, mas é justamente ela que dialoga com o texto com texto verbal e provoca efeitos de sentidos. Vejamos as contribuições das teorias antes de tirar as conclusões.

Luís Camargo (1998) busca transpor conceitos dos estudos linguísticos voltado ao texto verbal para o texto visual. Este autor transpõe os conceitos de Funções da Linguagem (Teoria da Comunicação) e Figuras de Linguagem (Retórica visual) ao visual e elabora as Funções da Imagem e as Figuras de Linguagem, em que “os significados decorrem não só do que a imagem representa, mas também de como ela o faz” (CAMARGO, 1998).

É possível identificar na capa a **Função Simbólica**, que sugere significados sobrepostos ao seu referente, mesmo que arbitrariamente, como é o caso das bandeiras nacionais. São atribuídos a Lula significados que sobrepõe a imagem representada, pois ele aparece como o presidente que finalizou seu mandato e por isso “estaria de férias” curtindo a praia, no entanto a faixa de presidente, que parece estar tatuada, ou seja, não sairá dele (respondendo a pergunta feita por meio do texto verbal: “a presidência sairá dele?”), marca a arbitrariedade, implicando que ele continuará sendo o presidente mesmo que oficialmente este cargo seja ocupado por Dilma Rousseff .

A **Função Conativa**, que orientada para o destinatário, visando influenciar seu comportamento, através de procedimentos persuasivos ou normativos, também é marcante nesta capa, pois esta construção visual visa ao leitor da revista e o alerta para que ele perceba quem realmente será o responsável pelas ações presidenciais do Governo Dilma. Numa relação de ironia, talvez a revista Veja quis persuadir o destinatário que o partido PT buscou, de certa forma, enganar o leitor que pensou ter elegido Dilma, mas na verdade o eleito foi o próprio Lula. É como que indiretamente fosse feita a seguinte pergunta ao leitor/eleitor “É confiável este partido que praticou este tipo de ação?”.

Em relação a figuras de linguagem, podemos mencionar a **Hipérbole**, que seriam os procedimentos de exagero. Lula é caricaturado na capa, em que traços como orelha, nariz e barriga são representados de forma exagerada. A barriga grande pode significar um estado de bem estar, tranquilidade, fartura, controle da situação.

Luis Camargo seguiu a mesma orientação da Gramática do Design visual proposta por Krass & Van Leeuwen, pois buscou um modo sistemático de análise de estruturas visuais por meio de regras e normas formais.

Tratando da análise por meio da Abordagem Sociosemiótica, de Kress & Van Leeuwen (1996), interpretamos, na **metafunção representacional**, que o participante Lula é apenas representado, isto é, ele é passivo. Na organização **narrativa**, em relação à *ação/atores*, a ação parte da representação de Lula (ator) para o leitor (meta). A *reação* é não transicional, pois o participante não interage com o leitor, no entanto o *processo verbal* “*ELE SAIRÁ DA PRESIDÊNCIA, MAS A PRESIDÊNCIA SAIRÁ DELE?*” interage com o leitor (meta), pois se trata de uma pergunta retórica que mesmo não exigindo uma resposta, provoca a reflexão. A escolha dos verbos no tempo futuro “sairá”, presentes do modo verbal, convoca o leitor a olhar para o futuro, as próximas

ações do governo PT, e observar se o presidente Lula deixará de influenciar na presidência mesmo com o término de seu mandato.

O *processo mental* remete à expressão de Lula como uma pessoa tranquila, em paz, curtindo as férias sem preocupação, pois seu cargo de presidente está garantido. Na organização **conceitual**, por meio do *processo classificacional*, temos um político que acaba de sair do cargo de presidente do Brasil, principal líder do partido político PT, que, neste momento, continuará governando o país por meio de Dilma Rousseff. Subtendemos que o maior poder está nas mãos do líder do partido, Lula. O processo simbólico remete à política, poder, influência... Não há o *processo analítico*.

Sobre a **metafunção interativa**, destacamos que não há *contato* com o observador do texto visual, pois o olhar do participante Lula está desviado e por isso não há interação. Há uma pequena *distância social* do leitor, pois o participante ocupa quase todo o espaço da capa. Equivale ao plano cinematográfico fechado. . A *perspectiva* é frontal. A modalidade (valor de verdade) é real, pois envolve um político que existe da forma que foi representado como presidente (faixa de presidente na imagem) mesmo em forma de caricatura.

Na **metafunção composicional**, temos a localização central da imagem, em que Lula é o participante mais saliente, já que ocupa quase todo o espaço da capa. A ideia de saliência é reforçada, pois a representação de Lula é exclusiva na capa desta edição.

Em relação às contribuições da Teoria das Cores e seus significados, que podem ser associados às características humanas como sentimentos, estado de ânimo, personalidade, a cor verde remete a bem-estar, paz, saúde, equilíbrio. O verde aparece em destaque na capa; na sandália, na bermuda, na faixa presidencial e no coco. Inferimos que Lula foi representado como alguém que está tranquilo, em paz, com o bem-estar elevado, tomando sua água de coco e articulando as próximas ações governamentais, pois sua posição é confortável, já que mesmo perdendo o cargo de presidente ele continuará com o poder.

O fundo da capa é pintado pelo azul bastante claro, que em relação à temperatura das cores é considerado uma cor fria, reafirmando a ideia de tranquilidade diante da situação. O azul também remete à viagem, que reforça a ideia de férias.

São usadas ainda as cores branca e vermelha no boné para fazer referência ao PT. Reforçando a ideia de que o objetivo de possível ataque da revista Veja não é somente Lula ou Dilma, mas o partido de uma forma geral.

A utilização das contribuições teóricas utilizadas nesta análise demonstrou o potencial destas reflexões para a produção de sentido por meio da análise sistemática do texto visual.

Desvelamos como o construtor do texto visual escolhe cada detalhe para atingir seus objetivos de cunho ideológico. Identificando essas escolhas por meio da descrição/análise/interpretação, podemos compreender que posição de classe a *Veja* representa e a quem ela visa atingir.

#### 4.4 Composição da imagem na relação multimodal verbo-visual

A capa selecionada para esta análise é a da revista *Veja*, nº 1775, publicada em 4 de novembro de 2002.

Esta edição foi lançada no final do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), após o resultado das eleições que culminou na vitória de Lula para presidente do país pela primeira vez.

Utilizaremos nesta análise contribuições da Teoria da Forma: Ponto/Linha/Plano, de Paradella (1987), da Teoria das Cores, da proposta de Marsh e White (2003), além da já recorrente proposta Sociosemiótica, de Kress & Van Leeuwen (1996).

Segue a edição que iremos descrever/analisar/interpretar com o suporte das teorias mencionadas acima.



**Figura 31:** Edição da revista *veja* de nº 1775

O PRIMEIRO PRESIDENTE DE ORIGEM POPULAR

Seu desafio: retomar o crescimento e corrigir as injustiças sociais sem colocar em risco as conquistas de FHC

TRIUNFO HISTÓRICO

**Quadro 11:** Transcrição da materialidade discursiva verbal na capa nº 1775

A representação de Lula, nesta edição, aparenta ser uma fotografia real, em que o principal líder do PT está vestido num terno preto, com uma gravata escura, segurando a bandeira do Brasil e com uma fisionomia de uma pessoa feliz após uma vitória.

O fundo da capa da revista e as cores da fonte de todo texto verbal escrito são das cores da bandeira do Brasil (branco, azul, amarelo e o verde (símbolo da editora Abril)), principalmente o azul e o amarelo, que, curiosamente, são as cores da logo do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), partido de FHC (presidente anterior a Lula) na época de publicação da edição.

Verifiquemos a semelhança em relação às cores predominante na capa e na logo.



**Figura 32:** Logo do partido PSDB<sup>38</sup>

Essa semelhança não é acidental, mas uma evidência que demonstra que tanto a revista Veja quando o partido PSDB atendem a mesma posição ideológica.

<sup>38</sup> Fonte:

[https://www.google.com.br/search?q=psdb&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiOIIiZrf\\_XAhUBPZAKHQ4lBR0Q\\_AUICigB&biw=1366&bih=662#imgrc=MxfsjLV08UyavM:](https://www.google.com.br/search?q=psdb&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiOIIiZrf_XAhUBPZAKHQ4lBR0Q_AUICigB&biw=1366&bih=662#imgrc=MxfsjLV08UyavM:)

Parandella (1987) defende, no artigo “Teoria da Forma: Ponto/Linha/Plano”, que a análise de qualquer manifestação visual pode ser feita através de sua composição nos elementos que a constituem de forma que melhor possamos compreender o todo.

As principais formas geométricas básicas podem gerar todas as outras mediante variações dos seus componentes e simbolizam significados na sociedade. São elas: **o quadrado, o círculo e o triângulo.**

Resumindo as ideias da autora, **o quadrado** é a forma geométrica mais simples e objetiva, formado por duas linhas verticais, que se encontra em quatro ângulos retos. Associado ao número quatro, o quadrado também é o símbolo do mundo estabilizado. Daí sua identificação com o poder e o domínio, o controle e a força. Templos, cidades, indústrias, presídios, campos militares são construídos na forma quadrada. Representa a inteligência, a razão, a capacidade de definir, a fixação e a permanência. O quadrado é a figura de base do espaço. Notas de dinheiro, portas e janelas têm formas quadráticas representando a ideia de força e poder, divisão, fronteirização, controle e vontade racional.

Observamos, segundo a contribuição desta teoria, que a capa da revista analisada tem forma quadrática, que é cortada formando dois triângulos (da bandeira para baixo um, de Lula para cima, outro).

Inferimos que a estabilidade, o poder, o domínio, o controle, a força, a inteligência, a razão, a capacidade de definir, a fixação e a permanência simbolizada pela forma quadrática, que associa a revista e a posição política/ideológica que ela representa, que é a mesma do presidente anterior FHC, está sendo dividida em dois triângulos através do “triunfo”, da novidade da vitória de Lula. A estabilidade, o controle, a inteligência, a razão... Pode ser ameaçada com o novo governo na administração do Brasil.

O trecho do texto verbal reforça esta ideia e adverte/pressiona Lula “ [...] sem colocar em risco as conquistas de FHC”, ou seja, a estabilidade e o controle conquistado por este governo.

De acordo com a Teoria das Cores de Leonardo da Vinci, discutida em Pedrosa (1982), Arnheim (1997) e Farina (2006), a cor azul, que prevalece na capa analisada, representa: *verdade, intelectualidade, advertência*. Esta verdade que é apresentada como associada à revista Veja, FHC e a posição ideológica que eles representam, adverte Lula e quase que o sufoca. O azul da capa cerca toda a representação do

presidente que tinha acabado de ganhar as eleições, quase que o prendendo. Inclusive o nome da revista “VEJA”, em azul, é colocado como um peso em sua cabeça.

Sobre a proposta Sociossemiótica, de Kress & Van Leeuwen (1996), no que concerne à metafunção composicional, a relação entre elementos da imagem, o local que o participante (Lula) ocupa na disposição do espaço da capa da revista é acima (IDEAL) e mais a esquerda (DADO).

Esta representação também adverte que a vitória de Lula pode ter sido uma idealização do eleitor que o elegeu, mas na verdade ao invés de trazer os benefícios esperados (retomar o crescimento e corrigir as injustiças sociais) ele pode, na verdade, colocar em risco as conquistas de FHC.

Analisando a relação entre texto verbal e texto visual de acordo com a proposta de Marsh e White (2003), identificamos a função *Relacional*, que expressa *contraste* entre texto e imagem. A representação de Lula contrasta com a ideia de “triumfo”, “presidente”, “crescimento”, “conquista” e “FHC”.

Seguindo a ideia de Parandella (1987) de que a análise da composição dos elementos que constituem a imagem é fundamental para que melhor possamos compreender o todo, verificamos que a construção desta capa analisada, aparentemente imparcial, foi construída de forma a se opor a posição ideológica que Lula possivelmente representa, a classe trabalhadora.

#### **4.5 Função representacional e os implícitos e silenciamentos**

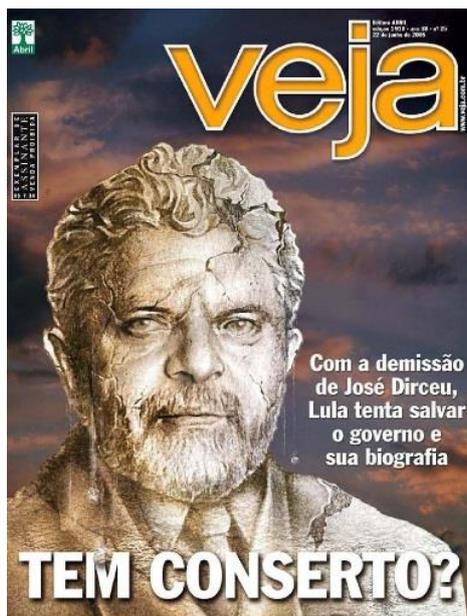
A última capa analisada é a edição da revista *Veja*, nº 1910, publicada em 22 de junho de 2005.

Esta edição foi lançada no contexto do pedido de demissão de José Dirceu, ministro chefe da Casa Civil do primeiro mandato do governo Lula, no dia 16 de junho de 2005. O então chefe do ministério da Casa Civil foi acusado na época pelo deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) de comandar um esquema de "mensalão".<sup>39</sup>

Segue abaixo a referida capa.

---

<sup>39</sup> Fonte: <https://noticias.uol.com.br/ultnot/brasil/2005/06/16/ult2041u46.jhtm>



**Figura 33:** Edição da revista veja de nº 1910

Com a demissão de José Dirceu, Lula tenta salvar o governo e sua biografia.

TEM CONCERTO?

**Quadro 12:** Transcrição da materialidade discursiva verbal na capa nº 1910

Lula é representado em modelo de estátua que remete a um tipo de líder de um império. A liderança seria a presidência do país e o império, o Brasil.

A estátua está em ruínas, soltando pedras, rachando-se pela cabeça e, conseqüentemente, o que ela representa também está aparentemente sendo destruído pelo topo, em outras palavras, o governo Lula parece esmorecendo e a “rachadura” iniciou pelo topo, pois seu principal ministro José Dirceu pediu demissão.

A Teoria das Cores (1982, 1997, 2006) argumenta que a cor marrom significa pensamento, melancolia. Identificamos na capa desta edição que os tons de marrom são predominantes, expressando a ideia de preocupação, melancolia porque o “Império Lula” está sendo desmoronado, já que perdeu um dos principais líderes, José Dirceu.

Os tons de azul, considerada uma cor fria de acordo com o conceito de “temperatura das cores” reforça a ideia de melancolia, tristeza, preocupação.

Em relação à metafunção **interativa**, da teoria Sociosemiótica, de Kress & Van Leeuwen (1996), identificamos que há interação entre participante e leitor, pois se

forma vetor que confirma contato entre as linhas do olho do participante representado e o interativo, além da perspectiva ser frontal, já que Lula é representado em ângulo frontal.

Os efeitos construídos podem remeter a um sentimento de tristeza, melancolia, ou seja, a revista *Veja* talvez quisesse representar Lula de frente ao leitor, para que este percebesse a tristeza e insegurança de seu governo. As pedras que caem da estátua podem ser confundidas com lágrimas, confirmando a ideia de tristeza e melancolia.

No que toca à relação texto visual e texto verbal, percebemos a presença da função *Representacional* de Carney e Levin (2002).

No modelo destes autores, a imagem serve o texto por meio de cinco funções: decoracioanal, representacional, organizacional, de interpretação e transformacional. Na função *Representacional*, a imagem retrata o que o texto descreve, em parte ou totalmente. Algumas imagens representacionais vão além do texto e retratam mais do que o texto descreve.

O termo “Lula” e a pergunta “tem concerto?” são representados pela imagem que apresenta a estátua de Lula que está sendo quebrada e que pode ou não ser concertada. Neste caso a imagem só reforça o que o texto enuncia.

Focando na materialidade discursiva: texto, destacamos dois importantes conceitos da AD de Michel Pêcheux: implícitos e silenciamentos.

De acordo com Ducrot (1972, p.76) citado por Cavalcante (2002), os implícitos “são modos de expressão que permitem deixar entender sem incorrer na responsabilidade de ter dito”.

Segundo Orlandi (2007, p. 11-12) “o estudo do silenciamento nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito”.

Ao enunciar a pergunta “Tem concerto?”, o corpo editorial da revista deixa implícito que tem algo quebrado mesmo que isso não tinha sido comprovado naquele momento e silencia, se quebrado, outras pessoas que fizeram isso, pois a responsabilidade recai somente em Lula e José Dirceu.

Ao utilizar o verbo “salvar”, que, de acordo com o site “Dicionário online de Português”<sup>40</sup>, significa “tirar ou livrar do perigo ou ruína”, a revista *Veja* deixa implícito

---

<sup>40</sup> <https://www.dicio.com.br/salvar/>

que o governo está em ruínas, perigo muito grande, na tentativa de exagerar a situação de demissão de José Dirceu.

A utilização da palavra “biografia” expressa o desejo da Veja de não só expor os fatos, mas também de atacar a imagem do ex-presidente Lula, na época.

Destacamos que as contribuições da Teoria das Cores (1982, 1997, 2006) foram utilizadas nas cinco análises, demonstrando sua importância na análise do texto verbo-visual. Vejamos um bom exemplo em que esta teoria contribuiu para a construção dos efeitos de sentido.

Na imagem abaixo, uma capa da revista Veja publicada em janeiro de 2013, que traz o contexto do início do primeiro mandato do ex-presidente Lula, percebemos como as cores funcionam como ferramentas, associadas à relação entre o texto e a imagem, na construção dos efeitos de sentidos pretendidos pelo corpo editorial desta revista.

A cor de fundo predominante na imagem é um amarelo-alaranjado, que é considerada uma cor quente de acordo com o conceito de “temperatura das cores”, além de remeter à euforia, à força, à movimentação, de acordo com o conceito de “significado das cores”.

Estes sentidos interagem com o texto, mais especificamente com as palavras “trapalhadas”, “começo”, reforçando a ideia de “desorganização”. Por outro lado, os tons de laranja são considerados contrastes com os tons de azuis. Inferimos que a escolha da cor azul para representar o nome da revista não foi acidental. Provavelmente, com o objetivo de transmitir o sentido que a “revista Veja” pensa o contrário das trapalhadas do início do Governo Lula. Há um contraste entre Revista Veja e Governo Lula.



**Figura 34:** Edição da revista veja de nº 1785, publicada em 15 de janeiro de 2003.

As análises demonstram que através da produção de diferentes efeitos de sentidos, o corpo editorial da revista *Veja* e a posição política/ideológica que ela representa buscaram o mesmo objetivo: marcar oposição a figura de Lula, que representa o partido dos Trabalhadores no período em que o PT estava na administração do país e posteriormente também. Estes objetivos atendem a classe dominante, que é a ideologia do capital.

A utilização de diferentes teorias de descrição/análise/interpretação sistemática do texto visual, das diversas formas de discutir como imagem e texto podem se relacionar e da análise da materialidade discursiva: texto, por meio das categorias de análise da AD foram fundamentais para o desvelamento dos sentidos produzidos através destas construções multimodais.

## CONCLUSÃO

A ideia de multimodalidade surgiu, dentro dos estudos da linguagem, influenciada pelos avanços tecnológicos, principalmente pelo surgimento da internet. Esse conceito foi difundido através da GDV produzida por Kress & Van Leeuwen, que tem como base a linguística sistêmico-funcional de Halliday.

Com a multimodalidade, outros modos de expressão começaram a ser valorizados (imagem, gesto, som...) e partir daí surgiram diversas teorias, seguindo a linha da Semiótica Social, que estudaram como funciona a relação e a produção de sentido entre eles, principalmente o modo visual e o modo verbal.

Uma teoria adequada para explicar a multimodalidade textual deve ser pensada de maneira a permitir tanto a descrição de características específicas de um modo em particular (como citamos a descrição da imagem, por exemplo), bem como suas propriedades semióticas gerais com possibilidade para relacioná-las com outras modalidades semióticas. Numa análise, devemos procurar identificar os valores e as regras de organização dos sistemas de significados que formam a modalidade.

Podemos afirmar que as teorias apresentadas nesta dissertação cumpriram o papel proposto pela Semiótica Social, apresentando diferentes abordagens para a relação texto-imagem, além da realização da análise sistemática do modo visual.

Os resultados obtidos por meio, primeiramente, da análise sistemática do texto visual demonstraram o potencial das imagens no plano da expressão e da produção de sentido. Podemos considerar a relevante contribuição da teoria de Kress & Van Leeuwen (1996), com a gramática visual na leitura de imagens, em que os autores conseguiram solidificar um modelo de análise de estruturas visuais via uma sintaxe particular das imagens.

Kress & Van Leeuwen (1996) conseguiram atingir os objetivos propostos por eles mesmos através da Semiótica Social; uma teoria adequada para explicar as modalidades textuais multimodais de maneira a permitir a descrição de características específicas de um modo em particular, bem como suas propriedades semióticas gerais.

Sendo assim, consideramos a proposta Sociosemiótica uma interessante possibilidade teórica para análise sistemática de imagens.

O objeto da Análise do Discurso de linha francesa é o Discurso e este não se confunde com o texto ou a língua. A língua é a materialização da ideologia e nesta

materialização, que ultrapassa os limites linguísticos, chega-se ao discurso. Segundo Orlandi (2008, p. 14), o “discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois”, é “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2008, p. 63).

Para se chegar ao discurso foi necessário analisar/interpretar outras categorias de análise: Condições de Produção, Formações Ideológicas, Formação Discursiva, Memória Discursiva, Interdiscurso e Intradiscurso, Implícitos, Silenciamentos e Lugar da Enunciação.

Inferimos que a revista *Veja*, uma revista de circulação nacional, divulga sua posição político/ideológico através da construção de textos multimodais presentes em suas capas. Esses textos produzem efeitos de sentidos e constituem o discurso que atende à determinada classe, público-alvo da revista. Em outras palavras, compreendemos que essa é uma das formas que uma revista de grande circulação nacional divulga sua posição político/ideológica, isto é, articulando imagem e texto verbal, por meio da linguagem multimodal, em suas capas, com objetivo de suscitar efeitos de sentido que sejam coerentes com sua forma política e ideológica de pensar.

O fato de esses textos multimodais serem estrategicamente construídos, somado à questão de não existir um letramento visual entre os leitores, ocasiona a persuasão dos destinatários sem haver uma consciência que estão sendo influenciados pela ideologia divulgada por meio desta capa de revista.

Dessa forma, é produzido um determinado Discurso, por meio da construção multimodal, em capas de revistas de circulação nacional. No caso da revista *Veja*, através das capas analisadas nesta investigação, este é o Discurso da classe dominante ou da ideologia do capital, que se opõe à posição ideológica que nutre a necessidade dos trabalhadores e se vinculam a discursos mais progressistas, que seria a posição representada por Lula aparentemente.

Através da construção sistemática do texto visual (escolha das cores, das formas geométricas, da direção do olhar, das representações...), das relações entre imagem e texto (ancoragem, representação...) e da escolha de certas combinações linguísticas, os responsáveis pela elaboração das capas conseguem produzir efeitos de sentido que atuam em favor do discurso que a revista quer fazer circular, ou seja, os elaboradores dessas capas recorrem a diversos recursos imagéticos e linguísticos (e de relação entre esses modos de expressão) para alcançar tais objetivos.

As combinações linguísticas foram desveladas, principalmente, com o auxílio das categorias de análise da Análise do Discurso. Pudemos perceber, por exemplo, o que estava implícito ou foi apagado (silenciado) através da elaboração da materialidade discursiva. Além dessas categorias de análise da AD citadas acima, outras foram observadas nas capas da revista *Veja*: Condições de Produção, Formações Ideológicas Formação Discursiva, Memória Discursiva, Interdiscurso e Intradiscurso, Discurso e Lugar da Enunciação.

Os efeitos de sentido são construídos e materializados em capas de revista de circulação nacional, principalmente em revistas de cunho político, isto é, existe uma intenção em divulgar determinada ideologia por meio das construções linguísticas/imagéticas que produzem determinados sentidos. Nas capas da revista *Veja*, foram diversos os efeitos de sentido (Lula melancólico, chefe de quadrilha, pressionado pela posição de classe dominante, em ruínas, presidente indireto...). Todos tinham em comum o objetivo de marcar oposição à figura do Ex-Presidente, ao partido PT e à classe dominada, à classe trabalhadora.

Conseguimos desvelar esses sentidos devido às reflexões das teorias utilizadas neste trabalho, ou seja, somente percebemos tal forma ordenada de construção textual/multimodal porque refletimos às diversas teorias de análise sistemática do texto visual, de relação multimodal entre imagem e texto verbal e as categorias de análise da AD.

Esses foram os caminhos que seguimos para chegar ao desvelamento das intenções do Corpo Editorial da revista *Veja* e da classe que este grupo representa: a Classe Dominante. Tais abordagens sinalizam um caminho em direção ao letramento visual e à apreensão de sentidos das imagens presentes na sociedade moderna. Este letramento permitiu-nos a uma visão mais crítica diante das intenções das representações ideológicas que estão presentes em nossa sociedade.

Ponderamos que esta dissertação não marca um fim, mas um vasto começo em direção à busca do letramento visual. As contribuições teóricas discutidas nesta investigação são pontes que podem levar a diferentes pesquisas, utilizando diverso *corpus* de análise além das capas de revistas utilizadas neste trabalho.

Na posição de professores/pesquisadores, oferecemos uma pequena, mas importante contribuição na tentativa de compreender as novas formas de representação linguística da sociedade moderna e assim tornar crítico nosso olhar para as diferentes formas de persuasão, por meio das denominadas construções multimodais.

Nossa pesquisa pode apontar aos professores alguns caminhos para o ensino/aprendizado de leitura das imagens nos diferentes gêneros e domínios discursivos e assim formar uma sociedade mais autônoma e crítica no modo de enxergar o mundo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. **Perspectivas em análise visual**: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

AMARAL, V. O marxismo inconcluso da Análise do Discurso: Um legado de Michel Pêcheux, **Signo y Señá**, número 24, diciembre de 2013, pp. 105-121. Disponível em: <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>, acesso em 4 de junho de 2016.

ARNHEIM, R., **Arte & Percepção Visual**. São Paulo: Editora Livraria Pioneira – 7ª edição, 1997.

BARTHES, R. **Lo obvio y lo obtuso**. Imágenes, gestos, voces. Barcelona: Paidós, [1964] 1986.

BERNARDO-SANTOS, W. J. ; TFOUNI, F. E. V. (Org.). **Discurso, Mídia e Ensino**: entrecruzamentos de abordagens. 1ª. ed. Aracaju: Criação, 2015. v. 01. 266p .

BUZATO, M. E. 2007b. **Letramentos Multimodais Críticos**: Contornos e Possibilidades. *Crop (FFLCH/USP)*, v. 12: 108-144, 2008.

CAMARGO, L. H. **Poesia Infantil e Ilustração**: Estudo sobre *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles. São Paulo, Unicamp, 1998 (Dissertação de Mestrado). Acessado em 17/09/2012, disponível em:  
<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000135504>>

CARDOSO, J. R. A imagem como recurso persuasivo da propaganda. In: ALMEIDA, D. B.(org.). **Perspectiva em análise visual**: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Editora da UFBP, 2008.

CARNEY, R. N., and LEVIN, J. R. Pictorial illustrations still improve students' learning from text. **Educational Psychology Review**, 14(1), 5-26, 2002.

CAVALCANTE, M. S. – **Qualidade e cidadania nos Parâmetros Curriculares Nacionais**: o simulacro de um discurso modernizador. Maceió: UFAL, 2002.

CAVALCANTE, M. S. Implícitos e silenciamentos como pistas ideológicas. In: MAGALHÃES, B. e AMARAL, V. (orgs.) **Leitura**, nº 23, Análise do Discurso. Maceió, EDUFAL, 2002.

CAVALCANTE, M. S.; MACHADO, F. **“O rugido das ruas” em 15 de março de 2015, no Brasil**: Acontecimento, Discurso e Memória. UFAL, 2015.

COURTINE, J-J. **Metamorfose do discurso político**: as derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz, 2006.

DIONISIO, A. P.; VASCONCELOS, L. J. Multimodalidade, Gênero textual e Leitura. In: BUZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FARINA, M.; PEREZ, C.; BASTOS, D. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Editora Edgar Bluche Ltda – 5. ed, 2006.

FERNANDES, C. **O imaginário de Veja sobre ‘os Lulas presidenciaíveis’**, Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras/UFRGS, Porto Alegre, RS, 2008.

FERNANDES, C. Imagens em rede: A opacidade da imagem e a leitura polissêmica. In: FERREIRA, M. C. (Org.). **Oficinas de Análise do Discurso: Conceitos em movimento**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. pp. 81 – 108.

FLORENCIO, A. M. G. et. al. **Análise do Discurso: fundamentos & práticas**. Maceió, Edufal, Maceió, AL. 2009.

GOMES, L. F. **Hipertextos multimodais: o percurso de apropriação de uma modalidade com fins pedagógicos**. 2007. 212 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2007.

GOMES, L. F. **Hipertextos multimodais – Leitura e escrita na era digital**. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

GOMES, L. F. **Abordagem sociosemiótica para leitura de imagem**. In: Seminário: Hipertexto e gêneros digitais. Ufal/PPGLL/2015.

GOMES, L. F. **Multimodalidade e leitura de imagens: a construção de sentidos em textos verbo-visuais**. In: Seminário: Hipertexto e gêneros digitais. Ufal/PPGLL/2015.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning**. London: Edward Arnold, 1978.

HAROCHE, C., HENRY, P., PÊCHEUX, M. La semantique e la ciupure saussuriense: langue, language, discours. **Language**, nº. 24, Paris: Didier/Larousse, 1971.

JEWITT, C.; OYAMA, R. Visual meaning: a social semiotic approach. In: VAN LEEUWEN, T.; JEWITT, C. (Orgs.). **Handbook of visual analysis**. London: Sage, 2001. p. 134-155.

KRESS, G. and VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. Routledge: London, 1996.

KRESS, G. VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication**. London: Edward Arnold, 2001.

KRESS, G. VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the Grammar of visual design**. London: Routledge, 2006.

KRESS, G.; LEITE-GARCIA, R.; VAN LEEUWEN, T. **Semiótica Discursiva**. In: van DIJK, T. A. **El discurso como estructura y proceso**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2000.

KRESS, G. What is mode? In: JEWITT, C. **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. London and New York: Routledge, 2009.

KRESS, G. A social-semiotic theory of multimodality. In: KRESS, G. **Multimodality – A Social semiotic approach to contemporary communication**. London and New York: Routledge, 2010.

KRESS, G. Partnerships in research: multimodality and ethnography. In: **Qualitative Research**. London: June, 2011.

LIMA, S.P. **Processamento cognitivo da escrita de texto multimodal em espanhol /LE**. 2016. 183 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2016.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARSH, E. E. and WHITE, M. D. A. Taxonomy of Relationships between Images and Text. **J. of Documentation**, 59, 6, 2003, 647-672.

MARTINEC, R., SALWAY, A. A system for image-text relations in new (and old) media. **Visual Communication**, 4(3), 2005, 337-3.

MITTMANN, S. Discurso e Texto: na pista de uma metodologia de Análise. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, M. C. (Orgs.). **Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos**. São Carlos: Claraluz, 2007. pp. 153 – 162.

MOREIRA, H.N. **As relações entre os modos visual e verbal em atividades de compreensão leitora: um estudo da multimodalidade em coleções didáticas de espanhol/língua estrangeira**. 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2013.

NOTH, W. **A semiótica no século XX**, São Paulo, Annablume, 1996. (Coleção E; 5)

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio. No movimento dos sentidos**. 6ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P.. **Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 9 ed. Campinas, São Paulo: Cortez, 2012.

PARADELLA, F. S. **Teoria da Forma: Ponto/Linha/Plano**. Adaptação de um capítulo do livro: *A necessidade da Arte*, de Ernest Fisher: Tradução – Leandro Kondel. Ed. Guanabara. 9ª Edição (1987).

PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso: as três épocas**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, M. **A análise de discurso três épocas**. In.: GADET, F.; HAK, T. (Org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PEDROSA, I. **Da cor à cor inexistente**. Brasília: Editora Universidade de Brasília – 3. ed., 1982.

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini et al. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SILVA, S. B. **A mulher no discurso da publicidade e os efeitos de sentido para promoção do Capital**. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, 2017.

SILVA SOBRINHO, H. F. **Discurso, velhice e classes sociais: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica**. Maceió: EDUFAL, 2007.

SILVA SOBRINHO, H. F. **Imagens e não-imagens da velhice na imprensa: formulações que encarnam o discurso, efetivam sentidos e delimitam sujeitos**. In: BERNARDO-SANTOS, W. & TFOUNI, F. (Org.). **Discurso, Mídia e Ensino: entrecruzamentos de abordagens**. 2. ed. São Cristovão: Editora da UFS, 2016, v. 1, p. 179-200.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <[http://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024\\_Metodologia\\_de\\_pesquisa\\_e\\_elabacao\\_de\\_teses\\_e\\_dissertacoes1.pdf](http://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024_Metodologia_de_pesquisa_e_elabacao_de_teses_e_dissertacoes1.pdf)> Acessado em janeiro de 2013.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Modelos teóricos e estratégias de leitura: suas implicações no ensino**. Maceió: EDUFAL, 2005.

VASCONCELOS, R. M.; CAVALCANTE, M. S.. **A educação mudando o Brasil?** Maceió: EDUFAL, 2013.

VEJA, São Paulo: Abril, Acervo Digital. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>, acesso em 5 de maio de 2016.

VEJA, São Paulo: Abril, edição 2450, ano 48, 4 de novembro de 2015. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/32020?page=1&section=1>, acesso em 15 de novembro de 2015.

VEJA, São Paulo: Abril, edição 2470, ano 48, 23 de março de 2016. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/37080?page=1&section=1>, acesso em 4 de abril de 2016, às 14h23min.

VEJA, São Paulo: Abril, edição 2189, ano 43, 3 de novembro de 2010. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/32286?page=1&section=1>, acesso em 4 de maio de 2017, às 14h54min.

VEJA, São Paulo: Abril, edição 1910, ano 38, 22 de junho de 2005. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/32579?page=1&section=1>, acesso em 4 de maio de 2017, às 15h12min.

VEJA, São Paulo: Abril, edição 1775, ano 35, 30 de outubro de 2002. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/32733?page=1&section=1>, acesso em 4 de maio de 2017, às 15h21.

VEJA, São Paulo: Abril, edição 1785, ano 36, 15 de janeiro de 2003. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/32721?page=1&section=1>, acesso em 4 de maio de 2017, às 15h30.

VENTURINI, M. C. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração – Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

VIEIRA, J. **Introdução à Multimodalidade**: contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.

VILARINHO, S. Concretismo no Brasil. *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/concretismo-no-brasil.htm>>. Acesso em 17 de outubro de 2016.

ZANDWAIS, A. Contribuições de teorias da vertente marxista para estudos da linguagem. **Revista Conexão Letras**, Nº 12. PAEP – UFRGS, 2014.

ZOPPI FONTANA, M.G. Lugares de enunciação e discurso. **Leitura**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFAL), Maceió, v. 23, n.jan/jun-99, p. 15-24, 2002.